



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro Biomédico

Instituto de Nutrição

Lívia Maria de Farias

**Alimentação, gênero e pesca: um estudo de práticas alimentares de homens em uma comunidade pesqueira em Macaé.**

Rio de Janeiro

2012

Lívia Maria de Farias

**Alimentação, gênero e pesca: um estudo de práticas alimentares de homens em uma comunidade pesqueira em Macaé.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Alimentação, Nutrição e Saúde.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Sílvia Ângela Gugelmin

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

F224 Farias, Lívia Maria de.

Alimentação, gênero e pesca: um estudo de práticas alimentares de homens em uma comunidade pesqueira em Macaé / Lívia Maria de Farias. – 2012.

131f.

Orientadora: Silvia Ângela Gugelmin.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Nutrição.

1. Hábitos alimentares – Aspectos sociais - Teses. 2. Homens – Hábitos alimentares – Teses. 3. Pesca – Aspectos sociológicos – Teses. 4. Petróleo – Aspectos sociológicos – Teses. I. Gugelmin, Silvia Ângela. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Nutrição. III. Título.

rc

CDU 612.395

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Lívia Maria de Farias

**Alimentação, gênero e pesca: um estudo de práticas alimentares de homens  
em uma comunidade pesqueira em Macaé.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Alimentação, Nutrição e Saúde.

Aprovada em 25 de setembro de 2012.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvia Ângela Gugelmin  
Instituto de Nutrição - UERJ

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Cláudia Veiga Soares  
Instituto de Nutrição - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mirian Baião  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro  
2012

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por todas as oportunidades que recebi e pela possibilidade de transformar o conhecimento adquirido em benefício ao próximo.

A minha família que acreditou, me incentivou e me apoio durante toda a construção da minha carreira profissional e acadêmica.

A minha orientadora Silvia Gugelmin pelo companheirismo e compreensão. Obrigada pela escolha para realização deste trabalho e por ter acreditado no meu desempenho, mais que orientadora deste trabalho, orientou meus caminhos durante esses dois anos e se mostrou uma grande amiga nos momentos mais difíceis.

Aos pescadores de Macaé por me 'adotarem' e me ensinarem a 'caminhar' na construção do trabalho etnográfico, em especial aos Senhores R., M. e Z.

As professoras Amábela Cordeiro e Maria Claudia Carvalho pelo apoio e participação da construção do trabalho de campo e na transformação da aluna em pesquisadora.

As amigas sempre presentes Rute Costa e Luciana Verona.

A Quel (Raquel Francisconi) por ter acreditado no trabalho, pela estada e pelo cafezinho reforçado antes das viagens.

Ao Javi e a Soninha pelo apoio e pelas noites não dormidas, auxiliando na construção e correção dos mapas e na revisão gramatical.

A Elisa Mendonça pelo apoio no trabalho de campo e no desenvolvimento da pesquisa.

Ao amigo Marcio Poton e a todos os amigos e professores do PPG - ANS.

A Maria, Viviane e a Raquel por ajudarem a resolver os pepinos burocráticos.

A todos aqueles participantes que me aceitaram e me ensinaram a respeitar e buscar compreender o outro.

## RESUMO

FARIAS, Livia Maria. *Alimentação, gênero e pesca: um estudo de práticas alimentares de homens em uma comunidade pesqueira em Macaé*. 2012. 135f. Dissertação (Mestrado em Alimentação, nutrição e saúde) – Instituto de Nutrição, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

A distinção de gênero é incorporada nas relações entre homens e mulheres, fundamentada na dominação masculina. Esta diferenciação entre os sexos pode ser vista em grande parte dos estudos sobre gênero e alimentação que enfatizam o papel da mulher como responsável pela preparação dos alimentos e pela garantia de uma boa alimentação familiar, e poucos exploram a relação estabelecida entre homens e alimentação. Frente ao insuficiente número de estudos relacionando o universo masculino com alimentação, este trabalho tem por objetivo analisar as práticas alimentares de homens de uma comunidade pesqueira em Macaé, estado do Rio de Janeiro. O processo de aproximação com o grupo estudado se deu, através da etnografia, que mostrou que seria preciso considerar alguns aspectos da estrutura social no qual o grupo estava inserido. Entre eles, a crescente transformação ocorrida no município de Macaé nos últimos quarenta anos advinda do surgimento da indústria petrolífera. Assim, podemos observar diversas modificações na forma de organização da atividade pesqueira do município e uma maior aproximação dos homens com a alimentação. O pescador passa a permanecer mais dias no mar e com isso, a necessidade de se aproximar de atividades ligadas à aquisição e preparo de alimentos, antes consideradas apenas atividades femininas. Observamos que o peixe torna-se um objeto de trabalho e opera diretamente na alimentação dessas famílias como fonte de renda. Vimos que as transformações sociais e econômicas ocorridas neste município não modificam apenas a forma de organização destes homens em relação à pesca, mas também o modo de pensar a alimentação e de se afirmarem como homens e pescadores, neste novo contexto.

**Palavras chaves:** Alimentação. Transformações sociais. Petróleo. Gênero. Pesca.

## RESUMEN

La distinción de género es incorporada en las relaciones entre hombres y mujeres, fundamentada en la dominación masculina. Esta distinción entre sexos puede ser vista en gran parte de los estudios sobre género y alimentación que enfatizan el papel de la mujer como responsable por la preparación de los alimentos y por la garantía de una buena alimentación familiar, y pocos exploran la relación establecida entre hombres y alimentación. Frente al insuficiente número de estudios relacionando el universo masculino con la alimentación, éste trabajo tiene como objetivo analizar las prácticas alimentares de los hombres de una comunidad pesquera de Macaé, estado de Rio de Janeiro. El proceso de aproximación con el grupo estudiado se dio, a través de etnografía, que mostró que sería preciso considerar algunos aspectos de estructura social en la cual el grupo estaba inserto. Entre ellos, la abrupta transformación ocurrida en el municipio de Macaé en los últimos 40 años, motivada por el surgimiento de la industria petrolera. Así, pueden observarse diversas modificaciones en la forma de organización de la actividad pesquera del municipio y una aproximación mayor de los hombres con la alimentación. El pescador pasa a permanecer más días en el mar y con ello, surge la necesidad de aproximarse a las actividades ligadas a la adquisición y preparo de alimentos, antes consideradas actividades meramente femeninas. Observamos que el pez se torna un objeto de trabajo e interviene directamente en la alimentación de estas familias como fuente de renta. Observamos que las transformaciones sociales y económicas ocurridas en este municipio no modifican sólo la forma de organización de estos hombres en relación a la pesca, sino también, en el modo de pensar la alimentación y de cómo afirmarse como hombres y pescadores, en este nuevo contexto.

**Palabras claves:** Alimentación. Transformaciones sociales. Petróleo. Género. Pesca.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Imagens da pesca em Macaé - RJ.....	12
Estrutura 1-	Esquema representativo do Mercado Municipal de Peixes, Macaé – RJ, 2011.....	22
Estrutura 2-	Esquema representativo dos locais percorridos no Bairro da Barra, Macaé-RJ, 2012.....	26
Figura 2-	Cais do Mercado Municipal de Peixes visto do posto de diesel, Macaé-RJ.....	28
Figura 3-	Portão de acesso ao cais do Mercado Municipal de Peixes, Macaé – RJ.....	30
Figura 4-	Local de desembarque de pescados no cais do Mercado Municipal de Peixe, Macaé – RJ.....	46
Figura 5-	Projeto de melhoria do Mercado Municipal de Peixes (MACAÉ b., 2011).....	47
Figura 6-	Órgãos representativos dos pescadores de Macaé.....	48
Figura 7-	Cestas básicas e material de pesca como redes e outros itens disponíveis para distribuição em uma reunião na Associação mista de pescadores em Macaé - RJ.....	49
Figura 8-	Bacia de Campos. Foto adaptada. (PETROBRÁS, 2009).....	51
Figura 9-	Área de exclusão ao redor das plataformas. (PETROBRÁS, 2009).....	53
Figura 10-	Cais do Mercado Municipal de Peixes de Macaé –RJ - espaço reservado a embarcações das indústrias petrolíferas.....	54
Figura 11-	Mulher trabalhando na pesagem do pescado.....	67
Figura 12-	Pescados expostos no chão do cais.....	73
Figura 13-	Pescador simulando o trabalho de seleção de camarão trazido no arrasto.....	76
Figura 14-	Fluxo produtivo do pescado em Macaé.....	83
Figura 15-	Retirada do pescado das embarcações.....	85
Figura 16-	Processo de pesagem do pescado no cais.....	86
Figura 17-	Utensílios utilizados na manipulação do pescado.....	89
Figura 18-	Descascadeiras: mulheres trabalhando no descasque do camarão.....	90



Figura 19-	Rancho realizado no mercado da praça dos pescadores na Barra, Macaé RJ.....	99
Figura 20-	Estrutura e horário das refeições nas embarcações.....	102
Quadro 1-	Estrutura e horário das refeições nas embarcações.....	104

## LISTA DE SIGLAS

<b>BC</b>	Bacia de Campos
<b>BOPE</b>	Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar
<b>CEASA</b>	Central de Abastecimento do município do Rio de Janeiro
<b>CNP</b>	Conselho Nacional do Petróleo
<b>NUPEM</b>	O Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé
<b>GPS</b>	<i>Global position system</i>
<b>IBAMA</b>	O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
<b>PAISM</b>	Programa de Atenção Integral a Saúde da Mulher
<b>PBF</b>	Programa Bolsa Família
<b>PPG - ANS</b>	Programa de Pós Graduação em Nutrição Alimentação e Saúde
<b>REDUC</b>	Refinaria de Duque de Caxias
<b>UERJ</b>	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
<b>UFMT</b>	Universidade Federal do Mato Grosso
<b>UFRJ</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>1</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b>	16
1.1	Técnicas utilizadas	18
1.2	Delimitações dos espaços e identificação dos sujeitos	20
1.3	O Trabalho de campo	27
1.4	Análise e Referencial teórico	35
<b>2</b>	<b>CONHECENDO MACAÉ</b>	41
2.1	A história da pesca em Macaé	43
2.2	A descoberta do petróleo na região e a formação do <i>“Todo poderoso Adversário”</i>	50
<b>3</b>	<b>GÊNERO E PESCA EM MACAÉ</b>	59
3.1	Modalidades de pesca em Macaé	61
3.2	Atividades de homens e mulheres na pesca	64
3.3	“O Predador do mar” - características de masculinidade impregnadas no homem pescador	70
3.4	“Protetor solar, pra quê?”- Quem cuida do homem do mar?	75
<b>4</b>	<b>ALIMENTAÇÃO, GÊNERO E PESCA: PARTICULARIDADES DAS PRÁTICAS ALIMENTARES DE HOMENS DA COMUNIDADE PESQUEIRA Z3</b>	80
4.1	Fluxo do pescado em Macaé: do mar para a mesa	81
4.2	O crescimento do município e as transformações na pesca e nas práticas alimentares dos homens da Colônia Z3	91
4.3	Do mar a terra: a relação dos homens pescadores com a aquisição, seleção, preparo de alimentos e estrutura das refeições	94
4.4	“Tem comida boa, com nutrição. Caloria a balde.”- alimentação saudável e restrições alimentares na perspectiva dos pescadores	107
4.5	“Minha geladeira é um aquário”: valor do peixe para os homens, alimento, comida ou fonte de renda?	113
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	116

<b>REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	119
<b>APÊNDICE A: Roteiro para domicílio comunidade pesqueira</b>	125
<b>APÊNDICE B: Termo de consentimento livre e esclarecido</b>	131
<b>ANEXO A: Documento de registro de doação de cestas básicas e material de pesca para os pescadores pela Associação Mista de Pescadores e pela Colônia de pescadores Z3.</b>	132
<b>ANEXO B: Rota de embarcadores, grandes embarcações e atividade sísmica realizada no mar pelas petrolíferas</b>	133
<b>ANEXO C: Lista de espécies de pescados capturados no mar e desembarcados no cais do Mercado Municipal de Peixes de Macaé.</b>	134
<b>ANEXO D: Informativo distribuído pela Prefeitura de Macaé no município.</b>	135

## INTRODUÇÃO

*O pescador tem dois amores. Um bem na terra, um bem no mar. O bem de terra é aquela que fica na beira da praia quando a gente sai, o bem de terra é aquela que chora, mas faz que não chora quando a gente sai. O bem do mar é o mar, é o mar que carrega com a gente pra gente pescar.*

(O bem do mar, DORIVAL CAYMMI).

A Nutrição como ciência sempre esteve próxima ao paradigma biomédico, expresso nas práticas de saúde. O enfoque estritamente biológico influencia a prática nutricional, que se baseia em especial no alimento como fonte de nutrientes e energia. O cuidado dietético está fundamentado em uma alimentação idealizada buscando a prevenção e o tratamento de Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNT), como obesidade, diabetes, hipertensão, e doenças carenciais, como hipovitaminoses e desnutrição (FREITAS, MINAYO e FONTES, 2011).

No entanto, independente deste caráter fortemente biológico e fundamentado na doença, os estudos sobre alimentação que estão articulados com as Ciências Sociais “interessam-se pelos seres humanos em escala social e pelas suas especificidades que constroem e as comparam” (CARRASCO I PONS, 2005, p.111).

A aproximação da Antropologia aos estudos da alimentação resulta em uma iniciativa de compreender fatores que influenciam o comportamento alimentar de grupos sociais específicos, o que é classificado como comida, o preparo dos alimentos, as escolhas e os valores simbólicos dados aos alimentos ou à comida (CARRASCO I PONS, 2005).

Assim o ato de alimentar-se não está relacionado apenas com a ingestão de nutrientes e as escolhas alimentares não são baseadas somente nas necessidades fisiológicas. As práticas alimentares e os alimentos são classificados e selecionados pelos seres humanos de acordo com regras construídas socialmente (CANESQUI, 2007; CARVALHO, LUZ e PRADO, 2011).

A incorporação dos aspectos culturais e sociais aos estudos sobre alimentação se conforma como um avanço para a Nutrição, trazendo um novo olhar para a relação ser humano, alimento e ambiente. Durante anos da minha vida me desdobrei em duas para concluir as graduações de Serviço Social e Nutrição. Apesar de ter concluído e nunca ter exercido a profissão, a assistente social que

existe na nutricionista jamais me deixou ver a Nutrição apenas pelo caráter biomédico. Precisava de mais, precisava estar em contato com pessoas que entendessem minhas dúvidas.

Por isso ingressei no Programa de Pós Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde (PPG-ANS), do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com o objetivo de estudar aspectos relacionados à saúde do homem e seus cuidados com a alimentação. A vontade de trabalhar com alimentação masculina me levou a participar de uma pesquisa sobre cultura alimentar em comunidades tradicionais (pescadores e indígenas), desenvolvida por três universidades, a saber: Federal do Mato Grosso (UFMT), Federal do Rio de Janeiro (UFRJ-Rio e Macaé) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O meu interesse em estudar aspectos relacionados à alimentação de homens pescadores me fez conhecer um novo mundo. Construir valores diferentes e compreender como o mar e a pesca (Figura 1) conduzem a vida desses homens e de suas famílias.



Figura 1: Imagens da pesca em Macaé - RJ (Foto de Livia Farias, 2011).

A relação da pesca com a alimentação reafirma a ideia de um olhar ampliado da Nutrição, não apenas considerando o aspecto biomédico e o cultural, mas

também políticos, territoriais, ambientais, sociais e econômicos. Castro, Castro e Gugelmin (2011), baseadas em Cannon e Leitzmann (2005) e Lang, Barling e Caraher (2009), propuseram uma sistematização das dimensões da alimentação a fim de expandir as possibilidades de ações de educação nutricional e de alimentação e nutrição propostas pelas políticas públicas. De acordo com as autoras, as dimensões biológica, psicossocial e cultural, ambiental, econômica e do direito humano estão interligadas e refletem as relações humanas, sociais e ambientais com o alimento em si, necessitando ser aprofundadas no campo da Alimentação e Nutrição.

Além da influência dos aspectos acima mencionados nas práticas alimentares, ainda devemos considerar as relações de gênero construídas em uma sociedade, as quais propagam, geralmente, uma disposição e/ou perpetuação da dominação masculina (BOURDIEU, 2010). A maior parte dos estudos de gênero abordam as questões femininas colocando os homens numa posição de responsáveis pela relação social desigual construída historicamente entre os gêneros, fato que também ocorre na literatura relacionada à comunidade pesqueira e gênero (BORGONHA, BORGONHA, 2008; PINHEIRO, 2008; RUFINO, 2008; CAVALCANTI, 2008; LEITÃO, 2010).

Os estudos que trabalham gênero e alimentação também acompanham esta linha e enfatizam mais o universo feminino. As mulheres são consideradas responsáveis pela preparação dos alimentos e pela garantia de uma boa alimentação familiar, reforçando o imaginário de que a alimentação é assunto de mulher (CANESQUI, 2007; BOURDIEU, 2010). Desta forma, os homens pouco são incluídos nesta temática.

Não pretendo ter uma postura de defensora dos homens e da desigualdade entre gêneros. Tento aqui compreender a posição masculina em relação à alimentação, considerando que os homens como agentes reprodutores da ordem masculina, em determinadas situações, não dão importância às questões ligadas à alimentação por considerar área de domínio feminino.

Desta forma, considerando as três áreas de interesse desta dissertação: alimentação, gênero e pesca; pensamos, inicialmente, em algumas questões que norteariam o trabalho, como: Como é a prática alimentar dos homens pescadores? Existem diferenças nas práticas alimentares dos homens na embarcação e no domicílio? Como a atividade laboral interfere nas práticas alimentares desses

homens? Qual o papel desempenhado pelos homens nas práticas alimentares da comunidade e como as modificações sociais e econômicas da cidade influenciaram nas práticas alimentares dos pescadores?

Para responder essas questões foi criado como objetivo principal da pesquisa: Analisar as práticas de alimentação de homens de uma comunidade pesqueira em Macaé, estado do Rio de Janeiro.

E como objetivos específicos:

- Identificar aspectos relevantes das práticas alimentares na perspectiva dos homens;
- Descrever os papéis desempenhados pelos homens do grupo estudado nas práticas alimentares;
- Comparar as práticas alimentares de homens em dois espaços: na embarcação e no núcleo familiar;
- Compreender como a atividade pesqueira interfere nas práticas alimentares dos homens estudados;
- Entender como as modificações sociais e econômicas ocorridas na cidade de Macaé interferem nas práticas alimentares dos homens estudados.

A dissertação está organizada em quatro seções. A primeira apresenta o caminho metodológico percorrido para construção do trabalho. Nesta seção estão descritas as técnicas utilizadas para realização do trabalho, os sujeitos entrevistados, os espaços percorridos e o campo de pesquisa. Consta, ainda, o referencial teórico utilizado para analisar os dados coletados ao longo do trabalho etnográfico.

A seção dois expõe dados sobre Macaé, bem como a história da pesca no município. É constituído, ainda, pela apresentação da descoberta do petróleo na região, pela chegada das indústrias petrolíferas, e formação da Bacia de Campos.

A terceira seção indica a relação entre gênero e pesca, indicando os dados observados no campo a respeito de papéis de homens e mulheres na atividade pesqueira e como esta se relaciona com a distinção de gênero. Esta seção aponta características do 'pescador' estudado e as marcas de masculinidade impregnadas a este sujeito pela pesca.



A quarta seção discute dados sobre alimentação dos homens estudados. Esta seção foi construída apresentando o fluxo de pescado em Macaé, as particularidades das práticas alimentares dos homens, e suas modificações de acordo com os espaços terra e mar.

As considerações finais demonstram as transformações na forma de comer e de perceber a alimentação dos homens estudados com as mudanças ocorridas na pesca com a chegada das petrolíferas na região. Além de indicar a importância de uma abordagem mais ampliada na forma de estudar as práticas alimentares, incorporando além dos aspectos relacionados a forma de preparar e consumir os alimentos e os valores simbólicos em torno do ato de comer devemos agregar outros fatores como ambiente, economia, gênero, organização social e etc.

## 1 PERCURSO METODOLÓGICO

*Se meus joelhos não doessem mais diante de um bom motivo que me traga fé (...). Se por alguns segundos eu observar, e só observar a isca e o anzol (...). Ainda assim estarei pronto pra comemorar se eu me tornar menos faminto e curioso. O mar escuro trará o medo, lado a lado com os corais mais coloridos (...).*  
(Pescador de ilusões, O RAPPÁ).

As questões relacionadas à saúde e gênero sempre fizeram parte de minha formação acadêmica, mesmo que meus trabalhos incluíssem apenas mulheres até o ingresso ao PPG-ANS. O interesse em estudar os homens surgiu durante a elaboração do trabalho de conclusão de curso “Serviço Social e transtornos alimentares: uma perspectiva de gênero e geração”, onde me deparei com a dificuldade dos profissionais de saúde entrevistados em lidar com aspectos relacionados à saúde e alimentação de homens. A entrada para o PPG-ANS, anos após a conclusão deste trabalho, se deu com a proposta de investigar práticas alimentares de homens adultos em áreas urbanas.

Com o início do mestrado e a aproximação com a pesquisa sobre cultura alimentar em comunidades tradicionais, passei a pensar como ocorriam as relações dos pescadores com a comida e como eram suas práticas alimentares. O empenho inicial foi o de pensar as questões norteadoras do estudo. Para responder essas questões, escolhemos a etnografia como caminho metodológico.

A interação do pesquisador com o grupo é fundamental para o trabalho etnográfico, pois são as relações que estabelecemos com os ‘outros’ que nos conduzem e nos colocam (ou não) no convívio das pessoas a quem estamos observando. Para praticar a etnografia foi preciso criar redes de relacionamentos com as pessoas da comunidade, conhecê-las, selecionar quem seria importante na coleta de informações sobre espaços e organização social em torno da pesca.

Fazer etnografia, segundo Angrosino (2009), é descrever um povo, uma forma de estudar um grupo de pessoas. Para isso fui a Macaé, local escolhido para realização da pesquisa, me envolvi com as pessoas e com suas histórias. Conheci seus problemas, suas dificuldades, participei de momentos de alegria e de busca de soluções para melhoria de vida do grupo. Enfim, me entreguei ao trabalho, assumindo a responsabilidade de enfrentar as diferenças e as novidades.

A dinâmica etnográfica, conforme Da Matta (1978) descreve, é dividida em três etapas:

A primeira consiste na construção do material teórico que fundamentará a pesquisa; onde o pesquisador ainda não possui contato com o grupo estudado, apenas ideias e imaginações. Nesta fase o pesquisador possui um conhecimento não vivenciado, obtido por meio de livros, ensaios e artigos.

Nesta dissertação, a primeira etapa foi marcada por muita leitura sobre etnografia, pesca, alimentação e relação de gênero, e pelo levantamento de dados sobre o local escolhido para a realização do trabalho de campo. Esta garimpagem de dados foi realizada em páginas da *web*, reportagens de jornais e artigos a respeito da pesca na região norte fluminense.

O local para a realização do trabalho de campo desta dissertação (Colônia de Pescadores Z3, bairro da Barra de Macaé) foi escolhido previamente, com base no projeto de pesquisa intitulado “Cultura e práticas alimentares em comunidades tradicionais das regiões sudeste e centro-oeste do Brasil”. O projeto tem por objetivo mapear a cultura alimentar de populações tradicionais, numa perspectiva de articulação com as políticas de Segurança Alimentar e Nutricional (GUGELMIN, 2010).

A segunda etapa da etnografia consiste no delineamento do trabalho de campo e na aproximação com o grupo. É neste momento que o pesquisador planeja onde ficar, onde comer, como se aproximar do grupo e outros aspectos mais concretos, fundamentais para entrada no campo de pesquisa (DA MATTA, 1978).

Para iniciar esta aproximação, uma das pesquisadoras ficou responsável por apresentar a proposta do trabalho para representantes dos pescadores na Colônia. Logo após esta apresentação, marcamos uma primeira visita com todos participantes do grupo de pesquisa ao local escolhido para realizar o trabalho. Nesta viagem conhecemos os presidentes da Colônia e da Associação Mista de Pescadores da Barra, alguns pescadores e locais que se tornariam importantes espaços de construção do campo, como o Mercado Municipal de Peixes, a Colônia de Pescadores Z3 e alguns bairros de pescadores.

Na última etapa ocorre a coleta dos dados etnográficos propriamente ditos (DA MATTA, 1978). Nesta fase, o pesquisador aprofunda sua vivência com a cultura do grupo estudado, observa, participa, interage e estranha as particularidades do grupo. É a fase dos questionamentos e das experiências sobre a cultura do outro; é

por meio deste estranhamento e da vivência que são coletados os dados etnográficos.

Apenas o campo de pesquisa, os agentes envolvidos e as relações sociais estabelecidas entre o pesquisador e a comunidade dão sentido à busca das informações e compreensão do que se pretende estudar. O trabalho se faz no decorrer das atividades, o novo e a incapacidade de planejar e premeditar as ações contagia o pesquisador. Até mesmo as dificuldades que surgem no decorrer do trabalho traz ao pesquisador a vontade de continuar, de saber e conhecer melhor o grupo e o objeto a ser investigado.

É nesta etapa de coleta de dados etnográficos que precisamos estar abertos e atentos aos detalhes, as falas, as ações cotidianas, a compreensão do outro frente ao objeto que estamos trabalhando. Sem esta postura não conseguiríamos realizar uma descrição densa dos dados etnográficos.

Assim, a construção de um trabalho etnográfico se faz por meio de uma leitura de um texto “estranho (...), cheio de elipses, incoerências (...) e comentários tendenciosos” (GEERTZ, 1989, p.7), escrito com exemplos da prática cotidiana, de comportamentos modelados, e reconstruído e interpretado pelo pesquisador como uma rede em constante movimento como será discutido no referencial teórico.

## **1.1 Técnicas utilizadas**

A etnografia é guiada e fundamentada na curiosidade do pesquisador e na sua vontade de compreender o objeto a ser estudado. No entanto, para captar as informações necessárias é preciso que ele faça parte do contexto social. Uma das grandes dificuldades iniciais de um trabalho etnográfico está justamente em ser aceito pelo grupo estudado. O pesquisador se prepara anteriormente com informações a respeito da comunidade, observa e pensa na melhor forma de estabelecer as relações com o grupo, mesmo que depois percebamos que não somos nós que criamos esta relação entre pesquisador e sujeito. São elas, as pessoas que estão sendo observadas e observando, que nos integram e nos aceitam no grupo.

A forma de se colocar no papel de observador é importante em um trabalho etnográfico, principalmente no início do contato com o grupo. Neste momento ainda não nos damos conta de quem está sendo observado somos nós e que a aproximação só é viável com a aceitação do grupo e não por nossa vontade.

Durante o trabalho etnográfico utilizamos como técnicas de coleta de dados a observação e entrevistas etnográficas, e como técnicas de registro o diário de campo e a fotografia. Para realização da observação etnográfica nos respaldamos em uma das categorias propostas por Gold, 1958 (apud, ANGROSINO, 2009), dentre as quatro formas de observação descritas na tipologia clássica dos papéis do etnógrafo. A escolhida para realização do trabalho foi aquela onde o pesquisador desempenha um papel de observador-como-participante.

Para o autor, nesta forma de observação, o pesquisador passa breves períodos no local, estabelece relações com pessoas visando conhecer a realidade de vida do grupo e de estabelecer possibilidades para realização de entrevistas. O pesquisador é conhecido e aceito, mas atua apenas como pesquisador, não atuando diretamente nas atividades do grupo.

Os fatos observados, presenciados e vividos foram anotados diariamente em meu diário de campo que, segundo Costa (2003), passa a ser um documento importante de registro da pesquisa, onde são anotadas as impressões, assim como os sentimentos vividos pelo pesquisador de forma fiel e detalhada. Essas anotações auxiliam o pesquisador a escolher informantes, descrever os locais visitados e pessoas.

Além das anotações em diário de campo, utilizei a entrevista etnográfica. Esta foi realizada de duas formas distintas: uma através de conversas informais focalizadas com algumas pessoas da comunidade e outras com um caráter mais formal seguindo a organização de roteiros.

As conversas informais ocorreram, na maioria das vezes, com os vendedores do mercado de peixe e aconteceram de forma espontânea. Com o decorrer da conversa, ia incorporando alguns comentários de outros informantes ou algumas questões dos roteiros para saber a opinião os entrevistados.

Dois roteiros foram elaborados (Apêndice A) para realização das entrevistas. O primeiro foi direcionado aos pescadores, onde incluía questões a respeito da pesca, tipo de trabalho e alimentação, principalmente a forma de se alimentar no mar. O segundo foi direcionado as mulheres da comunidade e estava voltado

apenas as questões que diziam respeito a alimentação da família no lar, aquisição de alimentos e particularidades do modo de comer dos homens.

Este segundo roteiro foi elaborado pela necessidade de incorporar as mulheres na pesquisa. Inicialmente, os homens entrevistados não falavam sobre os assuntos ligados a alimentação, argumentando que este não era um tema de seu interesse. Os homens consideram sua alimentação “normal” (termo êmico), de forma que não compreendiam minha curiosidade.

Durante as entrevistas e as visitas a comunidade e as casas, ainda observei aspectos como moradia dos pescadores e de suas famílias, coleta de lixo e oferta de serviços públicos como saúde e escola.

A utilização da fotografia foi importante para mapear lugares e situações relacionadas à pesca e as práticas alimentares. As fotos foram utilizadas ao longo do trabalho para auxiliar na descrição de locais e de alguns fatos. Considerando os aspectos éticos, a fim de manter o sigilo e impedir a identificação dos informantes, as fotos com pessoas foram publicadas com tarja preta. Em relação à identificação dos entrevistados, utilizamos a inicial do nome, para evitar o reconhecimento dos indivíduos. Todos os indivíduos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com a autorização do uso de imagens. O projeto foi aprovado pelo parecer do COEP/UERJ 033/2011.

## **1.2 Delimitações dos espaços e identificação dos sujeitos**

Para melhor compreender os espaços de trabalho, dividi o campo em duas grandes áreas, o Mercado Municipal de Peixe e o bairro da Barra. Este primeiro espaço compreende o próprio mercado, o cais e as adjacências como o posto de óleo diesel, os frigoríficos, a subsecretaria da pesca e a colônia de pescadores. Espaços muito frequentados na primeira etapa do trabalho de campo. O segundo espaço engloba a praça dos pescadores, a venda de alimentos, o frigorífico, o porto do senhor João Barbudo, o Canal Macaé, a associação de moradores da Barra e a Associação Mista de Pescadores da Barra.

Dois mapas foram criados para detalhar os locais e durante todo o trabalho de campo acabei utilizando-os como forma de orientação e planejamento. Escrevia os

nomes dos informantes nos locais que poderia encontrá-los, assim como pontos relevantes para a pesquisa, por exemplo, questões que deveriam ser abordadas mais uma vez, dúvidas, ideias, etc.

Os mapas não foram utilizados apenas no período de coleta de dados, conforme explicado. Durante o processo de análise, utilizei-os em diversas etapas: muitas anotações importantes a respeito de informantes, locais e indicações de análises prévias estavam registradas nos mapas. Durante o trabalho de coleta de dados, indicava no mapa as páginas do diário de campo e pequenas informações e no próprio diário de campo, já iniciava pequenas análises com base nas informações coletadas.

Os dois mapas criados são resultados do trabalho etnográfico e da minha observação como pesquisadora. Por mais que tenha tido alguns cuidados, posteriormente, como colocar nomes de ruas, pontos que não foram visitados como a igreja e o centro médico, estes não representam uma disposição geográfica real das áreas estudadas, mas sim a minha percepção como pesquisadora dos locais visitados. Estes cuidados foram tomados para que os mapas pudessem ser incluídos na dissertação de forma que os leitores pudessem compreender os espaços citados.

O primeiro mapa (Estrutura 1) foi desenhado de acordo com as experiências vividas no mercado de peixes. A ideia de colocar os espaços no papel surgiu da necessidade de entender as diferenças entre os espaços de venda de peixes no mercado.

O Mercado Municipal de Peixes possui três áreas de vendas de pescado, cada uma delas com características únicas. Inicialmente senti muita dificuldade de entender estes espaços, assim como de explicá-los. Assim passei a anotar características de cada um e colocar no papel em quadros, este trabalho foi se aprimorando conforme o aumento da qualidade das informações até resultar na confecção do primeiro mapa.



Estrutura 1: Esquema representativo do Mercado Municipal de Peixes, Macaé – RJ, 2011.

A estrutura 1 descreve as áreas de venda de pescado do mercado, assim classificadas por mim: como tenda, mercadinho e mercadão. A prefeitura de Macaé possui um projeto de reformulação do mercado e há quatro anos, segundo relato dos vendedores, derrubou uma parte do mercado com a promessa de uma obra que até agora ainda não foi iniciada.

A  rea denominada mercadão é a única que possui a estrutura inicial do mercado, nela os *boxes*, como são chamadas as bancas de peixes, são feitas de alvenaria, com bancada de mármore, a maior parte possui *freezers*, para armazenamento dos peixes e frutos do mar, e máquinas de cartões de débito e crédito. A diferença entre as áreas foi evidente desde a primeira visita, mas foram justamente estas distinções que mostraram como a pesca no município está tão envolvida com a política local.

Durante todo o trabalho no mercado tentei entender estas distinções e a razão de alguns vendedores estarem instalados no mercadão e outros na tenda ou no mercadinho, apesar do esforço, não obtive respostas para muitas dúvidas sobre esta situação do mercado e diversas outras. Há um ambiente de tensão em relação   administração do Mercado Municipal de Peixes, com acusações diversas de ambas as partes, inclusive na m dia local (vide denúncia sobre irregularidades administrativas publicada no jornal Macaé News, de 19/04/2012).



A tenda, uma estrutura de metal coberta por uma lona que protege os vendedores da chuva e do frio, foi erguida no antigo espaço de alvenaria demolido. É o local com mais dificuldades de estrutura, possui um ponto de água que é compartilhada por todos os trabalhadores e uma bancada grande para limpeza de pescado, que é utilizada pela maior parte dos trabalhadores deste espaço. Ao lado da tenda da prefeitura construiu uma estrutura de alvenaria em menor escala, com algumas bancadas, seguindo os padrões do mercadão. Esta área foi denominada, neste estudo, como mercadinho.

O início do trabalho de campo ocorreu no Mercado Municipal de Peixes e os primeiros contatos, com peixeiros e depois com os pescadores, foram feitos neste local. Os peixeiros, forma como são chamados os vendedores de pescados do mercado, tiveram um papel muito importante no trabalho, pois foram eles quem me apresentaram ao senhor M. e a tantos outros pescadores.

O senhor M., foi um dos informantes mais importantes da pesquisa, junto aos senhores R. e Z., pois acabaram atuando como agentes facilitadores do trabalho. Foram eles que me apresentaram os pescadores, me levaram a pontos importantes, marcavam reuniões e me convidavam para participar de atividades realizadas na Associação Mista e na Colônia.

No Mercado Municipal de Peixes tive dificuldades de estabelecer contato com as pessoas, pois os peixeiros por mais atenciosos que fossem não falavam abertamente sobre determinados assuntos, como por exemplo, a situação do mercado. Com a destruição de parte do mercado, alguns peixeiros perderam suas bancas e com a construção da tenda e do mercadinho passaram a receber uma concessão para continuarem trabalhando nestes espaços. O administrador do mercado como representante da prefeitura exerce uma função de controle deste ambiente, assim ficava o tempo todo transitando pelos espaços, fato que os impedia de falar, pois temiam uma retaliação por parte dele, principalmente aqueles que não possuíam a regularização de seu espaço de venda.

Mesmo com a dificuldade em falar de determinados assuntos no mercado, foi neste local que coletei grande parte das informações aqui descritas e que conheci a maioria dos informantes da pesquisa. Inicialmente as entrevistas seriam realizadas apenas com homens pescadores da comunidade, mas no decorrer do trabalho etnográfico, percebemos que outros sujeitos deveriam ser incluídos. Assim, passaram a participar do trabalho, antigos pescadores, donos de barcos,

representantes da comunidade pesqueira (da Associação de Moradores da Barra, da Associação Mista de Pescadores e da Colônia de Pescadores Z3), peixeiros e atravessadores (pessoas que compram os pescados diretamente dos pescadores e vendem em outras regiões como Rio de Janeiro, Espírito Santo e outras) e as esposas dos pescadores.

As entrevistas foram realizadas após a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido e autorização por parte dos participantes (Apêndice B). Algumas eram agendadas previamente e outras aconteciam no próprio local onde encontrava os informantes.

Uma estratégia de aproximação com o campo foi por meio da Associação de Moradores da Barra. Antes do início do trabalho de campo, participamos, eu e outras integrantes da pesquisa de dois eventos realizados neste local com as crianças da região. Inicialmente não acreditava que o trabalho com as crianças seria um ponto facilitador na aproximação com os pescadores, mas foi por meio dele que muitos pescadores e suas esposas me conheceram, fato que facilitou meu acesso tanto no espaço físico para realizar encontros com os pescadores sempre que precisava; quanto com os próprios pescadores e esposas. No início do trabalho a maioria das entrevistas foi realizada na Associação de Moradores.

Passei a frequentar o bairro da Barra, pois precisava manter uma aproximação maior com os pescadores, que passavam as tardes sentados na praça, e com as mulheres, para realizar as entrevistas futuramente. Assim, passei a observar os locais e fazer anotações para construir um mapa (Estrutura 2) da comunidade capaz de me auxiliar na análise e compreensão dos fatos, da mesma forma como já havia feito anteriormente.

A ida para o bairro da Barra ocorreu com o intuito de aumentar a aproximação com a vida dos pescadores e com suas famílias. Assim passei a observar a estrutura do local e suas particularidades. O bairro é cortado por um rio e pelo canal Campos-Macaé. Algumas áreas sofrem com problemas ligados a violência e ao tráfico de drogas, como a comunidade da Nova Holanda. Já a comunidade da Brasília, local de moradia da maior parte das famílias de pescadores, já não passava mais por esse problema, mas segundo relato dos moradores esta área também já foi dominada pelo tráfico.

Quando passamos pela rua Governador Roberto Silveira podemos ver a praia de uma lado e um comércio de outro que em grande parte da trajetória da pista

esconde o bairro, caracterizado pela favelização. Pequenas ruas transversais a esta rua principal fazem a ligação da praia com a comunidade.

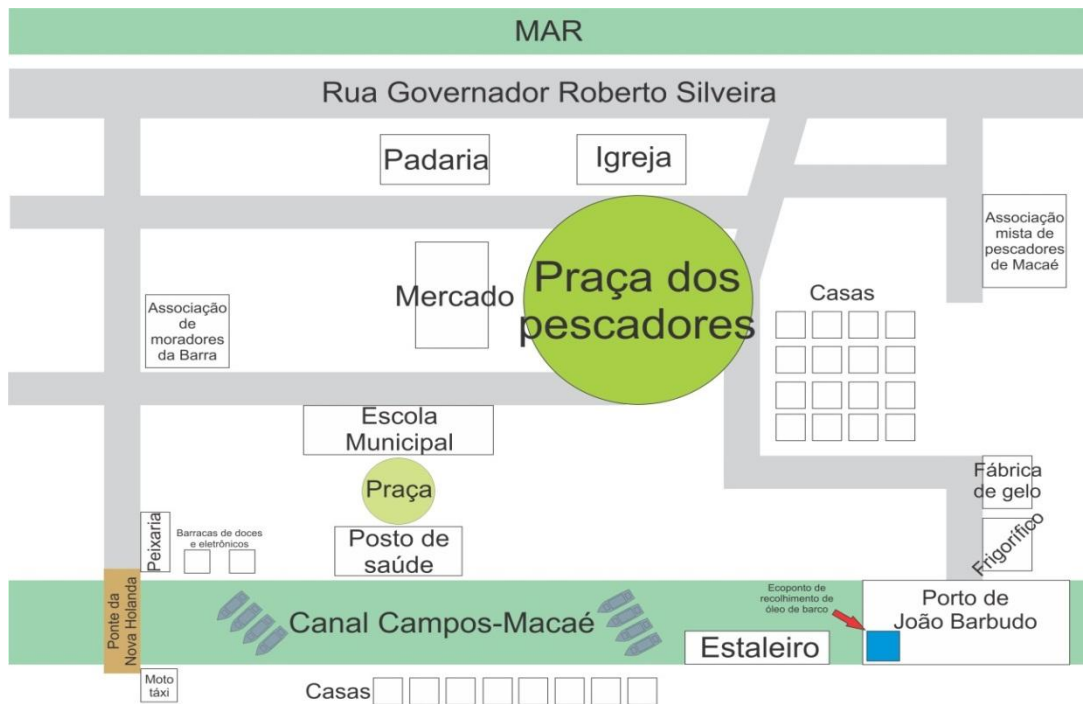
A área mais comercial da comunidade está em volta da praça dos pescadores. Nesta área encontra-se o maior mercado da região e os pescadores costumam se reunir para beber ou jogar cartas no período da tarde.

Diversas igrejas protestantes estão espalhadas por toda área da comunidade. Este fato pode ser explicado pelo grande número de famílias evangélicas existentes hoje. Segundo relato dos pescadores, hoje a maior parte deles se converteram em religiões protestantes deixando o catolicismo. No entanto não deixaram de comemorar o dia de São Pedro, padroeiro dos pescadores. Esta data é uma tradição na colônia. Neste período são realizadas festas, uma no Centro, e que segundo os pescadores é para moradores de Macaé e para migrantes e turistas. A outra festa acontece na própria comunidade, na praça dos pescadores, e é organizada e frequentada pelos próprios e suas famílias. Ainda realizam um desfile de embarcações, que saem do cais do Mercado Municipal enfeitadas.

A comunidade conta com um posto de saúde e com uma escola municipal, que ficam entre a Nova Holanda e a Brasília, local onde está a praça dos pescadores. O sistema de água e esgoto é oferecido pela rede pública, assim como a coleta de lixo. A maior parte das ruas é asfaltada e contam com iluminação pública.

A região mais próxima ao canal Campos-Macaé é mais pobre. Nesta região podemos encontrar ruas não asfaltadas, e sem iluminação adequada. As casas são pequenas e com problemas de vazamentos e rachaduras.

As casas são diferenciadas de acordo com a situação econômica de cada família. Existem casas grandes, com maior conforto e outras mais simples. As que estão situadas próximo ao canal ou ao rio deixam suas embarcações ancoradas em frente de casa.



Estrutura 2: Esquema representativo dos locais percorridos no Bairro da Barra, Macaé – RJ, 2012.

Como já havia construído o primeiro mapa e já tinha me acostumado a trabalhar desta forma, assim que cheguei ao bairro dos pescadores passei a fazer o mesmo. Desenhei um mapa esquemático dos lugares por onde passei, sem a intenção de representar geograficamente todo o bairro, mesmo processo que havia feito no cais. Em cada local que ia, anotava as características que observava; as pessoas que frequentavam o local e qualquer outra informação que aparentasse relevância naquele momento. Assim, surgiu a ideia de melhorar o segundo mapa, indicando as áreas percorridas no bairro da Barra, a praça dos pescadores, o porto do senhor João Barbudo, as associações e as casas dos pescadores.

Com o desenvolvimento da pesquisa percebemos a necessidade de incluir as esposas, fato que será explicado mais detalhadamente no capítulo sobre práticas alimentares. Assim, passei a frequentar as casas dos pescadores para conversar com suas esposas e mães.

A maior parte das famílias visitadas foi selecionada com a ajuda do senhor Z., que indicava pessoas que acreditava serem mais receptivas a perguntas. Com o início do trabalho nas casas, as próprias mulheres entrevistadas indicavam outras mulheres. O senhor Z. fez uma lista com alguns nomes e endereços de suas casas.

Nesta havia esposas de pescadores donos de barcos, e aquelas que eram casadas com pescadores empregados.

Quando passei a frequentar as casas dos pescadores, pude ter uma maior compreensão do modo de viver dos homens. Os pescadores estruturam sua vida de acordo com a rotina de trabalho, assim como suas famílias. Entrar nas casas, me permitiu ter uma aproximação com esses homens em um ambiente que não era o da pesca, estritamente masculino.

### **1.3 O trabalho de campo**

O início do trabalho de campo ocorreu em 2011, com a primeira visita à cidade. Nosso grupo era formado por sete integrantes, e tínhamos como intuito, apresentar o projeto a comunidade pesqueira, conhecermos o Mercado Municipal de Peixes e o cais. Neste momento ainda tínhamos dúvidas a respeito da organização geográfica dos pescadores na cidade de Macaé. Segundo os presidentes da Associação Mista e da Colônia, havia diversos bairros com pescadores, fato que exigiu a escolha de apenas um bairro, a Barra de Macaé, que eles indicaram como o mais antigo.

Este bairro era tradicionalmente uma colônia de pescadores, que na década de 1970, foi ocupada de forma desordenada, pelos migrantes que buscavam novas oportunidades na cidade que mais crescia no estado do Rio de Janeiro, como resultado do início da exploração petrolífera na região. Por ter um rio que corta o bairro e deságua no mar era um espaço que facilitava a entrada e saída dos barcos pesqueiros, prática ainda hoje utilizada.

Essa primeira visita foi importante para acalmar nossos anseios e para conhecermos melhor a comunidade. Naquele momento o Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (BOPE) estava iniciando as atividades de pacificação das favelas do Rio de Janeiro, fato que repercutiu em outros locais do estado, inclusive em Macaé. Com a entrada do BOPE nas favelas do Rio de Janeiro, outras áreas dominadas pelo tráfico de drogas em diversas regiões do estado passaram a receber os traficantes destas regiões. O BOPE passou a fazer incursões em diversos locais do estado em busca de traficantes e de armas, incluindo Macaé.

A favela Nova Holanda, uma das mais violentas da região, incluindo também Malvinas, Brasília e Fronteira, estão localizadas no bairro da Barra de Macaé. Alguns destes locais são marcados pela violência e pelo tráfico de drogas. Apesar de essas comunidades estarem inseridas no bairro, os locais de violência são demarcados geograficamente. Assim podíamos transitar com tranquilidade por alguns espaços e éramos impedidos de entrar em outros.

Durante nossa primeira visita houve a entrada do BOPE nas favelas de Malvinas e Nova Holanda, fato que resultou no atraso da entrada no campo. O medo de iniciar o trabalho em um local desconhecido, distante de casa e ainda com os problemas de violência, aumentou a ansiedade e insegurança. Hoje a comunidade da Nova Holanda está pacificada, porém no início do trabalho só transitávamos pela Barra de Macaé e pela Comunidade da Brasília onde se encontra a praça dos pescadores.

Durante a primeira viagem, fomos conhecer o mercado e o cais (Figura 2). Naquele primeiro momento observei aspectos físicos do local, a disposição dos *boxes*, as pessoas que ali trabalhavam e algumas embarcações distantes. Ao longo do trabalho compreendi que a distância que sentia em relação àquele local e às pessoas era minha e não uma imposição das pessoas que me receberam muito bem.



Figura 2: Cais do Mercado Municipal de Peixe visto do posto de diesel, Macaé – RJ (Foto de Lívia Farias, 2011).

Minha experiência profissional dentro da Nutrição sempre foi em controle de qualidade na fabricação de alimentos. Iniciar o trabalho de campo no mercado de peixes exigiu um exercício pessoal muito grande. No momento em que cheguei ao local e percebi as condições sanitárias de manipulação e comercialização do pescado, me dei conta que teria que me entregar e ampliar o olhar para o homem que queria estudar e assim me despir de meus conceitos, não ficando aprisionada a um enfoque de higiene em práticas de manipulação de alimentos, por mais difícil que isso poderia parecer naquele momento.

Nessa visita ao mercado conhecemos dona C., uma senhora que comercializa pescados, muito receptiva e falante. Ela falava que *“pescador não tem juízo. Ganha bastante dinheiro, mas acaba gastando com mulheres, bebidas e besteiras”*. Foi conversando com ela que percebi o desafio que tinha escolhido: o de trabalhar com gênero em um ambiente estritamente masculino, sendo mulher.

Nesta mesma conversa ela falou sobre a violência, e depois outros vendedores reafirmaram sobre as brigas que ocorriam no cais, mas indicaram que hoje estas brigas não acontecem mais, pois existe um senhor que é comprador e vendedor de pescados que faz orações todos os dias de manhã no cais. Todas estas informações iniciais alimentavam minha imaginação e sem perceber tinha criado a imagem de um “pescador” mulherengo, beberrão e bravo.

A insegurança aumentava a cada vez que olhava para as grades que separam o cais do mercado e da rua. A primeira impressão foi horrível, pois as grades me mostravam que ali era o lugar deles, dos homens. Elas dividiam os espaços, com um pequeno portão com uma placa sinalizando a mensagem: AVISO. Acesso permitido apenas a atacadistas (Figura 3). Mais uma vez a mesma dúvida e medo, como me aproximar daquele local e dessas pessoas?



Figura 3: Portão de acesso ao cais do Mercado Municipal de Peixes, Macaé- RJ (Foto de Lívia Farias, 2012).

Os pescadores pouco circulam pelo mercado. Eles se concentram no cais e estão sempre envolvidos com os barcos, com a pesagem e a venda dos pescados. Fiquei alguns dias olhando a movimentação pelas grades que tinha tanto medo de atravessar. E cada vez mais a imagem criada por mim tomava forma, eles gritavam, andavam sem camisa, falavam palavrões e meu único pensamento continuava: como chegar a eles? Afinal, meu trabalho é entender os pescadores e eles estavam todos ali, à minha frente, mas do outro lado da grade. Precisava vencer o medo, a insegurança, e atravessar o portão, uma barreira física, mas também um obstáculo que eu própria construía a cada dia que se passava.

Para chegar ao cais existem duas entradas, uma por dentro do Mercado e outra pela rua. Em ambas existe a placa indicando que a entrada é restrita para compradores atacadistas. Portanto, naquele local só podem frequentar os pescadores, as pessoas que trabalham no desembarque do pescado e os compradores do mercado e atacadistas.

Na viagem seguinte comecei a conhecer as pessoas que trabalhavam no mercado e a me envolver mais com o cotidiano do local. Percebi que precisava desconstruir a imagem criada por mim naquela ida anterior e enfrentar o medo e iniciar o trabalho de campo.

Durante a primeira viagem eu e as outras participantes da pesquisa ficamos hospedadas no NUPEM (Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de



Macaé - é um núcleo multidisciplinar de pesquisas da Universidade Federal do Rio de Janeiro), mas na segunda decidi passar as noites na casa de uma amiga em Cabo Frio, cidade próxima a Macaé e assim fiz durante todo o restante do trabalho de campo. As idas e vindas entre Macaé e Cabo Frio foram realizadas com uma das pesquisadoras da equipe do projeto, fato que me ajudou muito, pois todos os dias eu ganhava mais quatro horas de trabalho. Passava a volta para casa relatando o que havia acontecido no dia, as dificuldades, as dúvidas e no dia seguinte usava as duas horas de viagem para programar o que seria feito, com quem iria falar, aonde iria..., planos que rapidamente percebi que nem sempre davam certo.

O diário de campo foi fundamental para um trabalho como esse. Passava todo o tempo com papéis e anotações, mas ter com quem falar fazia muita diferença. Nossas conversas acalmavam minha ansiedade e davam uma maior sensação de segurança. Era nesses momentos que ponderávamos sobre os locais que deveria visitar, pois como mencionado, existem locais muito violentos na Barra de Macaé.

Optamos assim por iniciar as atividades entre os comerciantes do mercado, por encontrar ali um ambiente amigável, onde as pessoas me receberam muito bem. O primeiro contato no mercado foi num domingo de manhã, chuvoso e com pouco movimento de compradores. Os vendedores andavam de uma barraca para outra, falavam alto, limpavam os peixes e planejavam o que fariam em sua tarde de folga. Eu permaneci ali durante toda a manhã, olhando a movimentação das pessoas e pensando em como dar início ao trabalho. O que não havia percebido até aquela ocasião é que o trabalho já havia começado há muito tempo e os comerciantes já tinham “aberto a porta” para eu me aproximar.

O momento da “entrega” havia chegado, precisava viver e conviver naquele lugar. Percebi, então, que a vivência na área de comercialização do mercado, as conversas anteriores, resultou em muitos frutos, passei a entender que não era eu a única a “observar”. O tempo todo eu estava sendo observada, em cada gesto ou palavra.

Conheci muitas pessoas, estabeleci contatos e também tive alguns problemas, mas era fascinante entender a dinâmica do trabalho. Por mais que planejasse minhas ações para cada dia, percebia que não era eu quem fazia as escolhas, de onde ir, com quem falar e como agir. O campo direcionava o trabalho e me orientava na forma de falar e de como abordar as pessoas. Foi por meio dos

informantes do mercado, em especial o senhor R., que passei a compreender melhor a organização interna do mercado e, conseqüentemente, da pesca. No início eu era motivo de piada para todos, pois não entendia os nomes dos peixes, não os conhecia, não sabia as diferenças entre as diversas modalidades de pesca e, muitas vezes, não compreendia o que falavam.

Este total estranhamento me ajudou, pois criei uma relação quase de adoção com os trabalhadores do mercado. Todos queriam ajudar, mostravam os peixes, me davam os nomes, me ensinavam os tipos de corte, como era realizada a limpeza dos peixes, em que período do ano eram pescados, etc. Passei a acompanhar todas as fases do processo de comercialização do pescado, ia com os vendedores ao cais comprar peixes, passava tardes sentada com eles acompanhando a limpeza dos pescados e depois seu armazenamento e ainda ficava nas bancas acompanhando a venda para os clientes do mercado.

Em um determinado momento, que não consegui detectar, as grades do cais tinham desaparecido. Não a física, que ainda continua lá, separando todos que não pertencem ao local, mas aquela barreira imaginária que havia construído. Quando me dei conta andava e falava com todos em qualquer lugar do mercado e de suas adjacências. Frequentava a fábrica de gelo, os frigoríficos ao redor, as casas atrás do mercado, a praça e o posto de óleo diesel. Mas ainda faltava o que acreditava ser o mais difícil, conhecer a vida nos barcos e como era a alimentação no mar.

Alguns informantes foram fundamentais para o trabalho e em todo o processo de aprendizado. O senhor R. me ajudou em tudo que precisei dentro do Mercado, foi ele quem mais me ensinou sobre os peixes e me apresentou o controle da produção de pesca que é realizado no Mercado. Foi nas conversas com o senhor R. que comecei a entender as relações políticas entre prefeitura, Mercado e Colônia.

Estas questões políticas que serão detalhadas ao longo do trabalho permeiam todo o universo do mercado e do pescador. Em quase todas as conversas com os vendedores ouvi reclamações sobre a estrutura física do local, sobre os preços cobrados pela Colônia para alguns serviços ou sobre a obra que a prefeitura promete fazer no mercado e no cais. E foi em um grupo de conversa sobre política que conheci o senhor M., um pescador que me levou para onde eu queria ir.

O senhor M. além de pescador é um sonhador, batalha por um ideal, assim como diversos outros que fui conhecendo através dele. Possui uma boa condição de vida, uma casa grande e vistosa em frente ao Canal Campos - Macaé, com um

barco grande ancorado na porta e um carro importado. Tem orgulho em dizer que sustenta a família da pesca e que deseja que todos que trabalham nela também consigam chegar nesta situação, luta pelos direitos de defeso (período de paralisação obrigatória da pesca de algumas espécies) e contra a diminuição do espaço da pesca.

Com o senhor M. passei a frequentar as reuniões de pescadores que ocorriam na associação de moradores da Barra. Nestes encontros iam diversos tipos de pescadores, de mar, de rio, pescadores que não pescavam mais, donos de barcos, entre outros. Mais uma vez percebi que o pescador que havia criado em meu imaginário não existia e quanto mais eu me atrelava e me envolvia naquele mundo, menos eu sabia sobre eles.

Precisava entender a pesca para me aproximar da vida dos pescadores. Pesca de linha, de arrasto, espinhel, quantidade de óleo, de gelo, o rancho, o mestre, as redes, a salga, mareseiros, palavras novas sem significados para mim, mas que faziam toda a diferença no universo da pesca. Optei em “mudar” do cais para a Associação de moradores, com o objetivo de ficar mais próxima aos pescadores. Neste momento, sentia como se estivesse iniciando tudo outra vez, voltando para o processo de aceitação do grupo.

Até aquele momento só havia ido até a Associação Mista, que apesar de ficar próximo à Nova Holanda, tinha um acesso rápido pela rua principal do bairro. O medo da violência estava presente em todos os momentos no início do trabalho, pois dificultava tarefas simples como ir de um local para outro.

Passei a ficar as manhãs no cais e na colônia e as tardes na Associação, realizando grande parte das entrevistas. O primeiro pescador a falar em frente ao meu gravador foi o senhor M. Por meio dele e de J., outro pescador bastante influente na política local, conheci vários pescadores com coragem de enfrentar o botão daquele aparelho que parecia assustá-los. Inicialmente ficavam tímidos, principalmente por saber que aquela conversa estava sendo gravada, mas ao longo das entrevistas eles passavam a ficar mais calmos e falantes.

Como já afirmado, a praça é um local onde todas as tardes, pescadores se reúnem para conversar e organizar a próxima pescaria, mas também para diversão, como por exemplo, jogo de cartas. A primeira vez em que lá estive foi por estar em companhia do senhor J. que me levou em uma tarde com a promessa de me apresentar a um pescador cozinheiro. Passei a frequentar o local todas as tardes e

me aventurar ao desconhecido, pois precisava me aproximar das pessoas mais uma vez. Até então não havia muito contato com os pescadores, pois passava muito tempo no cais e no mercado de peixes. Como lá era um ambiente voltado para o trabalho, não recebia atenção dos pescadores e acabava conversando mais com os peixeiros. No entanto, após a entrevista do senhor J, tive acesso à praça, um ambiente que não é de trabalho, mas onde os homens falam mais abertamente sobre ele.

A praça é um ambiente muito diferente do cais e do mercado. Ficava horas sentada observando a rotina do lugar. As crianças brincando, as conversas nos portões e as esposas que até então não havia tido contado, já que estas não frequentam o mercado.

Esta aproximação com as esposas e com as famílias foi fundamental para o avanço da pesquisa. No cais, as conversas sempre eram sobre a pesca, a política, a quantidade de pescado, sobre os perigos do mar, o preço do gelo e do óleo, enfim, “conversas de homens”. Quando tentava introduzir assuntos sobre alimentação nunca despertava interesse por parte dos pescadores. Foi apenas com a aproximação ao convívio familiar, que pude conhecer as histórias daqueles homens, pois falavam mais abertamente sobre seus medos, seus filhos, esposas e sobre a vida em casa.

Me aproximei mais da realidade daqueles homens. Com base nas conversas com as mulheres, passei a compreender que não apenas a vida dos homens, mas de toda a família, gira em torno da pesca. Isto não ocorre apenas pela questão econômica de subsistência, mas também pela questão social e cultural. Todas as atividades diárias dos pescadores e de suas famílias são organizadas em função da pesca. Estas mulheres são filhas de pescadores e esposas de pescadores, suas mães viveram da mesma forma que elas, assim são criadas para aceitarem a pesca como parte da vida.

O convite para conhecer o barco aconteceu em uma conversa informal com o senhor M. que falava que sua esposa me convidara para tomar café da manhã com eles. Quando cheguei à sua casa, estava ele e mais quatro pescadores no barco ancorado no Canal, em frente a sua casa. Passei a manhã com eles no barco, conhecendo os instrumentos de pesca e conversando sobre alimentação, saúde, família e como era a pesca no tempo de seus pais.

Como já frequentava alguns locais, como o cais, o Mercado, a Associação de moradores da Barra, a Colônia e outros, passei a reconhecer algumas pessoas, mesmo que ainda não apresentada a elas, e passei também a ser reconhecida pelo trabalho. As pessoas me perguntavam: 'não era você que estava na reunião ontem?', ou 'te vi na Colônia hoje.'. Esse reconhecimento, mesmo que visual inicialmente, facilitava a aproximação com os pescadores. E foi o que aconteceu nesta primeira visita. Já tinha contato com o senhor M. e com sua esposa, quando cheguei a seu barco ele estava com outros pescadores, sendo dois deles já conhecidos da colônia.

A manhã foi muito proveitosa. Os pescadores e o senhor M. conversaram bastante sobre diversos assuntos. Neste dia iniciei a entrevista com o senhor Ez., um mestre de barco, que falou da sua relação com as filhas e dos problemas da pesca e aos poucos fui entrevistando os outros homens que estavam no barco. Ao final daquela manhã estávamos todos conversando juntos.

Para chegar a rua do senhor M. onde ficam ancorados os barcos é preciso atravessar a ponte da Nova Holanda. Com a violência desta região não teria coragem de atravessar a ponte para visitar as casas daquele local sozinha. Com essa primeira ida ao barco passei a conhecer alguns homens que ficavam consertando suas embarcações e tive maior acesso ao local.

No total foram cinco viagens a Macaé, com uma média de duração de 10 dias cada, mas foi a partir da terceira viagem que percebi o quanto estava envolvida com o trabalho e como já era aceita pelo grupo. Cada convite que recebia de festas, reuniões ou de visitas e cada gesto de ajuda que recebia me mostrava que estava no caminho certo. O trabalho etnográfico de envolvimento com o grupo que inicialmente parecia tão distante, enfim estava acontecendo.

#### **1.4 Análise e referencial teórico**

O trabalho etnográfico, como descrito anteriormente, exige um envolvimento do pesquisador com o grupo. Para realizar tal trabalho o pesquisador precisa se envolver com a cultura do outro, permanecer atento ao diferente e ao novo.

Para Geertz (1989), a cultura é resultado de teias de significados tecidos pelos seres humanos e por sua análise. Assim o estudo das culturas deve ser interpretativo; o pesquisador deve considerar os aspectos simbólicos e interpretá-los tendo a consciência de que sua interpretação sempre será construída por meio de uma análise ou interpretação sobre um fato social, sob seu ponto de vista, em um determinado momento ou uma situação específica.

A descrição dos fatos observados está impregnada pela vivência do pesquisador com o objeto de estudo e com os sujeitos investigados. A fidelidade e minuciosidade na forma como as relações são estabelecidas no campo, assim como na escolha dos locais e dos sujeitos é primordial para a interpretação da análise etnográfica.

Contudo, mais importante que as técnicas utilizadas pelo pesquisador, estão a forma de empreendimento estabelecida e o esforço intelectual do pesquisador para a construção da descrição densa. A etnografia não consiste em um conjunto de métodos, mas sim no envolvimento do pesquisador com o objeto a ser estudado. Por isso, para praticar a etnografia é preciso “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante” (GEERTZ, 1989, p. 4).

A descrição densa representa a interpretação dos fatos, considerando todas as complexidades ali existentes (GEERTZ, 1989). O exercício de análise percorre todo o trabalho etnográfico. Desde o início do trabalho observei e interpretei o que vivenciava. Só no momento que passei a me dedicar à interpretação dos dados que tive consciência da dificuldade de compreensão.

O processo de análise dos dados me causou grande insegurança. O trabalho com os pescadores em Macaé envolveu outros agentes como: os órgãos representativos do grupo, as indústrias petrolíferas, as famílias dos pescadores e principalmente eles, os próprios homens objeto do estudo. Temia uma análise parcial e superficial dos fatos, focada em apenas um ‘lado da história’.

No entanto, a construção dos mapas auxiliou muito este processo, pois neles descrevi os locais e diversos eventos que ocorriam. A riqueza de detalhes contida neste material e no diário de campo ajudou a amenizar a insegurança inicial. Ao mesmo tempo, com as idas e vindas do material produzido no campo para o referencial teórico e vice-versa o processo de análise etnográfica foi se consolidando.

O esforço maior se deu em compreender os aspectos ligados à pesca e à situação da atividade pesqueira no município. Para isso utilizei leis a respeito da pesca e do seguro defeso, reportagens de jornais, *websites* da prefeitura de Macaé, de algumas petrolíferas, resumos de reuniões na câmara de vereadores do município e diversos trabalhos etnográficos realizados e outras comunidades pesqueiras, tais como: Woortman (1992); Motta-Maués (1999); Cavalcanti (2008), Rufino (2008); Pinheiro (2008); Borgonha e Borgonha (2008) e Leitão (2010).

O processo de aproximação com os homens estudados exigiu uma compreensão de diversos fatores. Para conhecer quem era o pescador a ser estudado, foi preciso entender o meio em que eles viviam e as relações sociais que estabeleciam. A Estrutura social, que segundo Bourdieu (2009,a.), expressa relações de poder e privilégio, tanto na esfera econômica, quanto na simbólica, como uma representação de ações construídas na prática dos agentes. Assim, foi preciso compreender qual era o espaço dos pescadores, as relações que estabeleciam com suas esposas, com as petrolíferas, com o mar e com diversas esferas que se inseriam.

Para o autor, a estrutura social influencia os sujeitos, assim como estes são capazes de influenciar a própria estrutura social. Para melhor explicar esta relação entre estrutura social e sujeitos, o autor utiliza o conceito de *habitus*. Para Bourdieu (2009, a.), *habitus* são estruturas incorporadas inconscientemente pelos sujeitos de um determinado grupo. Assim, o *habitus* produz práticas, incorporadas pelo modo de viver em cada grupo, capaz de expressar as relações estabelecidas pelos agentes e de modificar e estruturar a própria estrutura social onde estão inseridos.

Entendendo que o *habitus*, um conjunto de disposições incorporadas inconscientemente e socialmente, produz práticas, como compreender as práticas alimentares desses homens da Colônia de pescadores Z3? Para estudá-las foi preciso antes entender a própria estrutura social, como se configura a realidade atual da pesca artesanal, não apenas no município de Macaé, mas em outras comunidades pesqueiras do Brasil. Esta modalidade de pesca, apesar das profundas transformações que vem sofrendo, representa “mais de três quartos da produção nacional e em alguns estados chega a representar noventa por cento da produção total de pescado” (CAVALCANTI, 2008, p. 2).

A pesca em Macaé vem passando por transformações resultantes da chegada das petrolíferas e da modificação social e urbana no município. Este fato

interfere na organização social das famílias e nas práticas alimentares destes homens, aspectos que serão discutidos mais adiante nesta dissertação.

Desta forma, considerando práticas alimentares os “procedimentos relacionados com a seleção dos alimentos à sua preparação e seu consumo propriamente dito, incluindo valores simbólicos associados à alimentação” (DIEZ GARCIA, 2005, p.216), identificamos a necessidade de incorporar para além desse conceito a descrição dos meios de produção do pescado, visto que este representa o trabalho dos homens e fator que os identifica como pescadores e como homens.

Esta compreensão das práticas alimentares exige um olhar do pesquisador para as relações estabelecidas com a alimentação, pois, segundo Geertz (1989) a cultura exprime sistemas simbólicos criados pelos sujeitos, inserida dentro de um contexto. O exercício de interpretação dessas práticas deve então ser feito através de uma descrição atenta e minuciosa, capaz de incorporar estas dimensões simbólicas. Os significados e as classificações dadas ao alimento e a maneira de se alimentar desses homens devem ser interpretados considerando o modo de agir dos homens nesta comunidade.

No entanto mesmo considerando as formas de dar significado ao alimento e a alimentação por esses homens estudados, assim como o contexto social em que estão inseridos, o estudo das culturas normalmente será incompleto. Para Geertz (1989), esta falta de certeza de uma única interpretação, auxilia o pesquisador a compreender o esforço que deve ser despendido para a interpretação dos fatos. Assim, essa dissertação se aproxima desta ideia de incorporação dos esquemas simbolicamente construídos, como apontado pelo autor, para mostrar uma interpretação do que foi observado e relatado a respeito da alimentação desses homens, do que é ser homem e pescador e das relações construídas pelos gêneros em torno da alimentação.

A distinção de gênero, comum em qualquer sociedade, perpassa tanto a organização social do trabalho, das famílias, como as práticas alimentares destes homens. Assim para compreender esta distinção precisamos entender o gênero de forma relativizada, ponderando papéis de homens e mulheres considerando as relações entre os dois, não de uma forma estática e naturalizada, opondo o masculino ao feminino.

Para Scott (1995, p. 2), o termo “gênero passou a ser utilizado mais seriamente (...) como uma maneira de referir-se à organização social da relação



entre os sexos”. A palavra passa a ser utilizada como tentativa de suprimir o determinismo biológico implícito nos termos ‘sexo’ e/ou ‘diferença sexual’.

Por muito tempo o ‘gênero’ foi utilizado como sinônimo de ‘mulheres’, e indicava um estudo de mulheres para mulheres. Scott (1995) critica o uso do termo como forma de legitimar os estudos feministas, e propõe o uso como instrumento metodológico para exprimir as relações entre homens e mulheres. A utilização deste termo indica maior seriedade do trabalho e se integra mais facilmente às terminologias das ciências sociais. Com esta abordagem, o ‘gênero’ coloca uma postura mais neutra e não mais uma tomada de posição, não mais em defesa da parte frágil contra a dominação masculina.

Os estudos de gênero se fundamentam em uma iniciativa de mulheres buscando entendimento deste espaço de superioridade masculina, onde elas se veem como alvo desta dominação, pois assim é imposto pela sociedade. Desde muito cedo percebemos diferenças, mesmo que inicialmente não compreendidas ou explicáveis, entre homens e mulheres. Algumas físicas e outras comportamentais, mas acabamos incorporando com o passar do tempo algumas destas distinções sem a preocupação inicial de entender razões e explicações que as justifiquem (BOURDIEU, 2010).

Segundo o autor, nós como homens e mulheres estamos inseridos em relações de gênero e por isso acabamos assumindo, defendendo e criticando determinados papéis destes sujeitos na sociedade. “A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica” (BOURDIEU, 2010:18), que exprime valores e reproduz símbolos e significados às coisas, inclusive aos papéis dados aos homens e as mulheres.

A divisão entre masculino e feminino é socialmente construída e os papéis exercidos por estes sujeitos na sociedade seguem a ordem simbolicamente formada e legitimada, sem a necessidade de explicação: o papel dominante aos homens e de submissão às mulheres. Sendo assim, os homens seguindo esta ordem social masculina, reproduzem os signos de masculinidade, impondo, não apenas às mulheres, mas também a eles próprios suas características que os colocam como dominantes (BOURDIEU, 2010:18).

A diferença entre os machos e fêmeas é um fenômeno histórico que pode ser encontrado em diversos estudos sejam filosóficos, religiosos, biológicos, científicos, antropológicos ou sociais. Para a utilização do gênero como categoria analítica é

preciso desconstruir a oposição binária homem x mulher, igualdade x desigualdade. Pois a história das mulheres e de homens só existe como tal, na medida em que coexistem, em que estão entrelaçadas uma na outra e ocultam as diferenças dos sujeitos por meio de comportamentos, caráter e desejo, que superam a ideia de feminilidade e masculinidade (ARAÚJO, 2005; SCOTT, 1995; BOURDIEU, 2010).

## 2 CONHECENDO MACAÉ

O município de Macaé situa-se na Região Norte Fluminense e apresenta 23 quilômetros de litoral, clima quente e úmido e temperatura média entre 18° e 30°C. A cidade possui grande área rural, importantes mananciais hídricos e de mata atlântica. Apenas 10% do município são ocupados por concentrações urbanas (MACAÉ, 2011).

Estando a 182 quilômetros da capital do estado, o município é dividido em cinco distritos: Barra de Macaé, Cachoeiros de Macaé, Córrego do Ouro, Glicério e Sana, totalizando uma população de 206.748 habitantes (IBGE, 2012). A cidade conta com um aeroporto e é cortada por duas rodovias estaduais, a RJ-106 (Amaral Peixoto) que percorre todo o litoral, de Rio das Ostras a Carapebus e a RJ-168 que corta o município de leste a oeste, e ainda pela BR-101 que liga a cidade à Capital do estado.

Segundo a Prefeitura, Macaé é a cidade com maior desenvolvimento do estado, com uma economia que cresceu 600% nos últimos dez anos. O crescimento econômico da cidade aconteceu devido à expansão das indústrias petrolíferas e de gás, que resultou em grande crescimento populacional (MACAÉ, 2011). Hoje segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Macaé possui uma população de 206.728 habitantes, enquanto que no ano de 1991 a população era de 100.895 habitantes, ou seja, a população do município dobrou em vinte anos (IBGE, 2012).

A exploração do petróleo na Bacia de Campos teve início no final do ano de 1976 e um ano depois o município já produzia 10 mil barris de petróleo por dia. Hoje a produção diária fica em torno de 1,5 milhão de barris, sendo responsável por 80% da produção de petróleo e 47% da produção de gás natural do país (MACAÉ, 2011).

No entanto, este município nem sempre viveu da exploração do petróleo. Durante muitos anos a principal atividade econômica da cidade foi a pesca, que ainda hoje representa um meio de subsistência para muitos moradores do local. Segundo dados da prefeitura, cerca de mil e duzentos pescadores, atuando em uma média de 500 embarcações, vivem desta atividade no município, totalizando 15 mil pessoas vivendo direta ou indiretamente da pesca. O volume de pescado é de cerca de 240 toneladas por mês (MACAÉ, 2011).

Segundo a Lei nº 11.959/2009, pesca é “toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros”, podendo ocorrer de forma artesanal ou industrial (BRASIL, 2009).

A pesca artesanal é uma atividade produtiva familiar encontrada em diversas regiões e segundo dados do Ministério da Pesca e Agricultura esta é responsável por 60% da produção de pescado do país (LOPES *et al.*, 2010). Por sua vez, a pesca industrial é caracterizada pela finalidade comercial, realizada por pescadores empregados ou em regime de parceria. A descrição detalhada da pesca artesanal será realizada na seção III dessa dissertação, cujo tema central é o papel do homem na pesca.

Considerando que a pesca artesanal representa mais da metade da produção de pescado no país, temos que questionar alguns problemas vivenciados por estes pescadores e por suas famílias. Assim como vem ocorrendo em diversas regiões do país, salvo as particularidades de cada uma, a pesca em Macaé hoje passa por diversos problemas que serão discutidos ao longo desta seção, tais como aspectos ambientais, políticos, econômicos, sociais e de territorialidade.

Em relação aos aspectos sociais e econômicos ao chegar ao campo notamos a estreita relação entre pesca e petróleo. O crescimento da cidade é notório, mas ocorreu de forma desigual em relação à distribuição de emprego e renda, pois os maiores cargos e salários foram destinados aos migrantes com alta formação profissional e não aos moradores da cidade (PAGANOTO, 2008). Porém, enquanto a economia de Macaé cresce na onda do petróleo, a comunidade pesqueira alerta para a diminuição do pescado local.

Os pescadores da comunidade reconhecem que a exploração petrolífera resultou na diminuição do pescado, pois antes da descoberta do petróleo eles pescavam mais de uma tonelada de peixes por dia e hoje trabalham uma semana para conseguirem 800 quilos de peixes. Além da diminuição, contam que as embarcações precisam ir cada vez mais longe para encontrarem os cardumes (MACAENEWS, 2010).

O mar era o espaço destes homens, era e ainda é o local que lhes oferece o sustento de suas famílias, porém hoje esses homens se veem ‘obrigados’ a dividir este espaço com as embarcações das indústrias petrolíferas, com rebocadores, com máquinas e com as plataformas. Fato, que de acordo com as falas destes pescadores auxiliaram no processo de diminuição do pescado.

Tem mais coisa que prejudicou, tem muita embarcação com motor, à 'ronqueira' do motor atrapalha. Tem também os rebocadores que faz com que os pescadores tenham que ir cada vez mais longe [...] Mas o pescador também cresceu e errou. Antes tinha 15 barcos com 7 metros e um motor pequeno com 25 redes, depois passamos para 45 redes. Hoje esse barco [apontando para um barco ancorado no cais] tem 11 metros e voltou para o cais com 300 Kg de peixe, não paga nem o óleo, foram três dias de pesca. (SENHOR G., 2011)

Os pescadores também se responsabilizam pela crescente diminuição do pescado na região. Apontam para erros da própria comunidade pesqueira como o desrespeito a períodos de defeso, aumento do número de embarcações e de redes. Ao mesmo tempo, condenam as pesquisas sísmicas e a atividade dos rebocadores, que atrapalham a pesca da beira. De acordo com os seus relatos, estas últimas atividades os levam a adentrar cada vez mais no alto mar e, em consequência disto, necessitam de embarcações maiores.

A realidade vista em Macaé hoje se configura em uma grande disputa de espaço. Este que nem sempre é o físico ou o econômico, mas sim um espaço de poder. Onde de um lado se encontram as petrolíferas e de outro a comunidade pesqueira.

Para compreensão da relação entre pesca e atividade petrolífera em Macaé e como esta vem interferindo na atividade pesqueira ao longo dos anos e, conseqüentemente, na vida dos pescadores, apresentarei alguns pontos que explicam a conformação da situação atual. Dentre os aspectos abordados estão o desenvolvimento da atividade pesqueira, o surgimento e a formação do polo petrolífero na região e algumas condições que configuram a relação pesca *versus* petróleo.

## **2.1 A história da pesca em Macaé**

A ocupação em Macaé teve início no século XVII a pedido do governador geral do Brasil com o intuito de preservar o pau-brasil de contrabandistas. No século XIX o povoado passou a Vila de São João de Macahé e em 1843 passa a ser uma cidade (SERRAMACAENSE, 2011; IBGE, 2012).

A economia de Macaé estava sustentada na monocultura de cana-de-açúcar e contava com o porto de São João da Barra para escoar a produção dos engenhos

de açúcar. Para auxiliar no transporte destes produtos foi construído o canal Campo-Macaé, que atravessava restingas num trajeto de 109 Km e utilizava o porto de Imbetiba, ponto importante para o comércio no final do período imperial. Ainda foi construída uma via férrea para apoiar o transporte destas mercadorias (SERRAMACAENSE, 2011; IBGE, 2012).

Em 1958, mediante a lei 3.386, a comarca de Macaé passa a condição de município, incorporando os distritos de Macaé, Barra de Macaé, Carapebus, Quissamã, Córrego do Ouro, Cachoeira de Macaé, Glicério e Sana, organização política gerencial que se mantém até os dias atuais. As principais lavouras eram as de cana-de-açúcar, laranja, tomate, café, mandioca, banana, feijão, batata-doce, milho, arroz e abacaxi, além da pecuária que era bastante desenvolvida. A cultura do café surgiu nos anos 1920 e foi responsável pelo crescimento econômico da cidade, mas em 1974, com a descoberta do petróleo na Bacia de Campos e com a chegada da Petrobrás, que Macaé passou por um novo e intenso crescimento econômico e demográfico (MACAÉ, 2012 a.).

Segundo relato dos moradores da região houve um tempo em que a pesca em Macaé era realizada apenas no rio e por meio de canoas de arrasto na praia.

Em 73 não era assim, eu pescava na praia de 7 a 12 toneladas por dia no arrastão de praia. Quem tinha rede pegava os bons e enterrava os que não prestavam. Só que de 73 pra cá mudou tudo, com a chegada das plataformas. Em 85 quando eu voltei, já não tinha mais peixe aqui na praia [ele foi morar em outro local por um tempo e depois retornou a Macaé].” (SENHOR G., 2011)

A pesca de alto-mar só teve início em 1947 com a chegada do primeiro pescador, Sr. Miguel, de São João da Barra, município próximo a região. Atraído pela quantidade de pescado passou a divulgar informações a respeito dos pesqueiros para outros homens. Seguindo os passos de Sr. Miguel, chegou o Sr. Manoel Firmino e Sr. Lúcio Madalena. Mas foi o quarto pescador que veio acompanhado de mais sete filhos que ajudou a alavancar a pesca de mar na região. Estes pescadores se instalaram em Pontal, área onde hoje está instalado o Iate Clube de Macaé (SENHOR Z., 2012; SENHOR O., 2012).

Para dar suporte a comercialização do pescado foi construído o Mercado Municipal de Peixes em 1924. Hoje, apesar de o mercado ser considerado pela prefeitura como um importante centro turístico da região, passa por diversos problemas em sua estrutura física. É formado por um prédio de dois andares, onde a

prefeitura do município planeja criar restaurantes para vender pratos à base do pescado coletado pelos pescadores da região; pelo cais com capacidade de 15 embarcações; e aproximadamente 60 *boxs* e cerca de 180 trabalhadores. O mercado é administrado pela subsecretaria da pesca e ainda possui um estacionamento que é administrado pela colônia (MACAÉ, 2011).

A produção de pescado cresceu tanto que só o mercado não suportou a comercialização de toda produção pesqueira, assim houve a necessidade de criar uma Cooperativa para escoar a produção para outras regiões, visto que a população da cidade não conseguia consumir toda produção que chegava do mar.

Já tinha o Mercado de Peixe, mas é como eu estou te falando, acontece que o mercado também não suportava ficar com toda a nossa produção pesqueira, porque era muito peixe. Era muito peixe mesmo! Aqui na praia da Barra fazia montanha [...] de pescadinha, entendeu? Para você ter uma ideia, eu assim que chegava de pescar [...] o arrastão de praia da gente aqui estourava o sacador. O peso era tanto que o sacador estourava. E eu cheguei no tempo de garoto, mergulhava e pegava braçadas de pescadinha e trazia para beira da praia, no mergulho. Eu e os demais amigos, garotos igual a mim na época (SENHOR O, 2012).

A Cooperativa Mista de Pescadores de Macaé foi criada com auxílio de três americanos que apoiaram alguns pescadores para elaboração e implantação do projeto, em 1968. Atualmente a comercialização do pescado não é mais feita por esta instituição; nela funciona apenas a oficina de embarcações, a fábrica de gelo e a bomba de óleo diesel. No período em que atuava como facilitadora da comercialização do pescado, os associados davam 30% da produção para a cooperativa e em troca pagavam apenas 50% do valor do gelo, podiam utilizar os serviços da oficina e ainda tinham um pregoeiro contratado pela própria cooperativa para fazer a comercialização dos produtos (SENHOR O., 2012).

O pescado de Macaé é desembarcado no mercado Municipal (Figura 4) e em outras regiões, como Barra de São João, Rio das Ostras, Armação de Búzios, Cabo Frio, Atafona e Rio de Janeiro. Os pescadores utilizam outros portos por diversas razões, dentre elas a precariedade do cais do Mercado Municipal de Peixe em Macaé, a facilidade de comercialização do pescado em outras regiões, e a economia com gelo e diesel.



Figura 4: Local de desembarque de pescados no cais do Mercado Municipal de Peixe, Macaé - RJ (Foto de Livia Farias, 2011).

A Subsecretaria da Pesca, vinculada a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Tecnológico, foi criada em 2007 e hoje é responsável pela administração do mercado municipal e do cais. A criação da estação de rádio costeira foi uma das principais atividades implantadas por esta subsecretaria, pois informa aos pescadores as condições do tempo em alto-mar e os coloca em contato com seus familiares que estão em terra. É por meio da estação de rádio que a Subsecretaria de Pesca garante o serviço de resgate a embarcações. Existem outros projetos em andamento como as obras de melhoria do mercado municipal e o de beneficiamento do pescado (MACAÉ, 2011).

Apesar da divulgação do projeto de melhorias do mercado (Figura 5), este ainda não foi iniciado, o que causa grande insatisfação aos trabalhadores que lá atuam. Esta insatisfação é resultado da precária situação de infraestrutura e das promessas da prefeitura em transformar o mercado em um polo turístico, garantindo melhores condições de trabalho e comercialização do pescado.





Figura 5: Projeto de melhoria do Mercado Municipal de Peixes (MACAÉ, 2012 b.).

A foto acima apresenta o projeto arquitetônico de melhorias do mercado, proposto pela prefeitura de Macaé. Porém o que é observado no dia a dia dos trabalhadores deste local está muito longe da ideia de “planejar para agir” sobre as condições de vida da população, como a prefeitura propaga nos folhetos informativos distribuídos em toda cidade.

O mercado, como já descrito na seção I, passa hoje por diversos problemas de estrutura. É comum, em dias de chuva, acontecer pequenos curtos na área do mercadão resultantes do contato da água proveniente de vazamentos no teto com a fiação elétrica que está exposta. Além disso, ainda existem problemas com a presença de ratos, principalmente nas áreas mais expostas do mercado como a tenda, e problemas de espaço físico, em relação a chegada e saída de embarcações dos pescadores, pois precisam dividir o cais com as embarcações particulares, especialmente aquelas que prestam serviços para as petrolíferas.

Outro projeto da subsecretaria da pesca está voltado ao maior aproveitamento do pescado, com o envolvimento de mulheres que vivem da pesca. Segundo o subsecretário, este projeto tem por objetivo dar destino aos resíduos do pescado, onde inclui o desenvolvimento de farinha de peixe, gelatina, silagem e óleo de peixe. Existem ainda outras atividades promovidas pela subsecretaria da pesca para as mulheres da comunidade pesqueira, que são as aulas de artesanato que ocorrem na praça dos pescadores na Barra.

Existem no município três entidades representativas (Figura 6), com a finalidade de garantir os direitos dos pescadores, são elas: a Colônia de Pescadores Z3, a Associação Mista de Pescadores e a Subsecretaria da pesca. Estes órgãos são responsáveis por diversos trabalhos sociais, tais como: auxílio ao conserto de embarcações, oferta de cesta básica e equipamentos para pesca (ver Figura 7), além de oferecer cursos aos pescadores cadastrados.

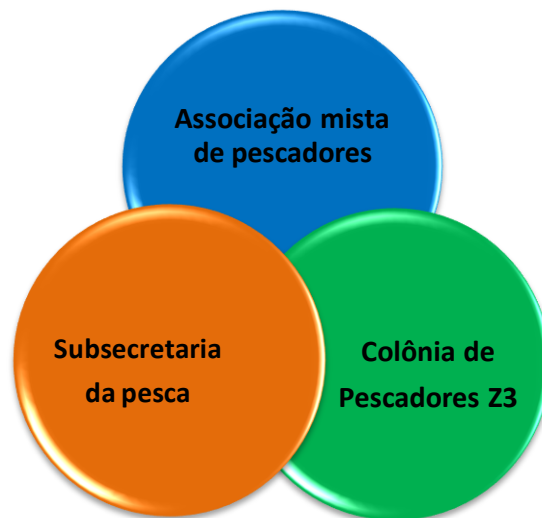


Figura 6: Órgãos representativos dos pescadores de Macaé.

A sede da Colônia conta com consultórios médico e odontológico e possui uma parceria com a prefeitura que cede os profissionais para o atendimento clínico dos pescadores e de seus familiares, assim como outras pessoas da comunidade que não são cadastradas nesta instituição. A equipe médica é composta por um ortopedista e um clínico geral que atendem às quintas-feiras das 8h às 12h, um pediatra cujo atendimento ocorre nas segundas e terças-feiras das 9h às 12h e um dentista que atende de segunda à quinta-feira o dia inteiro.

A nova diretoria da Associação Mista de Pescadores também possui planos de montar espaços para atendimento clínico em sua sede, no mesmo formato de parceria que ocorre entre Colônia e prefeitura. Com a nova gestão a sede passou por obras, os consultórios já estão montados e a direção da Associação Mista está aguardando os profissionais que serão cedidos pela prefeitura.

Assim como a Colônia, a Associação Mista de Pescadores também possui projetos sociais de distribuição de apetrechos de pesca, equipamentos e cestas básicas. Todo material distribuído por estas instituições são registrados e armazenados pela administração destes locais (Anexo A). Com estes registros os líderes destes órgãos comprovam o trabalho assistencialista que realizam, que muitas vezes não corresponde às reais necessidades dos trabalhadores da região.



Figura 7: Cestas básicas e material de pesca como redes e outros itens disponíveis para distribuição em uma reunião na Associação Mista de Pescadores, Macaé - RJ (Foto de Elisa Mendonça, 2011).

É ainda por intermédio destes órgãos representativos que os pescadores se cadastram para dar início ao recebimento do seguro defeso (MACAÉ, 2011). Os pescadores passaram a receber este seguro em 2010, benefício que passou a ser garantido por meio da lei n.3437/2010. Os pescadores têm o direito a um salário mínimo e uma cesta básica durante o período de interdição da pesca do camarão e da piracema – época da desova de peixes. Este período dura de 1º de março a 31 de maio de cada ano.

Para receber o benefício o pescador deve estar cadastrado na Colônia ou na Associação Mista de Pescadores e em contrapartida devem participar de frentes de trabalho de limpeza do patrimônio ambiental do município, incluindo o canal Macaé-Campos, o cais do mercado de peixes, a Ilha do francês, o Pontal, a praia da Barra e o Rio Macaé (MACAENEWS, 2010).

O seguro defeso é oferecido tanto para pescadores como para descascadeiras (forma como são chamadas as mulheres que trabalham descascando camarão no Mercado), sendo 347 vagas para homens e 10 vagas para as mulheres. Os pescadores em conjunto com os órgãos representativos buscam uma maior cobertura para as mulheres, no entanto estas precisam estar cadastradas na Colônia, assim como ocorre com os homens. Nem todas as mulheres que trabalham em atividades ligadas à pesca estão cadastradas nesse órgão, dificultando o recebimento do seguro. Este fato pode ser explicado pela distinção de gênero existente na pesca. As atividades femininas não são consideradas como

pesca pelos homens, logo não veem a necessidade de se cadastrarem em um órgão que não garante seus direitos.

## **2.2 A descoberta do petróleo na região e a formação do “*Todo poderoso Adversário*”**

As pesquisas em busca do petróleo no Brasil tiveram início na última década do século XIX. A perfuração do primeiro poço de petróleo em território brasileiro, poço DNPM-163, ocorreu em 1938, em Lobato, Bahia. Com a ideia que não viveríamos mais sem os recursos petrolíferos, deu-se início a um processo de intensas pesquisas com intuito de desenvolver maneiras de explorar o recurso descoberto em escala comercial. Com o início destas pesquisas foi criado em 1938 o Conselho Nacional do Petróleo (CNP) (SILVA *et al.*, 2008).

O interesse do país pela busca dos recursos petrolíferos se deu por uma necessidade econômica, mas também por uma busca de afirmação nacional fundamentada no interesse de desenvolvimento da economia brasileira. Assim, a Petrobrás foi criada durante o governo do Presidente Getúlio Vargas em outubro de 1953, Lei n.2004, resultado de uma campanha nacional com o Slogan “o petróleo é nosso” (PETROBRÁS, 2011).

Com a doação de duas refinarias do Conselho nacional do Petróleo, uma em Mataripe (BA) e outra em Cubatão (SP) consolidou-se a criação da Petrobrás, em 1954. Mas foi no ano de 1961 que a empresa criou a sua primeira refinaria a REDUC (Refinaria de Duque de Caxias), que mais tarde se tornou a mais completa refinaria da empresa.

A descoberta de petróleo na Bacia de Campos (BC) ocorreu em 1974. Com uma extensão de 100 mil Km<sup>2</sup>, abrangendo a costa norte do Rio de Janeiro até a costa sul do Espírito Santo, a BC se tornou a maior província petrolífera do país. A primeira perfuração ocorreu no ano de 1976 no campo Enchova e sua exploração comercial teve início no ano seguinte com uma produção de 10 mil barris de óleo por dia (PETROBRÁS, 2011).

Os anos seguintes foram marcados pela descoberta de novos campos de exploração na BC, todos batizados com nomes de peixes da região e até o ano de

1977 já haviam sido descobertos os campos de Garoupa, Pargo, Namorado, Bonito Cherne e Pampo (PETROBRÁS, 2011).

A cidade de Macaé foi escolhida como sede operacional da Petrobrás no ano de 1978, fato que ajudou a alavancar o processo de desenvolvimento econômico e urbano do município. Durante os anos que se seguiram o país passou por uma forte crise econômica, porém ao contrário do restante do país, a descoberta de novos poços na BC e a exploração do petróleo na região estimulou a economia de Macaé. No entanto, a produção de petróleo não supria as necessidades internas do país, devido à falta de tecnologia apropriada para a sua exploração, o que gerou uma crise econômica e a necessidade da quebra do monopólio estatal do petróleo, em 1997. Isto resultou em grande investimento de capital estrangeiro no setor com a chegada de diversas empresas petrolíferas na região (PETROBRÁS, 2011; PAGANOTO, 2008).

Atualmente a BC (Figura 8) é formada por 14 plataformas fixas, 39 plataformas semissubmersíveis, 775 poços, 16 unidades flutuantes de produção, 44 campos de operação, 21 unidades flutuantes de produção, estocagem e transferência de óleo, duas unidades de estocagem e transferência de óleo, duas unidades de manutenção e segurança responsáveis por obras de reparo nas unidades de produção e 4.297 Km de linhas submarinas flexíveis (MACAE, 2011).

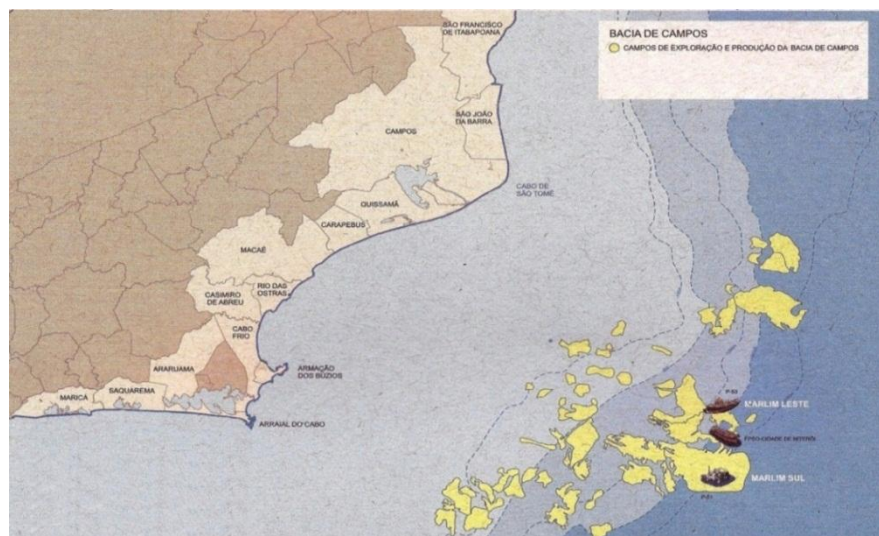


Figura 8: Bacia de Campos. Foto adaptada. (PETROBRÁS, 2009).

O crescimento urbano e as transformações ocorridas no cotidiano da pesca resultaram num processo de personificação das indústrias petrolíferas por parte dos

moradores de Macaé. Para maior parte dos pescadores toda a atividade relacionada ao petróleo é responsabilidade de uma única empresa petrolífera, a “Petrobrás”, para a qual são atribuídas todas as mazelas produzidas pela exploração do petróleo. Nos relatos dos pescadores a Petrobrás assume o papel de adversária poderosa, pois os barcos são grandes, as plataformas gigantes e o lucro gerado é altíssimo. Tudo é imenso.

Embora alguns pescadores reconheçam que certas práticas do próprio grupo possam ter contribuído para a diminuição da quantidade de pescado no mar, a maioria responsabiliza a atividade petrolífera como a maior causadora dos problemas da pesca na região.

Para os pescadores a responsabilidade do grupo na diminuição do pescado ocorreu devido ao crescimento desordenado da atividade pesqueira. O número de embarcações cresceu, assim como o número de redes de arrastão e a falta de respeito a períodos de defeso e desova de algumas espécies. Em muitas conversas, principalmente com pescadores mais velhos ou com aqueles que não pescam mais, podemos notar uma marcação cronológica de mudanças que coincide com o desenvolvimento da Petrobrás na região.

O crescimento desordenado da pesca, descrito por muitos pescadores, é resultado da falta de apoio dado ao grupo pelos órgãos competentes e pela necessidade de se manterem no mar para sustentar suas famílias. O desenvolvimento da atividade petrolífera criou a necessidade desses homens a saírem para mar aberto. Os pescadores passaram a ‘dividir’ o espaço do mar, que antes era apenas da atividade pesqueira, com estas embarcações e com os espaços tomados pelas plataformas.

Quando estava pescando em Quissamã, estava lá há três dias, chegou um rebocador e falou assim: “esse é um lugar demarcado da Petrobrás”. Eu disse: “Gostaria que o senhor me mostrasse o lugar que está demarcado e me mostre uma placa dizendo...” Gostaria de saber se é mesmo..., disse que gostaria de receber se tivesse algum prejuízo. E ele se retirou. Fazem muito pouco do pescador, eu não vejo profissão mais sofrida e injustiçada, porque as tempestades que pegamos, e toda dificuldade é complicado, não é para qualquer um, para rebocador é fácil pelo porte. Para nós é muito difícil (SENHOR J., 2011).

A divisão dos espaços do mar por embarcações de pescadores e de rebocadores, muitas vezes causam acidentes ou perda de redes e de material de pesca. Os pescadores se remetem à ‘lei do sai da frente’, quando explicam que as

embarcações das petrolíferas são muito maiores que as suas e fazem seus trajetos sem respeitarem os barcos pesqueiros.

Apesar desta situação, as indústrias petrolíferas arcam com os prejuízos, não em dinheiro, mas devolvem aos pescadores o material perdido em caso de acidentes. No entanto, os pescadores reclamam da dificuldade em fazer com que este reembolso seja efetuado, já que precisam anotar a hora, o local e o nome da embarcação envolvida no acidente e a maioria deles possui baixa escolaridade, não conseguindo anotar os nomes dos rebocadores que geralmente estão escritos em outro idioma, fato que dificulta o registro.

Em uma das reuniões entre pescadores e petrolíferas presenciei uma representante da Petrobrás afirmando entregar mensalmente à Colônia de Pescadores Z3 a rota dos rebocadores e segundo ela, a responsabilidade de passar estas informações ao grupo seria da própria colônia. Neste momento, percebi que grande parte dos pescadores não tem acesso a esse tipo de informação. Logo após esta reunião passei a questionar os representantes dos órgãos representativos e a resposta que obtive foi que os informes (Anexo B) ficavam à disposição na Subsecretaria de Pesca para quem tivesse interesse.

Além dos problemas causados pelo convívio no mar com as embarcações das petrolíferas, os pescadores ainda precisam respeitar novas regras no mar. Os espaços são demarcados e ocupados pelas petrolíferas, existindo uma área de exclusão (Figura 9) que restringe a pesca ao redor das plataformas.

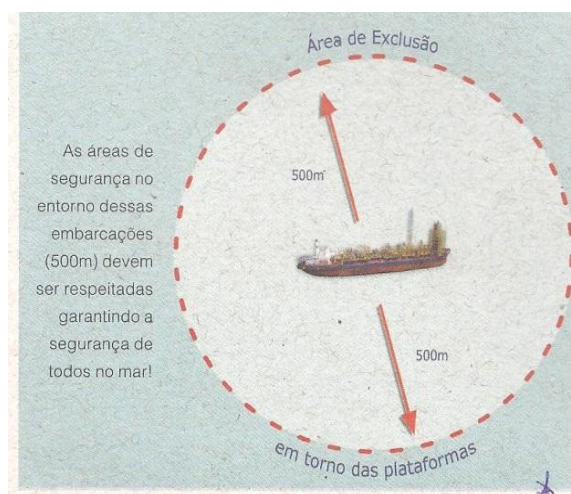


Figura 9: Área de exclusão ao redor das plataformas (PETROBRÁS, 2009).

Esta área de exclusão nem sempre é respeitada. Apesar dos pescadores reconhecerem o perigo em navegar próximo às plataformas, devido a possíveis acidentes com os rebocadores, alguns deles afirmam pescar nesses espaços. Segundo eles, nessas áreas pode se encontrar um grande volume de pescado devido aos restos alimentares jogados no mar pelas plataformas.

A divisão de espaços não acontece apenas no mar. A Subsecretaria da Pesca, responsável pela administração do cais, concedeu um espaço neste local para as embarcações das indústrias petrolíferas. O cais que já não comportava o número de embarcações de pesca, sendo comum pelas manhãs filas de barcos esperando para ancorar no cais e desembarcar o pescado para comercialização, agora recebe diariamente as embarcações das petrolíferas que transportam pessoas, equipamentos e óleo diesel para os rebocadores e plataformas (Figura 10).



Figura 10: Cais do Mercado Municipal de Peixes de Macaé - RJ – espaço reservado a embarcações das indústrias petrolíferas (Foto de Lívia Farias, 2011).

A disputa de espaço físico exprime relações de força e poder entre os pescadores e as petrolíferas. Segundo Lopes *et al.* (2010) o território em comunidades pesqueira não é representado apenas por sua função geográfica ou pela questão econômica, mas representa o mar, local de trabalho dos pescadores. Logo o território está relacionado com a formação e manutenção da identidade destes homens e espaço de disputa entre os dois grupos.

Analisando as relações entre pesca e petróleo no município de Macaé vemos que as petrolíferas foram capazes de criar um conjunto de aparelhos e regras que com o passar dos anos, transformou a vida da comunidade e seu convívio no mar. Segundo Foucault (1979) quanto mais poder uma instituição for capaz de produzir



maior será sua capacidade de sujeitar e imprimir sua força às demais esferas ou instituições.

Esta relação é marcada por uma disputa de poder, este que nem sempre é dividido de forma binária, entre dominante e dominado, mas encontra-se entrelaçado nas relações sociais destes agentes. Diversos são os fatores que interagem nas relações entre estas duas atividades econômicas. De acordo com o autor, é preciso compreender os acontecimentos, as redes e as relações que ligam os agentes e assim analisar as forças existentes nestas relações. Cada lado possui seu capital simbólico específico que caracteriza seus atores e as próprias relações existentes no campo.

Para Foucault (1979), o poder é uma característica que se pratica, assim, os indivíduos não possuem. Para o autor o poder isolado não existe, o que existe nas relações sociais são práticas de poder e micro relações de poder estabelecidas entre os grupos sociais. Assim, em Macaé o que vemos é uma grande disputa de espaço e poder, onde as petrolíferas ganham visibilidade e prestígio pelo seu potencial econômico. No entanto, não devemos deixar de considerar que o pescador possui o conhecimento do mar, fato que os coloca em uma posição de destaque nesta relação. Cada grupo utiliza seu capital para manter seus interesses.

De um lado as petrolíferas, com o domínio financeiro e interesse comercial e lucrativo, e de outro os pescadores, com o conhecimento do mar, da natureza e com o sentimento de posse. Os pescadores acreditam serem donos do mar e para eles as petrolíferas estão ocupando estes espaços por possuírem maior poder econômico. Estas características inerentes a cada grupo fortalecem as instituições, criando um espaço para propagação do seu poder. Os grupos exercem em suas práticas seus interesses, prestígios e potencialidades, que segundo o autor, criam microesferas de poder, onde não existe uma relação hierárquica onde um tem e outro não tem poder. Este circula nestas micro relações estabelecidas entre o grupo.

De acordo com Bourdieu (2009,b.), o capital simbólico precisa ser legitimado pelo grupo, o que traz prestígio ao sujeito que o detém. A destreza do homem no mar lhe dá a honra e o prestígio que necessita para ser considerado pelo grupo como um bom pescador. O conhecimento do mar representa a honra masculina e sempre foi o maior capital simbólico do homem do mar. No entanto, com as transformações ocorridas no seu ambiente de trabalho, este capital simbólico passa a não ser suficiente.

Para navegar em mar aberto foi preciso se preparar, as técnicas da pesca, passadas por gerações de pais para filhos, não eram mais suficiente. Hoje os pescadores mais velhos se orgulham em falar que sabem se guiar por estrelas como 'antigamente', mas ao mesmo tempo demonstram a necessidade da utilização de GPS (*Global Positioning System*), equipamento alimentado via satélite, sendo capaz de informar as coordenadas necessárias para orientá-los no mar. Como passam vários dias no mar precisam de embarcações maiores e mais seguras, capazes de assegurá-los dos perigos do mar aberto.

Descrevem a pesca com um sentimento de amor que os caracteriza como pessoa e representa a história de suas vidas e, conseqüentemente, de suas famílias, mas em todas as falas podemos sentir uma angústia e o medo do que o futuro trará.

Dizem que o petróleo vai acabar. Não sei quando, mas pescador nunca vai acabar, porque nossa cidade de Macaé antigamente foi sustentada por pescadores, e hoje não vejo reconhecido por isso e hoje estamos abandonados, não vejo nada sendo feito pela pesca (SENHOR J., 2011).

Apesar das dificuldades da pesca nos dias atuais, os pescadores reconhecem que o crescimento da cidade e do mercado comercial do pescado é resultado da descoberta de petróleo e da formação do polo petrolífero no município. Afirmam com propriedade que por maiores que sejam as reservas de petróleo, um dia elas irão acabar e sonham com a ideia da cidade voltar a viver apenas da atividade pesqueira.

Há divergências de opiniões em relação ao futuro da pesca artesanal. Os pescadores reivindicam seus direitos e levantam os prejuízos causados pela atividade petrolífera, contudo, a opinião sobre o futuro da pesca ainda é contraditório. Enquanto alguns pescadores acreditam que o petróleo, por ser um bem não renovável, irá acabar e só nesse momento a pesca irá retomar o prestígio e o domínio econômico do município, outros pescadores temem o futuro da pesca e do município sem as petrolíferas, já que reconhecem o capital econômico que gira em Macaé decorrente desta atividade.

Antes a gente não tinha oportunidade. A minha geração é a última de pescador. Nenhum pescador vai orientar seu filho a ser pescador, tem muito emprego, eles podem trabalhar embarcados. Se a Petrobrás for embora daqui, vai tudo acabar. Quem vai comprar peixe aqui? Olha a quantidade de boca sem comer, tem gente de

Carapebus, de Campos e de Cabo Frio que vem pra cá desembarcar aqui (SENHOR D., 2011)

Participei de algumas reuniões de pescadores ao longo do período de permanência em Macaé e em todas pude perceber a paixão destes homens pelo mar e pela pesca. Os questionamentos a respeito da situação da atividade pesqueira estavam relacionados com a preocupação deles com o sustento de suas famílias. Segundo eles, está cada vez mais difícil viver da pesca, pois o pescado diminuiu e precisam ficar mais tempo no mar e, conseqüentemente, mais tempo longe de suas esposas e filhos. Esta preocupação não exprime apenas uma questão econômica, mas o desejo de viver da pesca, fazer o que lhes foi ensinado por seus pais e o único ofício que detêm. O conhecimento que adquirem ao longo da vida no mar representa a sua história de vida.

A angústia expressa nas falas desses pescadores aponta para a insegurança de enfrentar um oponente muito maior do que eles. O poder econômico e político das indústrias de petróleo são expressos no dia a dia, tanto no mar como em terra e nas modificações ocorridas na cidade e na vida destas pessoas.

O ***todo poderoso adversário*** (ênfase dada pelos próprios pescadores), forma pela qual alguns pescadores se referiam às petrolíferas, ocupou o mar e a economia da região, abalando o orgulho destes homens que viviam da pesca e mantinham não apenas suas famílias, mas a economia de todo o município. A pesca era a base da economia da região e hoje o mar, que era a fonte desta economia, transformou a cidade com um produto que não é mais trazido por eles. O petróleo ocupou o espaço que antes era do pescado e que representava o esforço diário do trabalho destes homens.

Antigamente conseguíamos peixes na costa, hoje só 60 milhas da costa, porque a quantidade de navios e rebocadores prejudica a pesca, e nada é revertido para os pescadores. A única vez foi uma compensação de um caminhão e boatos de outras. Eu achava que o órgão competente que faz a parte marítima deveria ajudar mais os pescadores, dizem que os pescadores teriam direito a 1% dos *royalties*, se tem eu não sei, e agora como atual presidente da associação vou me aprofundar mais nisso (SENHOR J., 2011).

Nas reuniões, os pescadores falam da importância da união do grupo no enfrentamento das dificuldades criadas pelo ***todo poderoso***. Acreditam que unidos podem criar parcerias com as indústrias petrolíferas e minimizar as dificuldades de convívio no mar.

Durante todo o tempo de permanência em Macaé, convivi com as dificuldades de enfrentamento desses problemas por parte dos pescadores. A preocupação inicial e que durou ao longo de todo o trabalho era a de não colocá-los como vítimas ou excluídos. Porém foi apenas com a aproximação com os pescadores que percebi a força com que estes homens buscam seus direitos e o desejo de viver da pesca.

### 3 GÊNERO E PESCA EM MACAÉ

Com o avanço do trabalho de campo e o decorrer da pesquisa surgiu a necessidade de compreender o perfil dos pescadores da comunidade. Quanto mais coletava informações a respeito da pesca e dos homens que vivem desta atividade, mais certeza tinha que precisava compreender as particularidades da atividade pesqueira, para enfim, conhecer quem eram os pescadores que estava estudando.

Desde o início da aproximação com o grupo, percebi que não seria fácil descrever um único pescador, com características comuns a todo grupo. Cada homem entrevistado me apresentava novas razões para continuar sem entendê-los. Apesar da forma de organização ser similar, cada grupo de homens que se une para ida ao mar cria regras de trabalho e de convívio social para o tempo em que ficarão embarcados.

Alguns homens da comunidade se classificam ou não como pescadores, de acordo com determinados aspectos. Em Macaé os pescadores locais definem pescador como o homem que sai para o mar para garantir a subsistência de sua família. Possuindo ou não embarcação própria, pescador é quem possui o registro de pesca. Mesmo aqueles que não exercem mais a atividade, mas que viveram da pesca e possuem este registro ainda se consideram como pescadores e são reconhecidos desta forma pelos outros membros do grupo.

Segundo Motta-Maués (1999), entender quem é o pescador pode ser uma das primeiras etapas para se compreender o que é a pesca. Para a autora é preciso pensar a pesca pelo olhar do pescador e não apenas sobre a avaliação do pesquisador.

Seguindo esta ideia, compreender o mundo da pesca e a realidade daqueles homens era cada vez mais necessário, tanto para conhecê-los, quanto para me aproximar deles. Mas a pesca é uma atividade tradicionalmente realizada por homens e pensada como espaço essencialmente masculino, por isso a todo o momento passava pela dificuldade de me inserir naquele mundo de homens, onde quase não encontrava a presença de mulheres. Essa situação é bem delineada por Motta-Maués (1999).

A pesca é uma atividade essencialmente masculina, dela não podendo participar, em hipótese nenhuma, as mulheres. Essa ausência de participação não se verifica apenas no que diz respeito à atividade em si, isto é, à captura do peixe, mas a todas as tarefas que estão de alguma forma ligadas àquela, como manuseio dos apetrechos de pesca e até mesmo o trato do peixe quando chega do mar e deve ser repartido. (MOTTA - MAUÉS, 1999, p.393).

Esta distinção de gênero encontrada na pesca, de um modo geral, dificultou o início do trabalho. O fato de ser mulher em um ambiente marcado pela masculinidade trazia medo e insegurança, de minha parte. A preocupação com os olhares dos homens e a dificuldade de me inserir naquele espaço foi sendo superada, aos poucos, com a ajuda de alguns contatos que fui estabelecendo ao longo da pesquisa.

Alguns informantes tiveram importante participação neste processo de descoberta e conhecimento. O vínculo que ia se formando e se firmando a cada viagem, por meio da atenção que me dispensavam, de convites para um café preparado pela esposa em suas casas, pelo interesse que tinham em me ensinar sobre o mundo da pesca e do pescador.

Entendendo as diferentes modalidades de pesca e as particularidades “do pescar”, passei a investigar quem eram os homens que viviam naquele espaço. O processo de compreender sua organização como pescadores e as diferenças existentes em cada modalidade da pesca, tornava-se cada vez mais difícil.

A primeira vez que percebi a existência de diferentes tipos de pescadores, ocorreu durante a entrevista com o senhor MC. Este senhor calmo, com voz baixa e pausada, me descreveu com detalhes a sua rotina diária da pesca de canoa, no rio Macaé. Por mais inocente que possa parecer, até aquele momento, achava que todos os homens pescavam no mar e não havia pensado como a vida deles estava tão entrelaçada com a atividade laboral. Percebi então, como cada forma de pescar interferia diretamente na rotina dos homens e de suas famílias.

Para entender quem são os pescadores e como vivem hoje na atual conformação do município, onde a atividade pesqueira e petrolífera convivem no mesmo espaço, apontarei alguns aspectos a respeito da atividade pesqueira na região e outros sobre a distinção de gênero existente nesta atividade.

### 3.1 Modalidades de pesca em Macaé

A pesca no Brasil está tradicionalmente ligada a comunidades costeiras ou ribeirinhas. Sendo uma das mais antigas atividades econômicas realizadas pelo homem; a pesca possui grande importância social e cultural, representando a história de vidas de diferentes grupos que vivem desta atividade (LOPES *et al.*, 2001).

Esta atividade já era praticada como meio de subsistência por alguns povos indígenas antes do descobrimento do país. Recebeu influência de diversas culturas, principalmente de portugueses, espanhóis e dos próprios índios. No Rio de Janeiro durante o período colonial era praticada por índios tupinambás que utilizavam “canoas, pirogas cavadas em tronco de árvore e também piperis (igapebas), jangadas feitas de paus amarrados, ambas embarcações utilizadas na pesca litorânea” (DIEGUES, 1999, p.361). Ainda neste período, participavam da pesca de baleia, os escravos africanos que trabalhavam para os portugueses que tinham a concessão desta atividade.

A pesca artesanal, com fins comerciais surge mais tarde, ainda no período colonial, decorrente da falência da economia açucareira e cafeeira devido à necessidade de buscar outras fontes de exploração natural (LOPES *et al.*, 2010).

De acordo com informações fornecidas por alguns pescadores as modalidades de pesca existente na região são: a pesca no mar e a pesca no rio Macaé. A atividade pesqueira se concentra na pesca de linha e na pesca de rede.

A pesca de linha é uma das mais simples e ainda muito utilizada em diversos pesqueiros. Os pescadores da região descreveram duas modalidades para esta atividade: a pesca de linha de fundo, onde utilizam um peso de chumbo para que a linha pese e consiga chegar a profundidades maiores e a pesca de espinhel, onde os pescadores utilizam uma linha principal mais forte capaz de suportar o peso de diversas linhas menores presas a ela e a uma boia que as fazem flutuar tanto na superfície quanto em profundidade.

A pesca de rede é considerada a mais predatória, pois não seleciona o que capta do mar, como peixes pequenos ou em períodos de desova. Entre elas está o arrastão de rede, ou como é chamado pelos pescadores, o arrasto. Este tipo de pesca é realizado com redes colocadas de forma que fiquem boiando na superfície

do mar, conhecida como rede de caída; ou colocada no fundo do mar com auxílio de âncoras conhecido como rede de espera. Também praticam a pesca de parelha que consiste no arrasto de uma única rede por dois barcos emparelhados, considerada a mais predatória de todas as modalidades de pesca.

A pesca de parelha é mais nociva ao meio ambiente por danificar o solo, principalmente quando realizada próximo as praias, e o ciclo reprodutivo dos pescados, por captar peixes e crustáceos de vários tamanhos e destruir recifes. A Colônia de Pescadores Z3 se coloca contra esta atividade, mas os pescadores continuam a exercê-la, mesmo que neguem o tempo todo. Esta modalidade não é considerada pesca artesanal por utilizar duas embarcações para a captura do pescado.

A pesca artesanal é definida segundo a lei nº 11.959/2009, como aquela *“praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria [...] podendo utilizar embarcações de pequeno porte”* (BRASIL, 2009). Segundo a mesma lei, a atividade pesqueira artesanal se refere também aquela ligada a *“[...] trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal”* (BRASIL, 2009).

Ao conversar com os pescadores podemos notar claramente uma divisão temporal em relação à pesca. Existe uma descrição do ‘antigamente’, que representa a pesca em um período, onde a economia da cidade dependia quase exclusivamente desta atividade e a exploração do petróleo ainda não havia iniciado.

Analisando os relatos a respeito da pesca de ‘antigamente’, notamos uma aproximação maior com determinadas características de pesca artesanal conforme descrita na lei 11.959/2009. Existia uma relação de complementaridade familiar, onde as esposas eram responsáveis pela limpeza e salga dos peixes e pela manufatura de redes de pesca e os homens pela pesca e pequena comercialização dos produtos.

Eu ajudei muito ele na pesca... Descamando peixe, salgando, fazendo rede para fora, não é? Depois ainda continuei fazendo rede. Agora rede só tem mais, a rede agora a gente quase não faz rede, vem tudo já pronto, de fábrica (SENHORA E., 2011).



Os relatos dos pescadores apontam para uma mudança na organização social das famílias em relação à atividade pesqueira. Hoje, vemos uma participação menor das mulheres nestas atividades, assim como uma menor adesão dos filhos de pescadores ao seguimento da profissão.

Em Macaé, assim como em outros trabalhos etnográficos em comunidades pesqueiras realizados por autores como Motta-maués (1999), Woortman (1992), Cavalcanti (2008), Rufino (2008), Pinheiro (2008) e Leitão (2010), os relatos demonstram que às mulheres cabiam a salga e limpeza de pescados, confecção de redes e descasque de camarão. Mesmo que hoje as mulheres desempenhem papéis de apoio às atividades ligadas a pesca, antes a presença das mesmas era mais forte que nos dias atuais.

No entanto, com as novas tecnologias trazidas pela industrialização crescente, hoje não existe mais a necessidade de salgar peixes, pois o acesso a aparelhos refrigeradores é mais fácil. Além do processo de modernização das tecnologias que favorecem a captura e comercialização do pescado, ainda existem mudanças relacionadas ao processo de desenvolvimento econômico e urbano do município, com a chegada das indústrias de petróleo.

A oferta de trabalho na região cresceu com o processo de desenvolvimento, principalmente nas áreas relacionadas à extração de petróleo e na indústria de transformação. Porém, segundo Paganoto (2008), este aumento na oferta de trabalho não se deu de forma igualitária. Os migrantes que chegam à região possuem maior qualificação profissional e conseguem se enquadrar nos requisitos exigidos para as vagas de empregos nas áreas mais bem remuneradas.

Assim, para os filhos de pescadores e para aqueles que chegam ao município em busca de melhores ofertas de trabalho sem qualificação profissional, resta os empregos nas áreas de comércio e serviço. No entanto, como afirma Paganoto (2008), os salários pagos por estes setores não diferem muito de outros municípios.

Com as dificuldades que a pesca enfrenta na região atualmente, os filhos de pescadores não pensam mais em permanecer nesta atividade. Esta não é uma vontade apenas dos filhos, a maioria dos pescadores entrevistados relata o desejo de que seus filhos trabalhem embarcados em plataformas.

[...] meu pai nunca deixou eu estudar, me levou para o mar e eu ainda era criança. Agora eu não quero essa vida para o meu filho, preciso que ele estude para ter um

emprego. A vida na pesca não dá segurança, um dia você ganha muito e em outro, não ganha nada. (SENHOR MN., 2011).

Cavalcanti (2008) relata que a decadência da pesca artesanal e a falta de apoio governamental, levam os homens a buscarem maior estabilidade financeira. A incerteza da pesca não garante o sustento das famílias, colocando-a em uma categoria de trabalho inferior na perspectiva de muitos destes homens.

Assim como demonstrado pelo autor, podemos ver em Macaé, que os filhos de pescadores não pensam na pesca com o mesmo orgulho de seus pais. Somado a este problema, ainda temos o crescimento da oferta de trabalho no município, fato que impulsiona os homens que seriam os novos pescadores a buscarem trabalho em outras áreas, principalmente no setor petrolífero, por ser mais bem remunerado.

Para trabalhar embarcado nas plataformas de petróleo é preciso fazer um curso de salvatagem, que exige idade mínima de dezoito anos. O curso oferece conhecimentos básicos sobre segurança em plataformas e dura em média cinco dias. É comum ver *outdoors* em toda a cidade com propagandas destes cursos.

Nas conversas na praça, a maioria dos jovens falava com ansiedade a respeito da realização deste curso, pois este representa a possibilidade de uma vida melhor do que a de seus pais. Desta forma, podemos entender um pouco melhor a situação da pesca na região.

As alterações no modo de pescar hoje refletem as mudanças ocorridas no município nos últimos quarenta anos. Estas transformações modificam não apenas o modo de pescar, mas também interferem em toda a organização social da comunidade, já que os homens pescadores e suas famílias se organizam em torno desta atividade laboral. No entanto, estas modificações não atingem apenas os filhos dos pescadores, mas muitas vezes, altera toda a organização social da família.

### **3.2 Atividades de homens e mulheres na pesca**

O gênero distingue as atividades realizadas por homens e mulheres nas comunidades pesqueiras, fato apontado por diversos autores em trabalhos etnográficos em diferentes regiões do Brasil (WOORTMANN, 1992; MOTTA-

MAUÉS, 1999; BORGONHA E BORGONHA, 2008; PINHEIRO, 2008; RUFINO, 2008; CAVALCANTI, 2008; LEITÃO, 2010).

A demarcação dos espaços segue uma ordem masculina invisível de organização e de trabalho (LEITÃO, 2010). A divisão entre masculino e feminino é socialmente construída e os papéis exercidos por estes sujeitos na sociedade seguem uma ordem simbolicamente formada e legitimada, sem a necessidade de explicação, qual seja, o papel dominante dos homens e de submissão das mulheres (BOURDIEU, 2010). A movimentação no cais e no Mercado Municipal de Peixes de Macaé mostra claramente esta divisão, onde o homem é responsável por todas as etapas envolvidas na saída para o mar em busca do pescado. Não existe espaço para as mulheres neste universo.

No cais é intensa a movimentação de homens, que gritam e andam de um local para o outro, preocupados em desembarcar, pesar e vender o pescado a um bom preço. É um ambiente de disputa e de expressão de poder, onde os pescadores brigam pelo melhor preço do produto que trazem do mar. A quantidade de peixes trazidos, o tempo que passam no mar e o tamanho da embarcação representam símbolos de poder e prestígio no grupo.

Mesmo detalhando as tarefas masculinas desempenhadas neste local com muito prestígio e orgulho, os pescadores não diminuem a importância das atividades femininas. São as mulheres as responsáveis por limpar os peixes e de descascar o camarão, tarefa fundamental para a comercialização do produto. Ainda realizam outros pequenos trabalhos no cais, como auxiliar na saída do pescado das embarcações, puxar caixas de peixes pelo cais em direção aos balanceiros e qualquer outra atividade de apoio, conhecida como “fazer maré”. No entanto, poucas mulheres são vistas neste local e aquelas que ali trabalham não são vistas pelos homens como mulheres.

A questão da homossexualidade não apareceu de forma clara nas falas dos pescadores, no cais, na praça ou em outros locais, quando abordados a respeito destas mulheres. Mas a falta de feminilidade sempre foi apontada por eles como uma das razões para que estas realizem esse tipo de trabalho, ou como consequência do mesmo.

Para estes homens, mulher é aquela que os espera com o jantar pronto, os filhos arrumados, bonita e com a casa arrumada. As mulheres do cais geralmente

estavam de bermuda comprida, bota nos pés, corpo cheirando a peixe e cabelos presos (Figura 11).

Em alguns momentos, escutei conversas sobre a presença de prostitutas no cais, sobre o consumo de bebidas e drogas e sobre orgias feitas por eles. Nenhum pescador falou claramente sobre essas questões, falavam sempre usando exemplo de terceiros ou de um tempo em que faziam e não fazem mais.

Os pescadores não falavam abertamente sobre esses assuntos, essas conversas só aconteciam no cais ou nas embarcações, em ambientes estritamente reservados, masculinos. Não mantinham conversas como essas em casa ou na praça da comunidade. Este fato explica o que Foucault (1985) relata em *História da Sexualidade*, sobre espaços de repressão da sexualidade.

Segundo o autor, a repressão da sexualidade representa a ligação entre poder, saber e sexualidade. Enquanto protegem e propagam o puritanismo em ambientes familiares, afirmam a presença de prostitutas no cais. Assim, as esposas ou mulheres, que mantêm o domínio de seus corpos e convivem de acordo com a ordem masculina (BOURDIEU, 2010), merecem ser tratadas de maneira respeitosa, pois 'são preparadas para casarem com pescadores'.

Para os homens, as mulheres são vistas como objetos simbólicos. Segundo Bourdieu (2010), esta ordem masculina as coloca em constante estado de insegurança, buscando sempre manter uma postura corporal e socialmente aceitável. A feminilidade representa uma resposta à busca de um ideal masculino, onde para serem femininas as mulheres devem ser "sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas" (BOURDIEU, 2010, p.82).

Mesmo considerando as diferenças visivelmente claras entre a distinção física dos órgãos sexuais de homens e mulheres, não podemos considerar apenas este aspecto como diferenciador entre masculino e feminino. As diferenças de gênero são construídas socialmente e reproduzidas tanto por homens como pelas mulheres (BOURDIEU, 2010). A sociedade espera uma postura mais delicada das mulheres como marca da feminilidade que é expressa nas atitudes comportamentais e corporais. Fato que é visto nos relatos dos pescadores quando não consideram como mulheres aquelas que não seguem os padrões estabelecidos pela ordem masculina.



Figura 11: Mulher trabalhando na pesagem do pescado (Foto de Lívia Farias, 2011).

A necessidade de cumplicidade na relação entre homem e mulher sempre foi apontada pelos pescadores. Para eles, a mulher é a responsável por cuidar do bem econômico da família. São elas as responsáveis por administrar a casa, a família e o dinheiro ganho com a pesca. Na maioria das famílias entrevistadas, as mulheres relatam que recebem de seus maridos o dinheiro ganho com a comercialização do pescado e cabe a elas o papel de administrá-lo, considerando as despesas da família e os gastos com a alimentação.

O homem vive no mar e não tem acesso ao que está acontecendo na terra, fica completamente isolado com 3 a 4 homens vivendo em um pequeno espaço. Quando ele chega em casa a esposa tem que ser sábia. A esposa tem que cuidar, dar carinho e saber administrar o dinheiro que ele traz (SENHOR Z., 2012)

Dentro da ordem androcêntrica de pensar de uma comunidade estritamente masculina, a mulher é vista pelos homens como capital simbólico. Deve aceitar aquilo que é imposto socialmente, assim perpetuando as características de feminilidade, como delicadeza, comportamento adequado socialmente, cuidado com os filhos e família e além de todas as características, deve ser objeto de satisfação sexual onde o homem afirma sua virilidade, marca fundamental para manutenção da masculinidade (BOURDIEU, 2010).

A relação de complementaridade do trabalho entre homens e mulheres é muito presente, fato encontrado em outros estudos, como apontado por Ellen Woortmann (1992), em trabalho realizado em uma comunidade pesqueira do Nordeste.

Para a autora, as atividades masculinas e femininas naquela comunidade eram diferenciadas e marcadas de acordo com os “espaços naturais”. Os homens se dedicavam à pesca e as mulheres às atividades agrícolas, à criação de pequenos animais e ao cuidado com a casa, com o marido e os filhos. Assim, para a autora, o mar e a terra representavam dois espaços naturais que não se misturavam e que eram de domínio masculino e feminino, respectivamente.

Apesar da divisão de espaços e tarefas era possível ver a cooperação mútua entre os gêneros em suas atividades, mesmo que com características distintas entre eles. Os homens ajudavam no preparo do solo, assim como as mulheres ajudavam no preparo de redes, na salga dos peixes, entre outras. Porém, enquanto as mulheres deveriam sempre estar dispostas a ajudar, mesmo que precisassem interromper suas atividades na roça, os homens só o faziam em momentos de folga e não viam sua participação em tais atividades como trabalho (WOORTMANN, 1992).

Mesmo não encontrando atividade agrícola na comunidade pesqueira de Macaé, como descrito pela autora e por outros trabalhos, esta relação de apoio permanece nesse grupo, assim como a divisão de espaços femininos e masculinos. Os homens apontam a necessidade de apoio das mulheres como fator essencial para a atividade no mar. São as mulheres que mantêm a casa e a família quando eles não estão em terra.

A divisão de espaços masculinos e femininos se dá de forma simples, como explicado em outros trabalhos realizados em comunidades pesqueiras (WOORTMAN, 1992; CAVALCANTI, 2008). O masculino se opõe ao feminino, assim como o mar se opõe a terra, esta divisão de espaços e de atividades marcadas pelo gênero reforça a dominação masculina presente na atividade pesqueira. Aos homens ficam os espaços públicos, a praça, o cais, o mercado, a colônia e a associação, local predominantemente reprodutor da ordem masculina, onde os homens podem se expressar coletivamente; às mulheres cabem os espaços privados, aqueles fechados, reservados e protegidos como a casa, a família, a igreja (BOURDIEU, 2010).

Para Bourdieu (2010), os homens vivem presos à ideia de honra e vergonha, onde não podem rebaixar-se às tarefas femininas, consideradas socialmente inferiores. Assim, são socialmente “obrigados” a reproduzirem comportamentos que enfatizam o ideal de masculinidade, perpetuando a própria ordem de dominação que expressam.

Segundo os relatos dos pescadores, a divisão de tarefas marcadas pelo gênero sempre existiu na comunidade. Porém as modificações ocorridas na organização social e econômica do município advindas do desenvolvimento das indústrias petrolíferas acarretaram algumas transformações nas relações entre homens e mulheres e na sua organização em relação ao trabalho.

Na década de 1970, a pesca era suficiente para manter o sustento das famílias, pois os homens saíam todos os dias para o mar e voltavam com o alimento e com dinheiro. Todos viviam da atividade pesqueira, as mulheres faziam redes, limpavam e salgavam o peixe e os homens saíam para o mar. Com o passar do tempo e com a diminuição do pescado e da atividade pesqueira, as mulheres passaram a buscar outras atividades econômicas para auxiliar no sustento das famílias, tais como lavar roupa, trabalhar como doméstica, trabalhos no comércio, confecção de bolos e artesanato, e nos setores de serviços.

Uma vez que a pesca não provê mais a sustentabilidade, a maioria dos homens teve que aceitar o fato de suas esposas trabalharem, alegando que a “*modernidade faz a necessidade*” (SENHOR MN.), que é preciso aceitar a independência feminina e que nos dias de hoje os gastos são maiores devido a uma maior oferta de serviços e produtos trazidos com o desenvolvimento econômico da cidade, tais como internet, telefonia móvel, computadores, etc. O fato de aceitarem que as esposas trabalhem fora de casa e em outras atividades, que não o trabalho com o pescado, não os colocam em uma posição de maior flexibilidade e compreensão dos papéis masculinos e femininos. Reforça os aspectos característicos da dominação masculina.

Os homens são criados para serem viris, protetores, fortes e provedores. A responsabilidade de manter o sustento da família é para eles uma atividade masculina. A tentativa de manter e propagar as características de masculinidade os prende aos símbolos de dominação que a sociedade lhes impõe, para que a identidade masculina seja preservada a qualquer preço. Esta imposição social é resultado de uma construção masculina, onde os homens que criam esta ordem, os

dominantes, se encontram presos dentro de sua própria dominação, pois precisam respeitar e manter esta ordem (BOURDIEU, 2010).

As relações entre homens, mulheres e trabalho estão dentro de relações de poder e incorporação da dominação masculina. O discurso dos homens aponta para a necessidade de manter sua família, sem passar por dificuldades econômicas, para isso é necessário que suas esposas trabalhem. Desta forma, mais uma vez o poder é imposto, já que a mulher só passa a trabalhar com a autorização do seu parceiro. Isto é feito para sustentar uma função que os homens acreditam ser deles, a de prover. Com a permissão, passam mais uma vez a impor as regras de masculinidade e poder. Embora esta situação tenha sido relatada pela maioria dos homens desta comunidade, podemos ver algumas modificações nesta relação entre gênero e trabalho. Algumas mulheres passaram a buscar maior capacitação profissional, como cursos técnicos e universitários e são apoiadas por seus maridos.

A pesca como atividade que caracteriza esse homem confere o status de provedor e dominador que necessitam para manter esta relação de poder. Segundo Foucault (1979), o poder pode ser expresso de diversas maneiras e não apenas como um sistema hierárquico de cima para baixo. Assim, Os homens mesmo quando não são capazes de manter esta postura, continuam legitimados como dominadores, pois são criados para reproduzirem as características de dominação e poder e as mulheres para aceitar este papel de submissão (BOURDIEU, 2010).

### **3.3 “O Predador do mar” - características de masculinidade impregnadas no homem pescador**

A primeira vez que escutei a expressão: ‘nós somos caçadores, **nós** [ênfase na fala do pescador] somos os predadores do mar’, foi em uma fala do senhor Z., um dos pescadores mais antigos da Colônia e muito respeitado pelo grupo. Havia sido convidada para a primeira reunião de pescadores na Associação de Moradores da Barra, cheguei cedo para acompanhar tudo. Estava ansiosa, pois seria o primeiro contato com diversos pescadores ao mesmo tempo em um ambiente que não era o cais.



Aos poucos os pescadores vinham chegando e estacionando suas bicicletas no pátio da associação. Conversavam sobre futebol, a respeito das brincadeiras na praça, estavam em grupinhos pequenos, tímidos, falando baixo. Uma imagem completamente diferente daquela que a Dona C. havia passado que pescador é “mulherengo, safado, beberrão...”.

A reunião que ocorria era para o presidente da Associação Mista de Pescadores da Barra apresentar as propostas de sua campanha ao cargo. Logo que começaram a falar sobre a pesca todo o ambiente calmo se transformou. Havia pouquíssimas mulheres e os homens brigavam entre si e questionavam o posicionamento do futuro presidente da Associação de Moradores e do presidente da Colônia, que também estava presente.

Aquele era um espaço de decisões, de disputas políticas e de busca de melhores condições para a pesca. A todo o momento um deles se levantava para falar sobre propostas para a nova gestão da associação ou dos problemas que passam na pesca.

Esse encontro foi crucial para a minha aproximação com os pescadores. Escutando suas falas, percebi que a pesca caracteriza o pescador como homem. Desde criança eles acompanham seus pais na saída para o mar em busca do sustento da família.

As características que expressam a propagação da divisão entre homem e mulher são nítidas em comunidades pesqueiras. A distinção entre masculino e feminino se faz presente e é aceita por toda a comunidade. Mesmo com as modificações ocorridas nas relações de homens e mulheres em relação ao trabalho, ainda vemos uma divisão de papéis e espaços bem delineados.

Segundo Bourdieu (2010), a divisão entre masculino e feminino é socialmente construída e os papéis exercidos por estes sujeitos na sociedade seguem uma ordem simbolicamente formada e legitimada, sem a necessidade de explicação, qual seja, o papel dominante aos homens e de submissão às mulheres. “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção” (BOURDIEU, 2010, p.18).

Este universo da pesca desenha claramente a naturalização da oposição entre masculino e feminino descrita pelo autor. É um espaço social de homens não permitido às mulheres.

Na concepção dos homens a pesca é uma atividade masculina, que requer 'força física, agilidade, resistência e inteligência'. Características que segundo eles, não fazem parte do mundo feminino. Quando descrevem suas atividades no mar, falam da dificuldade do trabalho, que exige muito esforço físico e enfrentamento de perigos e outras dificuldades, como o frio e a chuva.

As diferenças físicas entre homens e mulheres são visíveis, claras e facilmente explicáveis pelas características anatômicas e biológicas. No entanto, não justificam a distinção entre masculino e feminino. As diferenças são comportamentais, construídas socialmente por uma disposição ao masculino. São incorporadas com o passar do tempo, sem a preocupação inicial de entender razões e explicações que justifiquem características femininas e masculinas ou até mesmo os papéis sociais exercidos por estes (BOURDIEU, 2010).

Esta distinção de gênero determinada pelos aspectos físicos pode ser vista claramente nesta comunidade, quando os pescadores relatam a necessidade de um corpo forte para realizar as atividades da pesca. O arrasto exige força para puxar a rede, no entanto, são os próprios pescadores que hoje falam dos benefícios da modernidade para a pesca. Hoje existem guinchos para auxiliar na pesca, as embarcações contam com estruturas maiores, como local para dormir, motores potentes, rádios transmissores e GPS. As diferenças biológicas impostas nos corpos de homens e mulheres são os únicos fatores que impedem uma mulher a trabalhar na pesca?

A maior aproximação com os pescadores me permitiu entender que existe uma ordem social da divisão entre masculino e feminino neste universo. Os homens são criados para serem fortes e capazes de enfrentar os perigos do mar. Eles propagam estas características de masculinidade impregnadas na identidade do pescador. As disposições para a força, destreza, agilidade e virilidade fazem parte do *habitus* do pescador. Para Bourdieu (2009, a.), o *habitus* pode ser explicado como um conjunto de disposições adquiridas, permanentes e geradoras. São "(...) estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas (...)" (BOURDIEU, 2009, a. p. 87). Assim ocorre com esses homens, que incorporam esses símbolos de masculinidade exigidos para ser um bom pescador e os reproduzem socialmente, mantendo a distinção entre masculino e feminino e passam aos jovens a permanência destas características.

A honra, que segundo Bourdieu (2010), é um importante marcador da masculinidade, para os pescadores está presente na capacidade de ir ao mar. São como eles se designam: os caçadores ou os predadores do mar. Enfrentam os perigos e incerteza da natureza para garantir sua capacidade de prover e assim manter a honra de homem do mar.

Durante o processo de comercialização do pescado no cais, que será mais bem detalhado na seção IV deste trabalho, os homens retiram suas caixas com o produto da pesca das embarcações e as deixam no chão do cais. Em períodos de boa pescaria nota-se que o pescador que chegou do mar com uma boa pesca, sente prazer em mostrar aos demais membros do grupo, o resultado do seu trabalho.

Para Bourdieu (2010), o homem precisa demonstrar sua capacidade de dominação. Esta disposição à manutenção do *status* de dominador caracteriza o *habitus* masculino. Assim, “cabe aos homens [...] realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita [...]” (BOURDIEU, 2010, p. 41).

A capacidade de sair para buscar sua presa é um exercício da dominação que os homens impõem e que lhes são constantemente impostas pela sociedade, pois precisam demonstrar sua capacidade para se identificarem como machos. Assim acontece quando demonstram com orgulho o resultado da pesca (Figura 12).



Figura 12: Pescados expostos no chão do cais (Foto de Lívia Farias, 2011).

O produto da pesca é um símbolo de masculinidade para esses homens. A exposição do pescado é a demonstração da honra masculina, resultante do seu trabalho. No entanto, nem todo pescado caracteriza esta honra masculina e lhe

oferece capital simbólico. Algumas modalidades de pesca, apesar de não terem supervisão do IBAMA que as impeçam, não são bem vistas pelo grupo.

Assim ocorre com os peixes protegidos pelo defeso e com a pesca de peixes que ainda não atingiram o tamanho ideal. Os pescadores que mantêm a pesca do camarão durante o defeso não são bem vistos pelo restante do grupo, assim como aqueles que praticam a pesca da palombeta.

A palombeta é o filhote do cação. Muitos pescadores reclamam da pesca desta espécie, pois segundo eles, danifica o ciclo reprodutivo do cação. Uma palombeta pesa em média 2 kg, enquanto um cação pesa em média 6 kg. A reclamação dos pescadores se fundamenta na ideia de que é preciso três palombetas para atingir o peso de um cação, que futuramente estariam perdendo o equivalente ao peso de dois cações, visto que a pesca de palombeta diminui a pesca desta espécie de peixe.

Durante a reunião citada no início deste tópico, escutei alguns pescadores reclamarem dos prejuízos causados aos pesqueiros resultantes da atividade sísmica realizada pelas indústrias petrolíferas. Porém, uma grande parte dos pescadores não se exime da responsabilidade da diminuição do pescado na região.

O pescador não pode só reclamar da Petrobrás, não é ela que suja o mar sozinha. A gente tinha 30 barcos, e agora? Não pode pescar de arrasto, é proibido, mas todo mundo pesca. Como você vai pegar camarão VG? (SENHOR Z., 2012)

Para estes, os pescadores são predadores. O cuidado com o mar e com os pesqueiros deve começar com a atitude dos membros da própria Colônia. Apesar das dificuldades da pesca nos dias de hoje, os homens reconhecem a sua contribuição para a atual situação. Segundo eles, o aumento do número de redes, a pesca excessiva e o não respeito dos períodos naturais de desova de algumas espécies de pescado, também contribuem para a diminuição da atividade pesqueira.

### 3.4 “Protetor solar, pra quê?”- Quem cuida do homem do mar?

Em uma manhã de domingo, durante uma das primeiras viagens a Macaé, estava andando pelo cais com um dos amigos do mercado e escutei a seguinte pergunta: “quantos anos você acha que ele tem?”.

Aquele homem deve ter uns 35 anos, mas parece ter uns 50. O mar acaba com eles. O mar cansa! É um trabalho pesado, muitos dias sem dormir, mas o que castiga mesmo é o sol. (SENHOR L., 2011)

Passava um homem com aparência cansada, com o macacão de napa que alguns costumam usar para se protegerem do constante contato com a água, com uma lata de cerveja na mão e com a pele do rosto com muitas rugas e com uma coloração meio rosada, característica comum a quase todos os pescadores.

Quando questionei o senhor L. sobre o uso de protetor solar, a resposta que tive foi: “e homem usa isso, ainda mais pescador”. Começamos a conversar sobre câncer de pele, que mesmo não tendo me prendido a buscar a incidência da doença na população de pescadores, depois passei a escutar diversos relatos a respeito do assunto. Esta foi a primeira vez que escutei algo sobre a preocupação com a saúde.

Mesmo demonstrando a preocupação com o câncer de pele e até mesmo com outras doenças como câncer de próstata, a maior preocupação relatada foi com as dores de coluna. Muitos pescadores afirmam sentir fortes dores musculares e de coluna devido ao esforço repetido ao longo de anos de trabalho.

A preocupação maior com as dores físicas decorrentes do trabalho e das doenças do coração, como infarto, vinha sempre associada à preocupação com a paralisação da atividade laboral. O câncer de pele por mais que fosse presente, era mais silencioso, não impedia que eles continuassem a sair para o mar, mas estes outros problemas fazem com que eles fiquem impedidos de pescar, mesmo que temporariamente.

Em diversas conversas escutei sobre o esforço das tarefas realizadas no mar. O esforço de puxar rede, de catar o camarão que quando chega no arrasto, vem com diversas espécies de peixes e os pescadores precisam ficar sentados em um banquinho por horas para separar o camarão dos outros peixes da rede. Depois de

todo esforço do mar, quando chegam ao mercado ainda precisam retirar as caixas pesadas das embarcações para pesagem e comercialização.

A Figura 13 representa a simulação do trabalho no barco, onde os homens ficam horas sentados selecionando o camarão que chega no arrasto. Esta foto foi tirada a pedido do senhor Ez., que assim como outros pescadores relataram as dores musculares provenientes do trabalho na pesca.



Figura 13: Pescador simulando o trabalho de seleção de camarão trazido no arrasto (Foto de Lívia Farias, 2011).

Os estereótipos de gênero criam uma cultura onde o homem se considera invencível e invulnerável e a doença é vista como um sinal de fraqueza e fragilidade (BRASIL, 2008). Os homens temem a descoberta de alguma doença, desta forma só procuram os serviços de saúde em casos de dor insuportável ou quando existe a impossibilidade de trabalhar devido à doença (GOMES, NASCIMENTO e ARAÚJO, 2007).

Segundo Nardi (1998), o homem se identifica pelo trabalho e por meio dele exerce sua função de provedor. Desta forma, a incapacidade de trabalhar o impossibilita de manter esta função. A doença remete os homens ao espaço privado

da casa e do cuidado e os afasta dos espaços públicos de decisão. A doença os distancia do objeto marcador de sua identidade, o trabalho.

O senhor Gb, um pescador, que não mais exerce esta função, passou a desempenhar atividades ligadas à casa, como cuidar dos netos, da casa e da preparação das refeições depois de ter sofrido um acidente que o impossibilitou de trabalhar. A necessidade de manter a família fez com que ele passasse a exercer as atividades consideradas femininas enquanto a esposa passou a trabalhar fora do lar para manter a economia familiar.

A honra, marcada principalmente na virilidade, se realiza como um ideal que deve a todo o momento existir, inabalável. É por meio da virilidade que o homem demonstra e impõe sua capacidade reprodutiva, sexual e social. Este fato, explica o constante medo dos homens a aceitarem a fragilidade da doença, pois por meio da aceitação deste marco feminino, eles perdem seu maior capital simbólico, a honra (BOURDIEU, 2010).

Esta dificuldade de aceitar a doença diminui a procura por atendimento médico, assim como outros fatores, como a dificuldade de conciliar os tratamentos com o trabalho. O horário de funcionamento das instituições públicas de saúde não são compatíveis com o horário de trabalho formal, a precarização dos serviços de saúde, as filas que podem levar o dia inteiro sem necessariamente garantir o atendimento e o alto custo das consultas particulares, também são considerados como determinantes para a não procura por serviços clínicos (GOMES, NASCIMENTO e ARAÚJO, 2007).

Porém, os horários das consultas também dificultam a conciliação com o trabalho para as mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho. No entanto, podemos ver que as mulheres possuem uma maior disposição incorporada historicamente ao cuidado com o corpo e com a saúde.

Os homens não se reconhecem como prioridade no atendimento de programas de saúde, pois as ações preventivas são dirigidas quase exclusivamente para mulheres. Os serviços de saúde são caracterizados como espaços femininos. As mulheres foram mais acostumadas a expor os corpos à medicina, enquanto os homens sentem vergonha de se expor, atitude que, por exemplo, dificulta o diagnóstico precoce de câncer de próstata (LAURENTI, JORGE e GOTLIEB, 2005).

Em Macaé, os pescadores reclamam do serviço de saúde oferecido pela prefeitura, pois alegam ser demorado e nem sempre possuir os especialistas que

desejam como urologista, dermatologista e ortopedista. Acreditam e reivindicam uma posição mais preocupada e operante dos órgãos representativos.

A Colônia de pescadores oferece atendimento médico, mas na cidade e não na comunidade de pescadores, fora que as especialidades existentes não atende às necessidades dos pescadores. A Associação Mista de Pescadores apesar de ter sua sede na própria comunidade, ainda não está com os consultórios em funcionamento.

A baixa procura dos serviços de saúde pelos homens pode ser explicada por vários motivos, sendo os determinantes socioculturais e as barreiras institucionais os principais motivos (BRASIL, 2008).

A maior morbimortalidade masculina pode estar vinculada à forma de socialização deste grupo (GOMES, NASCIMENTO E ARAÚJO, 2007). Os homens são gerados e criados em uma cultura que enfatiza o poder, o sucesso, a força e a virilidade, construindo características tipicamente masculinas que favorecem o distanciamento de atitudes ligadas ao universo feminino como: sensibilidade, cuidado, dependência e fragilidade.

A manutenção destas características da construção da personalidade masculina pode, muitas vezes, aumentar a vulnerabilidade dos homens e criar situações favoráveis ao aparecimento de algumas doenças, de lesões e mortes (SCHRAIBER, GOMES E COUTO, 2005).

Os homens, de um modo geral, não se reconhecem como prioridade no atendimento de programas de saúde, pois as ações preventivas são dirigidas quase exclusivamente para mulheres. Os serviços de saúde são caracterizados como espaços femininos. As mulheres foram mais acostumadas a expor os corpos à medicina, enquanto os homens sentem vergonha de se expor, atitude que, por exemplo, dificulta o diagnóstico precoce de câncer de próstata (LAURENTI, JORGE e GOTLIEB, 2005).

Homem é desestimulado. Mulher faz trabalho preventivo, homem não faz. O pescador não é socializado, não vai ao médico fazer exame, só envereda na farra, bebida e nas drogas (SENHOR Z., 2012).

Durante o século XX, houve um processo intenso de medicalização do corpo feminino e a 'saúde da mulher' ainda estava muito vinculada à maternidade e a saúde da criança. O movimento feminista, contra o fundamentalismo do caráter materno-infantil, resgata o termo "saúde da mulher" para garantir as necessidades



das mulheres num aspecto mais amplo e não restrito a maternidade. No Brasil, esta iniciativa alcançou seu ápice com a criação do PAISM (Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher) em 1991 (AQUINO, 2005).

Neste mesmo período, surgem estudos sobre o ser saudável e o ser doente entre os homens. Inicialmente estes estudos estavam voltados para os homens jovens, pois as maiores causas de mortalidade entre os homens estavam ligadas às suas formas de socialização e estilo de vida. Posteriormente, os homens em processo de envelhecimento passam a fazer parte destes estudos e surge a necessidade de investigação sobre a posição social dos homens e suas repercussões na saúde (AQUINO, 2005).

A questão da idade também é vista por alguns pescadores como doença. A pesca requer força física e agilidade e com o passar dos anos os homens vão perdendo as habilidades da juventude e nem todos conseguem se manter na pesca. O fato de não conseguirem mais pescar fazem com que estes homens se sintam doentes, incapacitados. Segundo Adomilli (2009), a idade dos pescadores varia entre 18 a 40 anos. Os homens que passam desta idade se consideram velhos e incapazes de exercer sua atividade e, portanto, passam a relacionar este estado de menor produtividade à doença.

A dominação masculina é um construto social, onde a relação de dominante e dominado é vista de forma imutável e imposta como natural, como regra, desta forma criam-se disposições (*habitus* femininos e masculinos) que determinam os papéis de homens e mulheres (BOURDIEU, 2010). A manutenção destes *habitus* masculino cria uma situação de vulnerabilidade dos homens em relação à saúde, já que não se aceitam como sujeitos capazes de adoecer e de demonstrar fragilidade.

É neste contexto colocado pela dominação masculina, que os homens se encontram em um espaço feminino de cuidado com o corpo e com a saúde. A inversão de papéis tão temida pelos homens se faz necessária para a manutenção da virilidade, de um modo geral, precisam aceitar sua vulnerabilidade, e a possibilidade de adoecimento, que não é aceita pelo próprio sentimento de aprisionamento da dominação, para que possam buscar maior cuidado com manutenção da honra através de uma boa saúde, que os mantenham fortes, capazes e viris.

#### **4 ALIMENTAÇÃO, GÊNERO E PESCA: PARTICULARIDADES DAS PRÁTICAS ALIMENTARES DE HOMENS DA COMUNIDADE PESQUEIRA Z3**

Os estudos realizados sobre práticas alimentares e gênero apontam para a necessidade de avaliar estas relações em seus diversos contextos. Porém, é importante o cuidado com a utilização da categoria analítica gênero, devido ao risco de generalizações e da naturalização de papéis femininos e masculinos (ABDALA e MENASCHE, 2008).

Abdala e Menache (2008), em “Comida e gênero: repensando teorias e prática”, fazem um levantamento bibliográfico sobre trabalhos realizados no Brasil com este tema. Segundo a autora, a partir dos anos de 1990, houve um grande aumento do número de estudos nesta área e o aprofundamento nesta temática possibilitou maior visibilidade das relações entre homens e mulheres com a alimentação, visto que por muito tempo estes estudos consideraram apenas as práticas femininas relacionadas ao cuidado de nutrir e alimentar a família.

A alimentação sempre foi, e ainda é considerada área de domínio feminino, onde a mulher é responsável por gerenciar o consumo doméstico, ser mãe e esposa e ao homem cabe o papel de prover as necessidades da família. As mulheres são responsáveis pelo preparo e distribuição dos alimentos. Os atos alimentares caracterizam a distinção de gênero e as relações familiares, como também estão fortemente ligados à constituição de identidades (ROMANELLI, 2006; WEDIG, MARTINS e MENASCHE, 2008; WOORTMAN, 1992).

Apesar da disposição naturalizada socialmente (que relaciona a alimentação ao universo feminino), os estudos de gênero devem incorporar as relações entre homens e mulheres, de forma relativizada, considerando as inter-relações entre eles, e não de forma binária e segmentar que opõe o masculino ao feminino e associa a mulher ao espaço privado do cuidado e o homem ao espaço público das decisões.

Ao considerarmos as três áreas de interesse da pesquisa: alimentação, gênero e pesca, temos que pensar em duas situações distintas de invisibilidade que ocorrem nas relações de homens e mulheres. Da mesma forma que os homens não possuem destaque nos estudos sobre alimentação, em relação à pesca o enfoque

passa a ser o masculino. No entanto, mais recentemente diversos trabalhos passaram a investir na discussão sobre a invisibilidade do papel feminino na pesca (CAVALCANTI, 2008; RUFINO 2008; PINHEIRO 2008; BORGONHA e BORGONHA 2008; LEITÃO 2010) Considerando assim, as relações de gênero e a complexidade dos diversos aspectos que envolvem a alimentação, abordarei agora alguns pontos necessários para a compreensão das práticas alimentares dos homens da Colônia de Pescadores Z3.

#### **4.1 Fluxo do pescado em Macaé: do mar para a mesa**

A etnografia, como já foi dito durante a seção I desta dissertação, é um trabalho que se constrói na relação entre o pesquisador e os sujeitos a serem 'investigados'. Em diversos momentos da pesquisa, não me dei conta da riqueza das informações que saltavam aos meus olhos. A vontade de falar sobre alimentação com os pescadores, em um primeiro momento, não me deixava ver que desde a primeira viagem já estava envolvida em diversos aspectos das práticas alimentares da comunidade.

Mas, recorrendo ao conceito de práticas alimentares propostos por Diez Garcia (2005), qual seja um conjunto de símbolos e significados dados à comida e ao comer, percebi que já compartilhava com eles alguns fatores associados às suas práticas. Segundo Diez Garcia (2005), o conceito de práticas alimentares incorpora diversos aspectos sociais do comer, como a seleção dos alimentos, a forma como é preparado, servido, seus aspectos simbólicos, incluindo as representações dos alimentos como comida e os sentimentos dos sujeitos em relação à alimentação. O importante é entender as relações sociais criadas entre os sujeitos e o alimento no momento do comer.

As escolhas são resultado de um processo multideterminado, influenciado por fatores como o meio ambiente, que indica os recursos disponíveis para a alimentação; os relacionamentos sociais; as condições socioeconômicas; a história e a personalidade individual (CANESQUI, 2005). Para a autora as escolhas alimentares não são feitas apenas pelo determinante biológico, que seleciona os alimentos mais nutritivos. O comer envolve preferências, escolhas, ideias e

significados socialmente construídos. A cultura define o que é permitido ou não comer e ao ser humano resta à escolha de suas preferências, seja pela questão da saúde, da busca de um espaço social, da preocupação com a estética corporal, da condição econômica, entre outros fatores, conforme descrito na citação.

Comemos também de acordo com a distribuição da riqueza na sociedade, os grupos e classes de pertencimento, marcados por diferenças, hierarquias, estilos e modos de comer, atravessados por representações coletivas, imaginários e crenças (CANESQUI, 2005, pg. 11).

Uma vez que a alimentação representa um processo vital na vida do ser humano, a forma de organização social dos indivíduos em relação à produção e distribuição dos alimentos também deve ser considerada. O modo de organização do sistema produtivo dos alimentos, da aquisição e da distribuição destes, pode influenciar as escolhas alimentares e, conseqüentemente, na formação das práticas alimentares de um grupo. A experiência vivenciada em Macaé demonstrou explicitamente esta dinâmica. Assim, ao longo desta seção abordarei aspectos que explicam como a organização social do sistema produtivo da pesca, assim como os fatores que interferem na atividade pesqueira da região, influenciam as práticas alimentares destes homens.

Durante as primeiras viagens a Macaé, me deparei com um dos principais problemas da pesca, comum a qualquer comunidade pesqueira, a sazonalidade. Na viagem realizada durante o mês de agosto de 2011, pude acompanhar as dificuldades dos pescadores em lidarem com os problemas causados pelas chuvas e pelos ventos fortes. A Capitania dos Portos havia proibido a navegação em alguns dias que estive na cidade, mas mesmo com esta proibição ainda vi alguns pescadores saírem para o mar e voltarem com suas embarcações danificadas.

Ao andar pelo cais, podia ver diversos homens olhando o mar e planejando a possibilidade de uma pescaria que eles não tinham a certeza se iria realmente ocorrer, devido aos problemas com o tempo. A angústia dos pescadores em não poder sair para o mar expressava a necessidade de capturar o pescado e manter o sistema produtivo e claro o sustento de suas famílias.

Este fato, assim como outros que serão abordados nesta seção, mostra que o estudo da alimentação deve estar atento a diversos aspectos, incluindo a incorporação de fatores sociais, da mesma forma como a inclusão de aspectos econômicos, ambientais e políticos.

Independente de a Nutrição ser considerada uma ciência biológica é preciso ampliar a compreensão dessa ciência, aliando aos aspectos biológicos aqueles referentes aos aspectos sociais, culturais e econômicos, deve-se também integrar em sua prática os fatores ambientais e amplitude dos sistemas alimentares (CANNON, LEITZMANN, 2005).

O primeiro ponto a ser trabalhado a respeito das práticas alimentares dos homens na comunidade pesqueira Z3 é a relação destes com a produção de alimentos. Então, para melhor explicar o fluxo produtivo do pescado e os fatores que influenciam neste sistema foi criado um esquema (Figura 14) baseado na observação ao longo do trabalho e nas conversas no cais e no Mercado Municipal de Peixes.



Figura 14: Fluxo Produtivo do pescado em Macaé.

O pescado representa o produto de trabalho desses homens. O valor comercial deste produto também sofre influências de fatores sociais, econômicos, ambientais e políticos. Na convivência com os pescadores no cais, pude compreender por meio da observação e de conversas ao longo do trabalho, a ordem social de comercialização do pescado no cais.

A pesca é a atividade central e estruturante da vida dos homens da comunidade e de suas famílias. Pensando a respeito das práticas alimentares, por este olhar mais ampliado, vemos que produção dos alimentos nesta comunidade passa a ser responsabilidade estritamente masculina. As mulheres que exercem

algum tipo de atividade ligada à pesca não são vistas pelos demais membros da comunidade como pescadoras e têm seu trabalho vinculado a uma atividade de apoio sem muita importância para a organização produtiva. A posição inferior das mulheres em relação aos homens em comunidades pesqueiras, também foi observada em outros estudos (CAVALCANTI, 2008; RUFINO, 2008; PINHEIRO, 2008; BORGONHA, BORGONHA, 2008; LEITÃO, 2010).

Os homens organizam e planejam suas vidas em torno da pesca. Eles se organizam em grupos para irem ao mar e seguem uma ordem hierárquica de acordo com a função desempenhada na pesca. Desta forma, quem comanda a embarcação, planeja as viagens e toma as decisões mais importantes, é o mestre do barco. Seguindo esta função temos o gelador, o cozinheiro e os camaradas (homens que trabalham em atividades de apoio no convés). O mestre do barco recebe duas partes do valor final da pescaria, o gelador e o cozinheiro recebem uma parte e um quarto do que foi recebido pelo mestre, e os camaradas recebem o restante, equivalente a uma parte. Por exemplo, em uma pescaria que rende R\$ 2000,00, com uma despesa de R\$ 800,00, restará R\$1200,00 para ser dividido pelos pescadores, assim o mestre recebe R\$ 400,00, o geleiro e o os pescadores recebem R\$ 300,00 e o camarada recebe R\$200,00.

Os pescadores precisam planejar a viagem de acordo com o tipo de pesca e com o número de dias que irão passar no mar. A pesca de rede precisa em média quatro pessoas, já a de linha de cinco a seis pessoas e a pesca de camarão necessita duas pessoas, segundo relato dos pescadores. O tempo que passam no mar determina também o gasto com óleo diesel e com gelo, utilizado para manter a qualidade do produto capturado e a quantidade de alimentos comprados para as refeições dos pescadores durante a estadia no mar.

Dentre os fatores a influenciar o valor comercial do pescado estão o número de dias que a embarcação passa no mar, o gasto com a manutenção da embarcação e o número de homens necessário para realizar a pescaria. Segundo os pescadores, a saída para o mar é a obtenção de uma dívida que nem sempre é sanada com a venda do pescado.

A gente leva, primeiramente, 400 caixas de gelo, 2000 a 2200 litros de óleo diesel, rancho, que é aqui nessa padaria [referindo-se a padaria da praça dos pescadores no bairro da Barra] que a gente faz, é cerca 1500 a 1600 reais (SENHOR J., 2011).

Esse barco já saiu com R\$ 1000,00 de despesa e a pesca não paga nem a despesa (SENHOR G.,2011) [ explicando que a embarcação saiu do cais com uma despesa maior do que o que ganhou – período de chuvas].

Outro fator que influencia o valor do pescado é a sazonalidade, pois interfere diretamente na quantidade de pescado capturado. Em períodos de chuva e de pouca pescaria a oferta é menor que a demanda aumentando assim o valor comercial do produto. O contrário acontece no verão que é o melhor período do ano para pesca. Segundo o Senhor M. *“deu muito, o preço cai, deu pouco, o preço aumenta. Se você acompanhar ali [no mercado] você vai ver goete a R\$ 4,00, mas quando der muito você vai ver a R\$ 1,50”* A relação entre a pesca e a natureza causa uma situação de insegurança econômica para muitos pescadores, (ADOMILLI, 2009).

O valor comercial do pescado ainda é determinado por algumas características intrínsecas ao pescado capturado como quantidade de espinhas e de carne. O peixe sapo é um exemplo, pois tem uma cabeça muito grande, pequena quantidade de carne e ainda é comprado inteiro pelos peixeiros, o que acaba influenciando seu valor final. O peixeiro repassa o valor pago no quilo do peixe inteiro para o filé para não ter prejuízo na venda, visto que depois de limpo e cortado em filés o rendimento é muito baixo se comparado ao tamanho total do peixe.

Ao chegar ao cais, os pescadores se organizam para o desembarque do pescado (Figura 15). Os homens retiram suas caixas de peixes da embarcação e colocam no chão do cais para serem pesados pelos balanceiros. Em caso de peixes grandes, colocam diretamente na balança, como acontece com dourado, atum e cação. O dono do barco ou o mestre acompanha todo o trabalho de retirada e pesagem do produto.



Figura 15: Retirada do pescado das embarcações, Macaé-RJ (Foto de Livia Farias, 2011).

As caixas são colocadas uma ao lado da outra e ficam expostas esperando os compradores (Figura16). Os mareseiros auxiliam na retirada das caixas das embarcações e também na pesagem do pescado. Os mareseiros são pagos de acordo com a tarefa realizada. Como o trabalho deles é de apoio às atividades no cais, são pagos por aqueles que receberam a 'ajuda'. A maioria dos pescadores paga com peixes que são vendidos, posteriormente, aos peixeiros do mercado.



Figura16: Processo de pesagem do pescado no cais (Foto de Livia Farias, 2011).

A pesagem do pescado é realizada nas balanças da Colônia de Pescadores e em balanças próprias dos atravessadores. Para utilizarem as balanças da colônia, cada pescador deve pagar R\$ 10,00 por mês. Porém, os pescadores alegam que em tempo de 'pescaria fraca' não pagam e o diretor acaba não cobrando por saber de suas dificuldades econômicas. Os balanceiros que possuem balança própria pagam R\$ 10,00 por dia para a Colônia de pescadores para trabalharem no cais.

A colônia de Pescadores acompanha diariamente a chegada do pescado no cais. Este controle é feito por um senhor que supervisiona a chegada e saída de embarcações pesqueiras e particulares, a pesagem do pescado, assim como as



espécies capturadas. Este senhor passa as manhãs no cais exercendo essas atividades e a tarde vai para a colônia para cadastrar a quantidade e espécies de peixes que chegaram ao cais em uma planilha (Anexo C).

Após a pesagem do pescado, os pescadores passam a vendê-los. O processo de comercialização do pescado também segue os padrões de organização social existente no cais. A venda do produto segue uma ordem hierárquica, onde os atravessadores são os primeiros a comprarem o pescado, seguido dos frigoríficos e restaurantes locais e, posteriormente, os peixeiros do mercado.

Os atravessadores são homens que compram pescado em grande quantidade para venderem na Central de Abastecimento do município do Rio de Janeiro (CEASA-RJ) e para grandes compradores, como frigoríficos fora do estado, redes de restaurantes, hotéis, etc. A maior parte dos atravessadores possui caminhões próprios. Acompanham a pesagem do pescado ao lado do dono ou mestre do barco. Muitas vezes os mestres de barcos, ainda no mar, informam aos atravessadores o horário de chegada de suas embarcações, para que estes os aguardem para fazerem a comercialização dos produtos.

Os pescadores pouco falam da relação com os atravessadores. Embora eu tenha percebido que são os atravessadores que comandam a comercialização do pescado e não os pescadores que são os donos do produto. A relação entre pescadores e atravessadores gira em torno da dependência que os primeiros mantêm com esse tipo de comprador. Os atravessadores colocam o preço no pescado com a garantia de comprar toda a produção da embarcação. No entanto, o pescador fica “preso” a esta situação não podendo comercializar com outro tipo de comprador.

Alguns pescadores ‘fazem vales’ com os atravessadores, ou seja, recebem dinheiro dos atravessadores mesmo sem ter mercadoria para vender, especialmente em períodos de pouca pescaria ou quando possuem alguma dificuldade que os impedem de pescar. Assim, quando chegam do mar têm que vender seu pescado para aquele atravessador, não podendo barganhar preço com os diversos compradores que ficam no cais.

O processo de comercialização entre pescadores e atravessadores está fundamentado em relações de poder, contudo, são diferentes das relações descritas anteriormente. Neste caso, o que sustenta o poder dos atravessadores é o capital

monetário, sendo este o agente que garante a autoridade e capacidade de controle dos pescadores.

Seguindo esta ordem hierarquizada de comercialização, quem tem maior poder de compra recebe o pescado de melhor qualidade, pois são os primeiros a comprarem e podem selecionar o melhor produto. Desta forma, restam aos peixeiros, os peixes de menor qualidade. Segundo estes compradores, os 'peixes vivos', como é chamado o pescado de melhor qualidade, sempre são comprados pelos atravessadores e pelos frigoríficos. Cabem a eles os 'peixes podados', aqueles que não estão em boa qualidade de venda, que já estão com as guelras brancas. Muitas vezes, os peixeiros limpam o pescado e cortam em filés para venderem mais rápido. Mesmo sabendo da menor qualidade deste produto, afirmam que compram por terem um preço menor e, segundo eles, o peixe só não está em condição de ser comercializado quando é colocado na água e não afunda.

Em alguns momentos, os atravessadores saem com os caminhões cheios de pescado para o Rio de Janeiro ou Espírito Santo e quando não conseguem fazer a venda de todo o carregamento, voltam ao mercado e vendem para os peixeiros.

O preço do pescado é dado conforme os fatores anteriormente explicados, ou seja, influenciado pela despesa da pesca, pelo número de homens na embarcação, sazonalidade, acrescido ainda da relação com os grandes compradores, sem que o preço varie de acordo com o comprador. Desta forma, os peixeiros que possuem menor poder de compra, pagam no produto o mesmo preço ou até em algumas vezes, um preço maior do que aquele pago pelos atravessadores.

A dificuldade em pagar o preço do pescado, principalmente nos períodos de chuva onde o valor do produto aumenta, faz com que alguns peixeiros comprem peixe em um supermercado local, pois segundo eles, o preço é menor.

Hoje é mais vantagem comprar no Extra [supermercado] e vender aqui. O extra é grande e pode comprar toneladas. O último que comprei foi o xerelete que lá tava 3,75 R\$ e aqui tava 5,00 R\$ (SENHORA K., 2012)

Os peixeiros são os responsáveis pela comercialização do pescado no Mercado de Macaé. No cais só é permitida a entrada de compradores atacadistas e dos peixeiros, logo os compradores locais só têm acesso ao pescado que é oferecido no mercado.

Assim como no cais, no mercado também existe uma organização em torno da comercialização do pescado. Nem todos os peixeiros possuem aparelhos refrigeradores em suas bancas e precisam comprar gelo para manter a qualidade do produto e ainda possuem outros gastos, como o de manipulação de pescado e crustáceos.

A maioria dos peixeiros limpa e corta o peixe que vende. Alguns fazem isso em suas próprias bancas e outros fazem em uma bancada única como acontece na tenda. Trabalham com instrumentos que facilitam o trato com o pescado e os protegem de acidentes.

A faca que é utilizada para cortar as espinhas dos peixes é chamada de catana, o soquete de madeira ou de altileno que auxilia esta atividade é conhecido como cepo e o instrumento, criado por eles, de madeira com pregos nas pontas é utilizado para retirada das escamas e chamado de reco-reco, ainda alguns deles utilizam uma luva de malha de aço para prevenir acidentes com as facas (Figura 17).



Figura 17: Utensílios utilizados na manipulação do pescado (Foto de Livia Farias, 2011).

A atividade de limpeza de pescado é feita por homens e mulheres. No entanto, o que vemos é que os peixes maiores geralmente são limpos pelos homens, pois segundo eles, requer maior força física e destreza com os utensílios. Já a limpeza do camarão normalmente é feito pelas mulheres. Esta divisão de tarefas marca a distinção de gênero imposta pelos homens neste local. Pois, consideram as diferenças físicas como determinante a atividade laboral

(BOURDIEU, 2010). Assim as mulheres desempenham atividades que requer menor esforço físico e maior atenção.

Para a limpeza do camarão, geralmente contratam os serviços das descascadeiras ou marisqueiras, como são conhecidas as mulheres que trabalham no mercado com esta atividade (Figura 18). Estas mulheres cobram por quilo de camarão descascado, R\$ 3,00 para o camarão sete barbas pequeno e barba russa, R\$ 2,00 para o sete barbas grande e R\$ 1,50 para o camarão cinza.



Figura 18: Descascadeiras: Mulheres trabalhando no descasque do camarão (Foto de Lívia Farias, 2011).

A atividade de produção do pescado, essencialmente masculina, é influenciada por diversos fatores, dentre eles ambientais, econômicos e sociais. Estes fatores interferem diretamente no preço do pescado e na qualidade do peixe consumido. Além disso, a renda familiar está diretamente relacionada à produção do pescado, assim quando pensamos no trabalho desses homens, temos que nos questionar de que forma este sistema produtivo interfere nas práticas alimentares desses homens.

## **4.2 O Crescimento do município e as transformações na pesca e nas práticas alimentares dos homens da Colônia Z3.**

A atividade pesqueira em Macaé, mesmo com as transformações econômicas e sociais que ocorreram no município resultante do surgimento da indústria petrolífera, ainda continua sendo uma das atividades econômicas realizadas na região e a principal fonte de renda das famílias dos pescadores desta comunidade. Assim como descrito por Cavalcanti (2008), a produção pesqueira ainda é dividida entre o consumo familiar e a comercialização.

Ao chegar a Macaé podemos notar as diferenças existentes entre os 'dois mundos': o dos pescadores e o das petrolíferas. Apesar de conviverem tão próximos, disputando espaço na terra e no mar, assim como capital simbólico e econômico, podemos notar um distanciamento muito grande entre estes dois grupos.

Considerando este contexto de transformações e a influência na atividade pesqueira do município, podemos avaliar algumas modificações nos padrões alimentares da comunidade, principalmente nas práticas alimentares dos pescadores. Fato, que durante o início do trabalho, não conseguia compreender e foi apenas com a maior aproximação com o grupo e com o convívio com as esposas dos pescadores, que pude entender as relações dos homens com a alimentação.

A inclusão das mulheres da comunidade na pesquisa se fez pela necessidade de aproximação com as famílias dos pescadores e pela negação da maior parte dos homens em falar sobre assuntos ligados à alimentação. Toda vez que iniciávamos uma conversa, percebia um total desinteresse por parte dos pescadores na alimentação. Por várias vezes escutei frases como: 'não quer falar com minha esposa?' ou 'eu não sei falar disso não, só sei comer' ou ainda 'não quer ir lá em casa falar com a dona encrenca?'

A distinção de gênero presente na alimentação coloca os homens e as mulheres em espaços complementares. Ao homem cabe a função de prover a família e o sustento alimentar e às mulheres, os cuidados com a casa, com o marido e os filhos e com a seleção e preparo dos alimentos (CANESQUI, 2005; DA MATTA, 1986; WEDIG, MARTINS, MENASCHE, 2008; WOORTMAN, 1992).

Da mesma forma que a alimentação se organiza de acordo com as relações de gênero envolvendo a aquisição e o preparo dos alimentos, a organização familiar nesta comunidade também se estrutura por meio dessas relações.

Apesar da pesca em Macaé ainda ser considerada como uma modalidade artesanal existe alguns fatores que seguiram as transformações econômicas e sociais ocorridas no município. Como já mencionado, a pesca artesanal é caracterizada por um trabalho familiar, onde existe uma relação de complementaridade entre os gêneros (WOORTMAN, 1992). Contudo, este fato não ocorre em Macaé, o que se encontra no município é a diminuição progressiva do papel da mulher na pesca, mesmo que mantenha algumas atividades de apoio.

Os pescadores afirmam que a distinção entre os papéis exercidos por homens e mulheres sempre existiu nesta atividade, entretanto, relatam com saudade de um tempo onde existia um maior apoio da família. Hoje suas esposas trabalham fora do lar, exercendo outras atividades e não aquelas ligadas à pesca, e seus filhos sonham com o trabalho oficializado nas plataformas. Hoje vemos que a necessidade de ajuda no orçamento familiar diminui o prestígio e a identidade do pescador, que não se vê mais capaz de manter o sustento familiar sozinho.

(...) ficava até duas horas da manhã “cascando” camarão para ajudar o orçamento do meu marido. Ai depois a venda começou a ficar fraca, às vezes vendia fiado e não recebia. Eu fiquei doente com bronquite e pneumonia de “panhar” muito gelo, muita “friagem”, ai eu parei. Ai depois eu comecei a fazer assim uma aula de pintura. Mas assim, a pintura não é assim uma coisa muito fixo, não. Não tem um salário fixo por mês. Porque às vezes a gente vende, uns pagam e outros não pagam. Ai é assim, mas eu gosto muito de trabalhar para ajudar também (DONA J., 2012).

Ao contrário de diversos estudos etnográficos, como o de Cavalcanti (2008), Rufino (2008), Pinheiro (2008), Borgonha e Borgonha (2008), Leitão (2010) e tantos outros que relatam a busca das mulheres por maior visibilidade e espaço na atividade pesqueira nas comunidades estudadas, em Macaé este interesse praticamente não foi observado. De todas as mulheres entrevistadas apenas uma ainda trabalha na confecção de redes. Todas as outras, assim como os homens entrevistados relatam que utilizam as redes prontas pela comodidade e por não ter mais quem faça este serviço.

Apesar de esses autores relatarem o interesse das mulheres por maior visibilidade na pesca, nas comunidades estudadas, em Macaé isso não ocorre. As ofertas de trabalho aumentaram com as transformações ocorridas com a chegada das petrolíferas no município. As esposas de pescadores hoje preferem trabalhar em outras atividades que não a pesca, pois segundo elas, a renda maior e a estabilidade financeira de um emprego formal não são garantidas com a atividade pesqueira.

A saída das mulheres para o mercado de trabalho diminui o tempo disponível para os trabalhos domésticos, no entanto, este fato não está relacionado à maior aproximação dos homens com a alimentação e com as outras atividades que fazem parte das práticas femininas dentro desta ordem social masculina.

As mulheres, mesmo trabalhando fora de casa ou até mesmo quando realizam atividades remuneradas no lar, como lavagem de roupa, confecção de bolos e doces, artesanato, continua sendo a responsável em manter a ordem da casa e da família. Siliprandi (2004) descreve que esta situação reafirma a desigualdade de gênero, pois o trabalho feminino não garante uma maior participação dos homens na alimentação ou em outras atividades domésticas.

A aproximação dos homens com a alimentação foi resultado das transformações ocorridas na pesca advindas da relação entre pesca e petróleo. Dentro desta relação de transformação da atividade pesqueira temos alguns fatores que contribuem para a maior aproximação dos homens com a alimentação. O maior tempo de permanência no mar, associado à necessidade vital da alimentação e com a negação da presença feminina nas embarcações, traz à tona a necessidade destes pescadores realizarem atividades que antes consideravam exclusivamente femininas.

Enquanto a pesca ocorria próximo à costa, os homens saíam e voltavam para casa no mesmo dia. A alimentação deles era toda gerenciada pelas mulheres, fazendo as refeições antes ou depois do trabalho. Para o mar levavam pequenos lanches, chamados de 'merendas', com frutas, café, pães ou biscoitos. Porém, quando os homens passam a sair para o alto mar, surge a necessidade de maior permanência no mar e uma preocupação inexistente até o momento: o que vão comer? Quem irá preparar?

Assim, hoje em quase todas as embarcações grandes, existe uma cozinha e um pescador que exerce a função de cozinheiro. Este ganha um quarto a mais da

quantia que é dada aos camaradas. Este homem possui um grande prestígio no grupo, por ser responsável pela alimentação nos dias que passam no mar.

Além do fato de que o homem não pode, sem derrogação, rebaixar-se a realizar certas tarefas socialmente designadas como inferiores, as mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis quando são realizadas por homens, ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis e fúteis, quando são realizadas por mulheres, como nos faz lembrar a diferença entre um cozinheiro e uma cozinheira (...) basta que os homens assumam tarefas reputadas femininas e as realizem fora da esfera privada para que elas se vejam com isso enobrecidas e transfiguradas (BOURDIEU, 2010, p. 75).

O trabalho do homem no mar também ganha maior status social, conforme explicado por Bourdieu (2010). O cozinheiro, em conjunto com o mestre do barco, decide o que será comprado, a quantidade de alimentos necessária para suprir a alimentação dos pescadores durante o período que ficarão no mar, assim como as preparações que serão feitas e em nenhum momento se colocam em uma posição inferior, assim como fazem com as mulheres que também realizam atividades ligadas à pesca.

Não, aqui todo mundo trabalha, e depois que ele [o cozinheiro] acaba de soltar o material ele vai cozinhar. Só tem cozinheiro fera, mais que muitas mulheres por aí, fazem bolo e tudo. A maioria deles são tudo fera (SENHOR J., 2012).

Da mesma forma que diferenciam os espaços em masculino e feminino, opondo o mar a terra, os homens seguem fazendo esta distinção binária e segmentar em relação a sua posição nos assuntos ligados à alimentação. Enquanto a cozinha do barco, que é um ambiente masculino, é responsabilidade dos homens, a cozinha de casa continua sendo comandada apenas pelas mulheres.

#### **4.3 Do mar a terra: a relação dos homens pescadores com a aquisição, seleção, preparo de alimentos e estrutura das refeições.**

A oposição entre masculino e feminino neste grupo é clara e se estende a cozinha. Os papéis desempenhados por eles se modificam de acordo com o espaço que se encontram, assim como o interesse e a participação. Para compreender a diferenciação dos valores sociais dados a alimentação nestes dois espaços, contei



com a ajuda das esposas dos pescadores, pois normalmente eles não se referem às práticas alimentares na terra.

As distinções de gênero são construídas socialmente e fundamentadas nas relações entre homens e mulheres. Assim como proposto por Scott (1995), quando afirma que o conceito de gênero foi criado para suprimir a posição rígida e segmentada de estudar os sexos de forma isolada e oposta. Para a autora, o gênero se coloca como uma importante ferramenta analítica desde que considere uma posição relativizada, contra o determinismo biológico e naturalizada.

Fundamentada neste olhar, a análise de gênero utilizada também propõe uma relativização, considerando a postura de homens e mulheres e considerando as relações sociais construídas entre eles. No entanto, apresento os dados referentes às práticas alimentares dos homens da Colônia de Pescadores Z3, seguindo esta ordem de divisão binária, opondo os espaços e os papéis desempenhados pelos sexos, uma vez que foram constantemente relatadas pelos pescadores e suas esposas.

Porém, esta divisão segue uma forma de organização dos homens e do próprio grupo como um todo. Assim, apresento aspectos relacionados à aquisição, seleção, preparo e consumo de alimentos dos homens respeitando esta construção social, classificando os espaços como masculino e feminino.

Enquanto as mulheres continuam assumindo praticamente todos os papéis relacionados a estes quatro aspectos no âmbito familiar, nas embarcações são os homens que passam a exercer todas essas funções.

A aquisição de alimentos em sua grande parte é feita em mercados no próprio bairro da Barra e seguem diretrizes diferenciadas para cada ambiente estudado, ou seja, o mar e a terra. A compra de suprimentos alimentares para as embarcações é chamada pelos pescadores, de rancho e normalmente é feita no mercado da praça dos pescadores ou no mercado do frigorífico próximo ao porto de João Barbudo.

O fator econômico não influencia na aquisição do rancho. Os homens relatam com orgulho a quantia destinada à compra. O planejamento e execução são feitos pelo cozinheiro e/ou mestre do barco. O responsável por essa atividade compra a quantidade de alimentos necessária para suprir a tripulação da embarcação durante os dias em que permanecerão no mar. A compra normalmente é feita em grande quantidade, incluindo alimentos e itens de higiene pessoal.

A aquisição de alimentos das famílias dos pescadores é realizada pelas mulheres, onde o papel dos homens é o de fornecer a quantia de dinheiro necessária para a compra. Em algumas casas visitadas, as mulheres relataram que fazem com que seus maridos as acompanhem ao mercado para auxiliar em atividades, como, carregar peso. Como descrito pelo senhor J. na fala abaixo, diversos homens relatam que acompanham as esposas apenas por uma exigência delas e para carregarem as bolsas pesadas.

Eu ajudo a panhar as coisas [alimentos no mercado], mas quem comanda é ela, eu não entendo muito de cozinha (SENHOR J., 2012).

A compra de alimentos é determinada pelo fator econômico de cada família e pela quantidade de pessoas residentes na casa. Alguns fatores relacionados à economia familiar interferem diretamente na aquisição de alimentos, como o período do ano, já que o clima interfere na pesca e, conseqüentemente, na situação econômica e número de pessoas trabalhando na família. Observamos que o dinheiro proveniente do trabalho feminino só é utilizado para complementar o sustento da família em situações de dificuldade econômica do marido ou naquelas famílias mais desprovidas, onde o que é obtido com a pesca, não garante todo o sustento familiar.

As mulheres dos pescadores sempre procuram ajudar em alguma coisa porque já tem despesa, tem despesa do gelo, do óleo, as despesas dos materiais, pagar para "entralhar". Então, é muita coisa para uma pessoa só. Então as mulheres procuram ajudar naquilo que pode, no orçamento do lar. Porque fica pesado. Tem época que tem ventania, tempestade. No mar "brabo" não dá para pescar. Mas tem época que a pescaria está boa, mas tem época que falha (DONA J., 2012)

Esta situação reafirma o que foi abordado na seção III a respeito do trabalho de homens e mulheres. Com as dificuldades que a pesca enfrenta hoje, os homens precisam do complemento financeiro resultante do trabalho de suas esposas. Contudo, só aceitam esta ajuda por necessidade, assim quando são capazes de manter sua posição de provedor, desconsideram o trabalho feminino.

Além da relação de complementaridade existente entre homens e mulheres para manterem a família e o abastecimento de alimentos, algumas famílias contam com algum tipo de benefício ou com redes de apoio. Todas as esposas entrevistadas relatam receber o auxílio do Programa Bolsa Família (PBF) e outras ainda recebem cestas básicas oferecidas pela Colônia de Pescadores Z3 e

Associação Mista de Pescadores e muitas delas contam com o benefício do seguro defeso.

O PBF é um benefício de transferência direta de renda para famílias em situação de pobreza com uma renda per capita inferior a R\$ 70,00 mensais. Contudo, para assegurar o benefício, a família precisa cumprir alguns fatores condicionantes, como no caso de crianças, mantê-las matriculadas na escola e com frequência mínima de 75% e manter o cartão de vacinação atualizado. Os benefícios são definidos de acordo com a lei 10836/04 (BRASIL, 2004 a.).

A maioria das mulheres entrevistadas relatava, ao início da conversa, utilizar o benefício apenas para suprir necessidades das crianças, como compra de roupa e material escolar. Porém, ao longo das entrevistas passavam a afirmar que utilizavam o auxílio para aquisição de alimentos, principalmente aqueles destinados às crianças, como leite, achocolatado e biscoitos.

A aquisição dos alimentos está relacionada a um processo de escolha do que será consumido. A seleção da alimentação é feita baseada em diversos critérios como idade, gosto, cultura, situação econômica e outros. O gênero também participa deste processo, assim homens e mulheres selecionam os alimentos por razões diferentes (CANESQUI, DIEZ GARCIA, 2005; CANESQUI, 2005).

No caso dos pescadores, suas escolhas estão baseadas em critérios de quantidade e gosto. 'A pescaria bate fraco no cara', como falam os pescadores. Esta frase exprime a relação que fazem entre o comer e o trabalho. A pesca, de acordo com os homens, é uma atividade que exige um grande esforço físico, para estarem aptos à sua realização precisam de alimentos 'fortes' que mantenha sua capacidade física.

Os homens selecionam os alimentos seguindo uma disposição incorporada inconscientemente de manutenção das características de masculinidade exigidas pela pesca, como força física, destreza e agilidade. Assim, elegem os alimentos mais 'fortes' para garantir a manutenção do corpo e da força, para exercer as atividades laborais. Sanchez Vera relata com clareza o tema:

La cantidad, la abundancia está indisolublemente ligada a la masculinidad (...). A los hombres el platô y el vaso se les llenas dos veces y hasta arriba (...). Este hecho condiciona el aspecto físico, pues además va ligado a la ingesta de determinado tipo de alimentos especialmente nutritivos y ricos em grasas. (SANCHEZ VERA, 2008, p.181)

O rancho é planejado para suprir os gostos alimentares destes homens e garantir a quantidade de energia necessária para o trabalho. De acordo com Bourdieu (2008), o homem para manter a potência de seu corpo, necessita de alimentos mais nutritivos e em maior quantidade se comparados às mulheres.

A quantidade de alimentos levados para o mar segue este pensamento que relaciona alimentação à capacidade física do corpo masculino. Em nenhum momento da pesquisa, me preendi em medir ou avaliar o consumo alimentar dos homens em nenhum dos espaços, no entanto não seria necessário este esforço para compreender que a seleção de alimentos feita pelos homens está baseada em critérios de fartura.

A lista de alimentos apontados abaixo representa um resumo da descrição feita, por três pescadores, de um rancho de três dias por alguns pescadores da comunidade.

2 sacos de laranja e banana	4 kg de farinha de mandioca
1 kg de alho, cebola e tomate	2 kg de sal refinado
5 pés de alface	15 pacotes de biscoito <i>cream-cracker</i>
3 kg de batata	15 pacotes de biscoito doce
1 a 2 kg de cenoura	30 unidades de pão francês
1 kg de beterraba	3 pacotes de pão de forma
10 kg de arroz	5 roscas (pão preparado com fubá)
5 kg de feijão	2 kg de carne para assar
5 latas de óleo	2 kg de bife
3 kg de café	4 unidades de frango inteiro

Ao comparar com as fotos (Figura 19), tiradas na realização da compra do rancho no mercado da praça, observamos que existem outros alimentos que entram nestas escolhas, como doces, leite, achocolatados, refrigerantes e bebidas alcoólicas, que não foi informado nas entrevistas, assim como a quantidade de carne é muito maior do que relatada por eles.

Apesar das esposas dos pescadores falarem a respeito de problemas com bebidas alcólicas, os homens sempre relatavam não incluir nenhum tipo de bebida no rancho. Assim como, a grande parte dos homens entrevistados afirmou que havia parado de beber.

(...) a mulher sábia edifica a casa. Eu passei muita luta quando o meu marido bebia. Ele é uma pessoa muito boa, com o coração muito bom, "fartureto", gosta de ajudar o próximo, mas quando entra a bebida... Que eu estou aqui para aconselhar as pessoas para largar a bebida (DONA J., 2012).



Figura 19: Rancho realizado no mercado da praça dos pescadores na Barra, Macaé - RJ. (Foto de Elisa Mendonça, 2011).

Na terra os homens não participam da seleção dos alimentos que serão utilizados nas refeições diárias. No entanto, em momentos de festividade ou em ocasiões especiais são eles que decidem os alimentos que serão preparados. Quando não são eles que selecionam os alimentos a serem preparados, as esposas o fazem considerando os gostos dos maridos.

Os alimentos para a casa são escolhidos pelas esposas, seguindo critérios econômicos e de saúde. A presença de crianças na casa exige das mães um cuidado especial com a alimentação, fato que acaba também interferindo na escolha dos alimentos. As etapas de seleção e aquisição de alimentos são descritas por elas com muita preocupação, pois precisam planejar os gastos considerando outros aspectos.

De acordo com Canesqui (2005), em estudo realizado sobre alimentação em famílias trabalhadoras, afirma que os homens exerciam a função de garantir o

dinheiro necessário para os gastos da casa, incluindo a alimentação; e as mulheres deviam administrá-lo de maneira que os alimentos adquiridos garantissem a necessidade alimentar da família. A tarefa de economizar é considerada pela autora como um atributo moral da dona-de-casa (CANESQUI, 2005, p.183).

Porque a minha família, a gente sempre foi muito controlado. Então a gente sabe controlar o que a gente ganha para quando a pescaria ta fraca não faltar nada, nem para a gente e nem para os filhos nosso. Então a gente sabe controlar. (DONA E., 2012).

Alguns estudos enfatizam o papel da mulher como responsável pela segurança alimentar e nutricional da família. “Quando o tema é especificamente a saúde vinculada com a nutrição, o papel que cabe às mulheres costuma ser o de guardiã do bem-estar dos demais membros da família” (SILIPRANDI, 2004, p.12). A distinção de gênero imposta pela alimentação está presente desde o nascimento, onde o leite materno é o primeiro alimento oferecido pela mulher ao bebê. Este alimento está relacionado ao afeto e reforça o papel de “seguradora” da mulher por sua condição de gestante e nutriz (SILIPRANDI, 2004; ROMANELLI, 2006) e de cuidado para com o outro.

Mesmo com a modernização e a aquisição de alimentos industrializados, alguns autores relatam que o trabalho de preparo dos alimentos, de manutenção dos trabalhos domésticos, dos cuidados com os filhos e com os idosos permanece ainda sob a responsabilidade feminina, apesar das modificações ocorridas nas famílias com a entrada das mulheres no mercado de trabalho (ROMANELLI, 2006; JOMORI, PROENÇA, CALVO, 2008).

Ao contrário, como descrito nas etapas de aquisição e seleção de alimentos, as mulheres dos pescadores relatam a participação dos homens em algumas atividades relacionadas ao preparo de alimentos, tais como esquentar uma comida que já está pronta, ou grelhar a carne que ela já deixou adiantada. No entanto, esta participação sempre ocorre por necessidade, quando as mulheres estão impossibilitadas de exercer esta função, como em casos de doença.

Essas atividades normalmente são vistas pelas mulheres como uma forma de apoio. Para elas o trabalho dos homens na pesca é cansativo e, portanto, elas devem permanecer com todo o trabalho doméstico. Este privilégio concedido ao homem se dá, como explicado por Bourdieu (2010), pela incorporação inquestionável da dominação masculina, tanto por homens, quanto pelas mulheres,

que reproduzem esta ordem social que confere aos homens sempre uma posição de maior prestígio (BOURDIEU, 2010).

Quando eu saio, ele lava as coisinhas, lava as coisas na pia. Que ele está cansado também, não é? Quando eu sai, o ele faz o café para levar para o barco (DONA J., 2012).

Segundo Abdala e Menasche (2008), os homens passaram a contribuir mais com as atividades domésticas devido à crescente conquista de espaço das mulheres na sociedade, porém estas atividades são vistas como ajuda, já que o espaço doméstico continua sendo responsabilidade feminina. A “ajuda” está relacionada a tarefas menores, como a arrumação da louça ou da mesa, nunca no preparo das refeições, com exceção da carne em dias especiais como finais de semana ou dias festivos (WEDIG, MARTINS, MENASCHE, 2008). Esta afirmação reforça a importância de entender os papéis realizados por homens e mulheres em relação à alimentação, visto que a maioria dos estudos está voltada para a análise das conquistas femininas nos espaços públicos e pouco avalia os papéis masculinos.

Maciel (2008) em seu artigo “Churrasco à gaúcha”, aborda a relação simbólica entre o preparo da carne e a honra masculina. Segundo a autora, os assadores são sempre homens. Todo o cuidado com a carne, com o ato de assar, cuidado com os espetos são atribuições masculinas. Às mulheres são reservados o preparo de saladas e sobremesas, considerados alimentos mais leves e de menor importância. Mesmo que o homem exerça o papel mais importante, de maior prestígio em momentos de festividades, é a mulher a responsável por trabalhar com a carne e seu preparo no cotidiano. Romanelli (2006) levanta a mesma questão quando afirma que o desejo dos homens pela culinária limita-se a momentos de lazer, mas a responsabilidade diária com o preparo da comida ainda é atribuição feminina.

Esta relação dos homens com a carne também foi identificada entre os pescadores da Colônia Z3, porém, não apenas em momentos de festividades. Em períodos de fartura na pesca, quando voltam do mar, se utilizam do valor social da carne para comemorar com um churrasco e assim demonstram para suas esposas e para o restante da comunidade sua capacidade de prover a família.

Em casa que tem fumaça [referindo-se ao churrasco] tem homem que veio do mar com muito peixe, tem que mostrar (SENHOR Z., 2012).

A aproximação dos homens com a preparação dos alimentos aconteceu como resultado da necessidade de permanência no mar por dias, uma das transformações ocorridas com a implantação das plataformas petrolíferas na região. Assim os pescadores precisaram estruturar seus barcos para o preparo das refeições. Hoje, todos os barcos onde pescam mais de três homens e que saem para alto mar, independente do porte, estão equipados com cozinhas, com fogão, despensa, utensílios necessários para o preparo dos alimentos, como facas, panelas, pratos e talheres e ponto de água (Figura 20).



Figura 20: Estrutura da cozinha em embarcações. Macaé – RJ (Foto de Lívia Farias, 2012).

A cozinha é adaptada de acordo com o tamanho do barco e com as condições da pesca. Segundo os pescadores, a preparação dos alimentos no mar é feita da mesma forma como acontece em terra, porém, com o balanço das embarcações e com os ventos, precisam fazer adaptações no fogão, como fixar ganchos para que as panelas não caiam e colocar uma proteção de madeira para impedir que os acendedores se apaguem com o vento (como demonstrado nas figuras acima).

Os alimentos são preparados no dia para consumo imediato, aqueles que necessitam serem mantidos em refrigeração, como carne, leite, queijos e outros alimentos perecíveis, são guardados no gelo. Algumas preparações, como as frituras, são mais difíceis de serem feitas devido às condições das embarcações, pois o balanço do barco aumenta o perigo de acidente com óleo quente.

O cozinheiro do barco é o responsável por todas as atividades de preparação de alimentos, no entanto, continua realizando as tarefas relacionadas à pesca. A



comida é preparada em horários estabelecidos pela própria organização de trabalho dos pescadores no mar. Assim, os homens só fazem a comida nos momentos em que não estão trabalhando com a pesca.

Não, aqui todo mundo trabalha, e depois que acaba de soltar o material ele tá cozinhando. Só tem cozinheiro fera, mais que muitas mulheres por aí. [os cozinheiros] fazem bolo e tudo. A maioria deles é tudo fera (SENHOR J., 2012).

(...) ele [cozinheiro] não para. Estamos pescando, matando o peixe, ele vai lá bota o arroz no fogo, e vem ajudar. A não ser que seja uma pesca que não dê tempo. A galera se alimenta com um biscoito mesmo, porque quanto mais peixe melhor (SENHOR Jc., 2012).

A pesca não só determina o horário da preparação dos alimentos, como também os horários e a estrutura das refeições dos homens no mar. Ainda que tenham se aproximado dos assuntos relacionados à alimentação pela necessidade da pesca, os homens ainda colocam o trabalho em primeiro plano.

As preparações seguem a ordem das refeições, que são divididas em duas grandes refeições: almoço e jantar, e três menores, que são chamadas de lanches. Apesar desta organização das refeições relatam que fazem pequenos lanches entre elas, devido à fome causada pelo excesso de trabalho.

O Quadro 1 apresenta a descrição dos alimentos consumidos no mar de acordo com horários, o tipo de refeição, a preparação e o trabalho. No entanto, estes horários, segundo os homens entrevistados, nem sempre são seguidos, visto que as refeições ocorrem de acordo com os intervalos das atividades de trabalho. A coluna “considerações” inclui falas de pescadores sobre o que consomem dentro do barco e representam a percepção dos homens em relação a alimentação, que será abordado no item 4.3 desta seção.

Quadro 1: Estrutura e horário das refeições nas embarcações.

HORÁRIO	REFEIÇÃO	PREPARAÇÃO	CONSIDERAÇÕES
6h	Café da manhã	3 bananas 2 pães com ovo	
Intervalo			Trabalho
9h	Lanche	Água de coco e 1 laranja	
11h30	Almoço	-Arroz, galinha cozida com aipim ou carne assada, salada de tomate, cenoura e pepino com bastante azeite e feijão. - Macarrão sempre tem que ter [comida forte que dá sustância]. - Refrigerante ou suco de limão.	- O azeite é do 'galo', que é bom e não dá colesterol. - Comida balanceada no óleo e no sal. - Tudo fresco, ninguém quer nada "passado".
Intervalo			Trabalho
15h	Lanche	- 'Nescauzinho' com biscoito, café, banana cozida, pão com ovo e rosca salgada.	
Intervalo			Trabalho
17h30	Jantar	- Igual ao almoço, mas sem macarrão, feijão ou carne vermelha. - Peixe frito ou ensopado.	É mais leve sem macarrão e com uma carne mais saudável [referindo-se ao peixe]
Intervalo			Trabalho
21h	Lanche	Café e pão com manteiga.	

A escolha da preparação é feita pelo cozinheiro e pelos demais pescadores. Apesar da necessidade apontada por eles, de uma comida mais forte para aguentar o cansaço do mar, os pescadores relatam que no jantar o cozinheiro faz uma comida mais leve, pois à noite trabalham catando camarão que vem no arrasto. Nesta atividade os homens passam muitas horas sentados no chão dos barcos com a cabeça virada para baixo para poderem selecionar o pescado, conforme mostrad por um pescador na figura 13. Segundo eles, esta posição associada a uma comida mais pesada resultaria em um mal estar e enjoo.

Segundo a classificação dos alimentos em fortes e fracos, leves e pesados, relatam não consumir a noite alimentos como feijão, macarrão e carne, por serem considerados pesados. Eles preferem alimentos como o peixe, que por ter carne branca, é considerado mais leve.

Ao contrário do que ocorre na terra, os homens relatam que no mar são eles que se servem e comem todos juntos. Já em casa o papel de colocar o prato do marido ainda é atribuição das mulheres e nem sempre as refeições são feitas com a presença de todos da família.

No caso de pequenas pescarias, aonde o homem vai e volta do mar no mesmo dia, a responsabilidade de alimentar o pescador ainda é da mulher. Esta prepara lanches para eles, pois segundo elas, quando voltam do mar continuam o trabalho e perdem os horários das refeições da casa.

Por causa de que vocês não jantam primeiro, gente? Fica com fraqueza no mar.” Mas, não. “Eu vou comer o pão com ovo e ai já está bom”. Aquela afobação de sair cedo. Ai a alimentação deles... Ai por exemplo, eles passam muito tempo... Meu marido chega do mar. Dono de barco tem que ajeitar o barco. Lavar uma coisa, ajeitar coisa ou outra, ai já chega aqui tarde e vai almoçar tarde (DONA J., 2012).

O trabalho não acaba na captura do pescado. Os homens quando chegam à terra ainda vão desembarcar o peixe, pesar e vendê-lo. A atividade pesqueira caracteriza os pescadores como trabalhadores e como homens na afirmação de sua capacidade de provedor e de demonstração de sua força e coragem. Assim, pode-se observar nesta comunidade que a pesca determina a organização social deste grupo, como os papéis desempenhados por homens e mulheres no trabalho nos espaços públicos e privados, incluindo os cuidados com alimentação.

A organização das refeições nas famílias de pescadores segue a mesma ordem de divisão com duas refeições grandes: almoço e jantar, sendo este substituído por lanches em algumas famílias e por duas refeições pequenas também chamadas de lanches.

Nas famílias com crianças, as mães estruturam as refeições de acordo com os horários das aulas. Segundo Siliprandi (2004), as mulheres priorizam a alimentação de seus filhos em detrimento aos demais membros da família, reforçando sua característica identitária do cuidado.

Os homens desta forma quase nunca participam destas refeições. Mesmo aqueles que pescam todos os dias, no horário do almoço ainda estão envolvidos com a pesca e no jantar já iniciaram a preparação para saída ao mar. Este fato pode explicar o valor atribuído às refeições no mar pelos homens. Segundo eles, a alimentação em terra, além de ser mais farta, acaba sendo mais ‘regrada’, ‘mais certinha’.

Em algumas falas de esposas de pescadores, relatam que os homens mesmo em momentos que estão em terra, dependem muitas horas com as atividades de manutenção das embarcações e consertos de apetrechos de pesca e acabam não administrando os horários das refeições com o que é destinado ao trabalho.

As mulheres atribuem um valor maior às regras estabelecidas simbólica e culturalmente em torno da alimentação. Enquanto os homens empenham praticamente todo o seu tempo e interesse nos assuntos relacionados ao trabalho, elas são responsáveis por manter a alimentação das famílias em todos os aspectos abordados neste tópico. As mulheres se dedicam aos cuidados com a alimentação, pois a consideram como um agente agregador da família, pois é em torno da mesa do almoço de domingo que a maioria das mulheres relatou ter a presença de todos.

A gente é uma família assim muito familiar, sabe? Eu gosto... que eu sou evangélica, sou da igreja batista da Barra há trinta anos, eu acordo cedo, faço almoço e tenho prazer da minha família almoçar com a gente dia de domingo. Minhas filhas, meus netos, genros. Às vezes nem vem todos, nem todos os domingos, mas eu gosto. A gente é muito família, sabe? (DONA J., 2012).

Carrasco I Pons (2005) afirma que a relação em torno da alimentação exprime muitas características da organização social de um determinado grupo. A análise das práticas alimentares dos pescadores, como apresentado nesta seção, demonstra a relação estabelecida por estes homens em torno da alimentação, que a consideram como fonte de energia que capacita o trabalho.

A alimentação humana mistura natureza e cultura, pois mesmo o alimento sendo uma necessidade fisiológica e vital da ordem da natureza, está impregnado de significados e símbolos sociais e culturais. Os seres humanos estabelecem maneiras de preparar, selecionar e comer os alimentos que estão impregnados de sentidos e razões que representam a cultura do grupo onde estão inseridos. São estes movimentos em torno dos alimentos, que os transformam em comida, reforçando a interação entre natureza e cultura, entre biológico e social inseridos nos processos alimentares (CANESQUI, DIEZ GARCIA, 2005).

#### **4.4 “Tem comida boa, com nutrição. Caloria a balde” - alimentação saudável e restrições alimentares na perspectiva dos pescadores.**

Com o desenvolver do trabalho, passei a perceber alguns fatos muito sutis que depois faria toda a diferença na coleta de dados. Aparentemente os homens não demonstravam nenhum interesse pelos assuntos sobre alimentação. Porém, quando passei a frequentar as embarcações, percebi a importância do olhar minucioso e atento que se deve tratar os dados etnográficos.

Para Geertz (1997), o etnógrafo deve interpretar ou traduzir o que é familiar, considerando os aspectos simbólicos e a naturalidade dos fatos. Como entender esse distanciamento dos homens frente à alimentação e a razão de uma postura tão diferenciada nestes dois espaços: mar e terra, sem considerar as particularidades do ser homem e a representação desta forma de agir na construção da imagem do pescador.

Assim, compreendi que seria no barco o local que falaríamos sobre os assuntos ligados à alimentação e à saúde. Nestes espaços, sentiam-se seguros em falar de seus medos, de suas fraquezas e de todos os assuntos proibidos nos ambientes públicos, onde precisavam se colocar como os predadores, fortes e viris.

Neste contexto, a preocupação dos homens com a saúde e alimentação, começa a surgir. Foi preciso um maior envolvimento para que pudessem falar sobre esses temas, pois os homens consideram estes assuntos como ‘coisa de mulher’ e não aceitam a ideia de rebaixar-se a atividades e assuntos ligados à esfera feminina (BOURDIEU, 2010).

A pesca, como mencionado anteriormente, fundamenta toda a organização social neste grupo, incluindo as relações estabelecidas com o alimento e com o ato de comer. Assim, os homens precisam manter-se fortes e capazes de exercer suas atividades. Nesta linha, os homens relacionam o saudável com sua capacidade produtiva.

Na perspectiva dos pescadores, alimentação saudável é aquela que lhes dá condições de manter sua capacidade física para exercer suas atividades na pesca. Assim, os alimentos são classificados e selecionados de acordo com a capacidade de nutrir e dar ‘sustância’. A relação estabelecida com o adoecer está incorporada do medo de não ter um corpo capaz de exercer as atividades de trabalho na pesca,

assim a dimensão do saudável para eles está impregnada pelo aspecto do trabalho, da renda, da garantia do sustento familiar e da manutenção da identidade de homem e pescador.

Jesus mandou a gente comer coisas boas, que não maltrate organismo e não coisa que estopora, cigarro, bebida, coca cola. Tenho 67 anos e se tiver que arrastar rede eu consigo (SENHOR P., 2012).

Seguindo esta forma destes homens pescadores perceberem a importância de incorporar diversos aspectos aos estudos da alimentação como indicado anteriormente por Castro, Castro e Gugelmin (2011). Vemos que estes pescadores incorporam em sua percepção tantos os aspectos simbólicos, construídos culturalmente, mas também aspectos relacionados ao trabalho e renda, não se prendendo tanto aos aspectos biológicos de busca de nutrientes.

A alimentação, nas sociedades ocidentais, tem sido considerada na atualidade como uma das principais responsáveis pelas doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), juntamente com outros componentes da vida moderna (DIEZ GARCIA, 2005). As DNCT têm um caráter multifatorial e seus principais fatores de risco modificáveis são o tabagismo, a inatividade física e a alimentação inadequada (BRASIL, 2004b.).

Esta forma de olhar a alimentação pelo aspecto da doença cria uma relação de causa e efeito. Deste modo, os indivíduos passam a compreender os alimentos pelos seus aspectos nutricionais e pelos seus potenciais de cura ou dano a saúde (DIEZ GARCIA, 2005).

Assim, fundamentados na ideia de que a alimentação pode ser responsável por diversas doenças, somado a estes outros aspectos simbólicos, os pescadores passam a olhar o alimento pela sua capacidade energética que garante a força necessária para o trabalho.

Em Macaé, os pescadores passam a considerar alguns aspectos que ligam a saúde à alimentação, porém, não modificam suas escolhas de acordo com esses critérios. Classificam a dieta saudável como aquela equilibrada. Esta relação entre nutrição e alimento considera apenas os aspectos nutricionais do alimento e sua possibilidade de evitar algumas doenças.

O discurso dos homens em relação à alimentação do mar está impregnado pelo caráter biológico, onde o foco é o alimento e sua capacidade nutritiva. Afirmam

diversos cuidados relacionados com a alimentação e saúde, como o baixo consumo de doces, frituras e refrigerantes. Porém, o que é visto na descrição do rancho e na Figura 21, contradiz suas falas, pois há grande quantidade de óleo e sal em suas descrições do rancho e nas compras, observamos muitos pacotes de biscoitos, doces e refrigerantes, além de bebida alcoólica.

A alimentação dele é balanceada no óleo e no sal. É de boa qualidade, saudável, fresquinha, ele faz a quantidade certa pra comer (SENHOR P, 2012).

Portanto, estudar a relação entre práticas alimentares e saúde, implica entender como os alimentos são concebidos pelos sujeitos. Na Colônia, os pescadores apontaram duas classificações dos alimentos: forte e fraco e leve e pesado. Este tipo de classificação dos alimentos há muito tem sido descrita na literatura como pares de oposição (LÉVI-STRAUSS, 1968; DOUGLAS, 1976; CANESQUI, 2005; WOORTMAN, 2008) que definem sua seleção ou rejeição.

Segundo Woortman (2008), muitas prescrições e proibições alimentares são resultantes destas classificações, já que as características dadas aos alimentos estão sempre referidas ao organismo humano e aos estados de saúde. Por exemplo, estudo realizado em uma comunidade de pescadores do município do Conde (BA), identificou restrições e preferências alimentares do consumo de alguns peixes, que interferia na intensidade que essas espécies eram pescadas, tratadas e consumidas. Alguns aspectos, como aparência semelhante a cobras, possuir dentes e uma quantidade excessiva de espinhas diminuí a aceitabilidade de alguns peixes (COSTA-NETO, 2000).

Nesta comunidade os peixes eram classificados como carregados, descarregados ou brancos, venenosos, nojentos e imundos. Algumas espécies, classificadas como peixes carregados, eram evitadas por pessoas com ferimentos, por pessoas que se recuperavam de cirurgias e por “mulheres paridas”. Outros eram proibidos por questões ambientais como as tartarugas. Este estudo demonstrou que a alimentação e a forma como os alimentos são escolhidos englobam diversos fatores, dentre eles os sociais, culturais e econômicos (COSTA-NETO, 2000).

Estas restrições não foram apontadas pelos pescadores da Colônia Z3, nem mesmo pelas esposas dos pescadores, sendo relatada apenas pelos peixeiros do mercado. De acordo com estes últimos, os peixes podem ser reimosos e não reimosos. A reima, na percepção dos vendedores de pescado do mercado, está

presente em todo peixe 'carregado', que faz a pessoa ficar doente. Por isso as pessoas que estão com ferimentos não devem consumi-los.

Para os peixeiros, a reima 'é coisa de avó, sem explicação'. Canesqui (2005) afirma, que estas classificações simbólicas são criadas e incorporadas sem a necessidade de uma explicação científica, misturando a sabedoria popular com os conhecimentos nutricionais.

A classificação do pescado de acordo com a reima está relacionada a determinadas características do alimento. Assim reimosos são os peixes de carne escura e com rabo em tesoura, como xerelete, sardinha, atum, bonito, cavalinha, galo, cação, bagre, piruá, espada e serra. Já os não reimosos são os de carne clara como pescadinha, maria mole, goete, corvina, linguado, badejo e congro rosa.

Para Woortman (2008), um alimento reimoso é aquele que causa um dano ao organismo e só pode ser consumido por pessoas em perfeito estado de saúde. No entanto, as classificações são construções sociais e podem diferir conforme a cultura de cada sociedade.

Os pescadores da Colônia Z3 relatam o esforço físico exigido na pesca, são horas seguidas de trabalho, muitas vezes sem dormir, enfrentando o frio e puxando redes e para que isso ocorra, precisam manter seus corpos fortes e nutridos. Assim selecionam os alimentos que consideram 'fortes', aqueles que garantem a "sustância". Alguns deles: o feijão, a carne, o macarrão e a banana.

Apesar dessa disposição para seleção dos alimentos considerados fortes, eles expõem que em determinados momentos o consumo destes pode ser prejudicial. À noite, período em que trabalham na seleção do camarão trazido no arrasto, preferem alimentos mais 'leves'. De acordo com os pescadores, este trabalho exige que fiquem sentados por horas e com a cabeça baixa, esta postura somada ao consumo de alimentos mais 'pesados' e ao balanço do mar atrapalha a digestão dos alimentos. Assim, consideram alimentos leves aqueles que se opõem aos pesados, são os de mais fácil digestão. São eles: as saladas, frutas como laranja, ou o próprio almoço desde que não tenha macarrão e feijão. Mesmo relatando alguma dificuldade em realizar frituras nas embarcações, como já mencionado anteriormente, estes homens consideram o peixe como alimento leve e relatam consumi-los à noite, sendo frito ou ensopado.

O modo de preparar e acondicionar os alimentos também foi relacionado a saúde. Segundo eles, o 'cozinheiro quando é limpinho' prepara uma comida de boa



qualidade e ainda tem o cuidado de preparar a quantidade certa para suprir a necessidade dos homens no mar e assim oferecer ‘uma comida fresquinha’, sem a necessidade de guardar comida para o dia seguinte, dado a limitação de armazenamento no barco.

A questão da limpeza e do cuidado com a conservação do alimento está relacionado a um desejo inconsciente de manutenção da ordem e de negação aos possíveis perigos trazidos com os alimentos preparados sem as técnicas de higiene adequadas. Para Mary Douglas (1976), a sujeira está relacionada à desordem. Não existe uma sujeira absoluta, esta existe apenas aos olhos de quem a observa. O ato de tentar evitar a sujeira representa uma força simbólica de defesa do perigo, de doenças, de transgressões.

É considerada uma afronta à ordem e a tentativa de eliminá-la representa um esforço em manter um espaço organizado, de acordo com as regras estabelecidas culturalmente. Desta forma a sujeira deve ser afastada para manutenção de uma ordem social, livre de perigos.

Segundo os pescadores, a percepção do saudável, além de incorporar questões relacionadas à classificação dos alimentos, que determinam qual alimento deve ser consumido em cada ocasião, se expande a fatores ligados à quantidade e a comensalidade.

Quando fazem a relação existente entre a alimentação na terra e no mar, não utilizam o termo saudável, mas desenham escalas diferenciadas de valores em relação ao modo de comer nestes dois espaços.

Para alguns pescadores, a alimentação no mar é melhor do que aquela feita em casa, pois este espaço é representado pela fartura de alimentos, pela falta de cobrança com regras de etiquetas e com os horários das refeições. Em casa, precisam manter uma postura mais regrada em relação a alimentação, pois precisam seguir os horários impostos pelas mulheres.

No livro “O Processo Civilizador”, Elias (1993) afirma, que os indivíduos se veem pressionados a se enquadrar em comportamentos e esquemas cada vez mais uniformes e estáveis. O esforço para se manter dentro do esquema social se tornou tão forte que passou a ser imposto aos indivíduos cada vez mais cedo, como um sistema automático e naturalizado. Os indivíduos se acostumam a moderar suas emoções, controlar seus sentimentos e suas ações baseados na relação da causa e efeito. Estas características representam um autocontrole consciente dos indivíduos,

incorporados ao longo do processo de civilização (ELIAS, 1993). Na verdade, viver em sociedade nos obriga a construir ou desenvolver comportamentos considerados aceitáveis, dentro dos limites e fronteiras estabelecidos física e culturalmente.

O mar, para estes homens, representa um ambiente livre, masculino, sem as regras impostas socialmente quando estão no convívio na terra. Assim, podem escolher o horário das refeições e a quantidade que irão consumir sem culpa ou medo de serem repreendidos.

Os homens pescadores, então, estabelecem a relação da alimentação com a liberdade existente no mar, um ambiente estritamente masculino, e com a distância das regras sociais de comportamento, dando um valor maior à alimentação neste espaço. Contudo, a própria distância, faz com que alguns homens prefiram a alimentação em casa. Pois segundo estes, a alimentação boa é aquela preparada pela esposa e realizada à mesa com a família.

Desta forma, observa-se que os homens utilizam critérios particulares para classificação dos alimentos e sua relação com o saudável. A *hexis* masculina, (BOURDIEU, 2010), que significa um estado adquirido e incorporado no comportamento, orienta os sentimentos, desejos e condutas. As pessoas incorporam a sociedade por meio de disposições duráveis que impregnam o comportamento dos indivíduos e são estruturadas na prática, no modo de agir, sentir e pensar.

#### **4.5 Minha geladeira é um aquário”: valor do peixe para os homens, alimento, comida ou fonte de renda?**

A forma de comer, a seleção e o modo de preparar os alimentos são resultados de processos sociais impregnados pela cultura. A alimentação não representa apenas um instinto natural de manutenção do organismo, esta incorpora aspectos sociais e valores simbólicos determinados pelas relações que os sujeitos estabelecem com o alimento e com o ato de alimentar-se (MACIEL, 2005).

A autora indica que as escolhas e a relação estabelecida entre os sujeitos e a maneira como se alimentam podem caracterizar um grupo. Aponta que a comida pode representar um marcador de identidade (MACIEL, 2005). Contudo, a

alimentação não pode ser vista de maneira estática e imutável, pois está sujeita a transformações justamente por ser resultado de processos sociais.

Pensando nisso, seria coerente estabelecer uma analogia entre os pescadores e o peixe, visto que este representa o produto do trabalho desses homens. Então, por que não pensar no pescado como marcador identitário na alimentação desses homens e da comunidade? No entanto, as relações com a comida atualmente estabelecidas na Colônia não indicam o pescado como fonte principal da alimentação desses homens e de suas famílias.

Quando iniciei as entrevistas com os homens e me deparei com as dificuldades de tratar assuntos ligados à alimentação, passei a me questionar a respeito das razões do baixo consumo de pescado. Inicialmente, os homens relatavam que não tinham o costume de consumir este alimento. Era difícil compreender as razões deste baixo consumo se levamos em conta a facilidade de acesso ao alimento e as condições de renda dessa população.

Foi preciso ter um olhar mais atento para os fatos sociais intrínsecos ao valor estabelecido ao peixe, por esses homens e pela comunidade, para compreender esta negação inicial ao consumo deste alimento. Para explicar esse valor, precisamos considerar que o peixe possui três representações para esta comunidade: trabalho, alimento e comida.

O peixe representa o trabalho desses homens e é visto por eles como fonte de renda. Nele está embutido, mesmo que de maneira imperceptível, todas as dificuldades encontradas na pesca como atividade laboral, como foi abordado ao longo desta dissertação. É por meio deste produto que os homens se afirmam como pescadores e confirmam sua masculinidade.

Esta relação entre alimento e trabalho é levantada por outros autores, como em Boog *et al.* (2008), que ao estudar o consumo de frutas em um grupo de fruticultores, afirmam que estes não associam o alimento produzido à comida e sim ao objeto do trabalho capaz de garantir o sustento familiar. Deste modo, como ocorre com os pescadores em Macaé, as autoras indicam que o consumo de frutas e o tempo gasto com a alimentação, são vistos como concorrente ao trabalho pelos produtores de alimento, assim o acesso facilitado não garante o maior consumo do mesmo.

Apesar desta relação feita pelos homens, as esposas dos pescadores apresentam outra forma de perceber o pescado, atribuindo-lhe valores relacionados

à renda e nutrição. Elas relatam que o pescado trazido para casa pelos homens representa uma economia nas despesas com a alimentação. Desta forma, desempenhando seu papel de administradora da renda familiar, veem o peixe trazido do mar como um fator importante para esta economia que garante a possibilidade de aquisição de outros alimentos e uma melhoria no orçamento familiar. Esta atribuição está fundamentada no condicionante de gênero que atribui às mulheres as funções de administradora e de asseguradora da alimentação familiar (SILIPRANDI, 2004; ZANETTI, MENASCHE, 2007).

Para compreender a valoração atribuída ao pescado pelas mulheres, precisamos nos ater à diferença entre alimento e comida. A comida representa o alimento transformado pela cultura, nela está incorporada sentimentos, desejos e conhecimento, podendo expressar a organização social de um grupo (CARVALHO, LUZ, PRADO, 2011). O alimento é um conjunto de nutrientes, capaz de suprir o corpo. Este se transforma em comida a partir do momento que é dado a ele valores sociais, este quando é visto isolado da comensalidade é notado pelo determinante biológico.

As mulheres da comunidade, comprometidas em desempenhar seu papel de cuidadora, associam os alimentos aos parâmetros propagados pela Ciência da Nutrição como descrito por Carvalho, Luz e Prado (2011), mesmo que de forma inconsciente e incorporada. O alimento é visto como fonte de energia e garantia de saúde. Este fato somado as suas condições de renda e as transformações ocorridas na pesca levam as mulheres a perceberem este alimento como fonte de economia e garantia da segurança alimentar da família.

Impulsionadas pelas suas condições financeiras e por questões de saúde, as mulheres relatam o alto consumo de pescado em ambiente familiar, ao contrário do que é mostrado inicialmente pelos homens. A relação entre o peixe e o consumo alimentar está embutida na relação entre gênero e alimentação.

Para alguns pescadores, o papel da mulher deve ser o do cuidado, não só com a alimentação, com os filhos e com o marido, mas também com o orçamento familiar. Seguindo a ordem social masculina ainda se colocam no papel de provedor e de responsáveis pela família e também pela sua tripulação quando estão embarcados (no caso dos mestres de barcos). Relatam a diminuição do consumo do pescado como resultante dos avanços tecnológicos e da modernidade, trazidos com as transformações sociais ocorridas no município com a chegada das petrolíferas.

Com os problemas enfrentados pela atividade pesqueira no município, os homens passaram a dar um enfoque maior a renda se comparado ao caráter de subsistência conferido ao pescado. Esta nova forma de perceber o produto de seu trabalho trouxe mudanças para a organização da pesca e das famílias desses pescadores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Geertz (1989) aponta a cultura como resultado de teias de significados tecidos pelos homens, assim o estudo das culturas deve ser interpretativo, considerando a história e contexto destas teias. Afirmar que os homens desta comunidade não têm nenhum interesse pelos assuntos ligados à alimentação, seria negar sua cultura e me distanciar da proposta etnográfica de incorporações dos significados sociais na descrição dos fatos.

Em toda a análise de gênero, aponte para a distinção entre masculino e feminino, onde a ordem masculina construída socialmente segmenta os espaços e os papéis de homens e mulheres de forma binária, opondo o homem à mulher, assim como o mar à terra. No entanto, as relações de gênero são construídas socialmente e devem ser analisadas de forma a considerar o todo, relativizando os fatos sociais e as inter-relações construídas entre homens e mulheres.

Difícil perceber as sutilezas do trabalho etnográfico. Buscava falar de alimentação com os homens em ambientes públicos como o cais, a Colônia de Pescadores Z3 e o Mercado Municipal de Peixes. Estes locais são marcados pela masculinidade, são espaços onde os homens são avaliados e demonstram a todo o momento, sua capacidade de se afirmar como homem e como pescador. Nunca falariam sobre assuntos como alimentação e saúde que segundo eles, são de ordem feminina. Ali era um espaço de falar sobre disputas políticas, de espaço, da comercialização do pescado, ou sobre qualquer outro assunto relacionado à manutenção da masculinidade e da dominação masculina.

Foi preciso compreender a dinâmica do trabalho etnográfico para perceber que eles já estavam falando sobre a alimentação, mas com uma linguagem diferente daquela que eu compreendia, falavam na perspectiva do ser homem. Nas embarcações, ambiente em que se sentiam seguros, em pequenos grupos, livres do perigo da avaliação e da desonra, tive acesso ao mundo do pescador. Foi preciso incorporar a teoria e entender que avaliando apenas os homens não teria uma análise detalhada de suas práticas alimentares, pois estaria desconsiderando suas relações, as razões das distinções de papéis e espaços, e suas relações com o feminino. A distinção dos espaços representa apenas uma reprodução da ordem

masculina de organização social. Os homens são os mesmos, independente da postura diferenciada que colocam em cada espaço.

A pesca é a atividade central na vida desses homens, estrutura social estruturada, incorporada, naturalizada e estruturante do *habitus* do pescador. Assim, considerando a teoria de Bourdieu (2009a), estes pescadores possuem uma disposição inerente aos seus sujeitos, construída socialmente, para compreender os fatos de acordo com esta organização naturalizada que eles próprios construíram e reproduzem.

Demonstram e reafirmam as características de masculinidade a que são impostos, como força, agilidade, destreza e inteligência através da atividade laboral. É a pesca que garante seu caráter de provedor e a honra como homem, pois garante o sustento de suas famílias e demonstra sua força e capacidade física como predadores.

A atividade petrolífera transforma não apenas a situação econômica e urbana do município, mas interfere diretamente na organização da pesca. A formação do **todo poderoso adversário**, cria um ambiente de disputas, onde os pescadores precisam lutar para manter seu espaço no mar e a manutenção de seu *habitus* incorporado e estruturado pela dominação masculina.

As modificações na pesca alteram a organização produtiva do pescado fazendo com que cada vez esses homens precisem ir mais longe em busca do pescado. A permanência maior desses homens, fora do ambiente doméstico, traz a necessidade de aproximação com a alimentação, pensada antes como atribuição feminina. Estas modificações ainda se estendem à maneira com que os homens e as mulheres se relacionam com a pesca, que apesar de ser uma atividade estritamente masculina, sempre contou com o apoio feminino, que passa a ser cada vez menor neste ambiente.

Compreender o contexto político enfrentado pelos pescadores em Macaé foi crucial para analisar o processo de aproximação dos homens com a alimentação e perceber as particularidades de suas práticas alimentares. Entender estas práticas alimentares implica em um olhar ampliado para outros fatores como a organização política de disputa de espaço no mar que interfere diretamente na produção e na comercialização do pescado.

Assim como a pesca é área de domínio masculino, onde os homens exercem seu poder, a alimentação no mar também passa a ser dominada por eles. Apesar

desta aproximação com a alimentação, no espaço privado do lar, ela ainda é responsabilidade feminina. As mulheres desempenham o papel de administradoras e asseguradoras da alimentação familiar.

As relações estabelecidas entre os pescadores e a alimentação, suas escolhas e valores simbólicos dados ao alimento e ao comer, ocorrem seguindo a distinção de gênero que coloca o homem como provedor. Assim, os homens presos dentro de preceitos criados pela própria ordem masculina classificam os alimentos de acordo com a potencialidade da sua capacidade física para o trabalho.

A alimentação é vista como uma garantia da força necessária para enfrentar os perigos do mar e a incerteza da pesca, bem como garantir o sustento de suas famílias. Desta forma, os homens estabelecem formas de se organizar socialmente, onde o trabalho está em primeiro plano e a preocupação com saúde e alimentação são fundamentadas na manutenção de sua capacidade produtiva.

A paixão desses homens pelo mar e o esforço diário dedicado à pesca, ajudou no meu processo de entrega ao trabalho. Toda superação que estes homens passam para continuarem vivendo da pesca me ajudou a entender que a alimentação vai muito além da cura e prevenção de doenças.

A aproximação com este universo masculino e o estudo das práticas alimentares dos homens, coloca que a alimentação está incorporada fatores sociais e simbólicos, e não apenas os biológicos e naturais. Estes homens criam maneiras próprias de se organizarem e de perceberem o alimento, fundamentadas em uma hierarquia de gênero, onde o homem é o dominante, o predador dos mares. Apesar de temerem a desonra e buscarem naturalmente manter suas marcas de dominação, criam uma relação que os coloca cada vez mais próximo do universo feminino, pois a tentativa de impor sua dominação nada mais é que o desejo de manter sua postura de provedor e sustentar sua família. Características de masculinidade muito próximas ao espaço do cuidado, papel feminino e estruturante da distinção entre homens e mulheres.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, M. C.; MENASCHE, R. Comida e gênero: repensando teorias e prática. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v.19, n.1, p. 07-13, 2008.

ADOMILLI, Arte de pescar, arte de narrar: notas etnográficas sobre a dimensão cultural do trabalho em uma comunidade pesqueira. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 8, n.16, p. 97-119, 2009.

ANGROSINO, M.; FLICK, U. (Coord.). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARAÚJO, M. F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.

AQUINO, E. M. L. Saúde do homem: uma etapa da medicalização da Sexualidade? **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 19-22, 2005.

BOOG, M. C. F. *et al.* Representações sobre o consumo de frutas, verduras e legumes entre fruticultores de zona rural. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, vol.15, n.2, 2008. p. 85-97.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010. 160 p.

\_\_\_\_\_. Estruturas, *habitus*, práticas. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009a. p.86-107.

\_\_\_\_\_. O capital simbólico. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009, b. p.187-203.

\_\_\_\_\_. *O habitus e o espaço dos estilos de vida*. In: **A Distinção crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2008. p.162-209.

BRASIL. Lei no 10.836, de 9 de janeiro de 2004a, que cria o Programa Bolsa Família, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 9 janeiro de 2004. Disponível em: [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=3093AF4C9F46386AE1807DD3FE92834B.node2?codteor=574778&filename=LegislacaoCita da+-PL+3534/2008](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=3093AF4C9F46386AE1807DD3FE92834B.node2?codteor=574778&filename=LegislacaoCita da+-PL+3534/2008). Acesso em: 08.12.2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Análise da estratégia global para alimentação global para alimentação saudável, atividade física e saúde. 2004 b

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral**

**Saúde do Homem**. Brasília, 2008. Disponível em:  
<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2008/PT-09-CONS.pdf>. Acesso em: 12.11.2009.

\_\_\_\_\_. Lei 11959, de 29 de junho de 2009 que cria o código de pesca. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm). Acesso em: 15.08.2011.

BORGONHA, M. C.; BORGONHA, M. Mulher-pescadora e mulher de pescador: A presença da mulher na pesca artesanal na ilha de São Francisco do Sul, Santa Catarina. *Fazendo gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*; 25 – 28/08; Florianópolis (UFSC). 2008. Disponível em:  
[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Borgonha-Borgonha\\_64.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Borgonha-Borgonha_64.pdf).

CANESQUI, A. M. Comentários sobre os estudos antropológicos da alimentação. In: CANESQUI, A.M.; DIEZ GARCIA, R. W. (Org.) **Antropologia e Nutrição**: um diálogo possível. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 23-48 p.

\_\_\_\_\_. A qualidade dos alimentos: análise de algumas categorias da dietética popular. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.20, n.2, p.203-216, 2007.

CANESQUI, A. M.; DIEZ GARCIA, R. W. Uma introdução à reflexão sobre a abordagem sociocultural da alimentação. In: CANESQUI, A.M.; DIEZ GARCIA, R. W. (Org.) **Antropologia e Nutrição**: um diálogo possível. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 9-22 p.

CANNON, G; LEITZMANN, C. The new nutrition science project. **Public Health Nutrition**, London, v.8, n.6, p. 673-694, set. 2005.

CARRASCO I PONS, S. Pontos de partida teórico-metodológicos para o estudo sociocultural da alimentação em um contexto de transformação. In: CANESQUI, A.M.; DIEZ GARCIA, R. W. (Org.) **Antropologia e Nutrição**: um diálogo possível. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 9-22 p.

CARVALHO, M. C.; LUZ, M. T.; PRADO, S. D. Comer, alimentar e nutrir: categorias analíticas instrumentais no campo da pesquisa científica. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p. 155-163, jan. 2011.

CASTRO, I.R.R; CASTRO, L.C.; GUGELMIN, S.A. Ações educativas, programas e políticas envolvidos nas mudanças alimentares. In: DIEZ-GARCIA, R.W.; CERVATO-MANCUSO, A.M (Org). **Nutrição e Metabolismo**: Mudanças alimentares e educação nutricional. 2.ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2011.

CAVALCANTI, D. R. M. Entre a caça e a pesca: discutindo gênero e pesca feminina no litoral Paraibano. *Fazendo gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*; 25 – 28/08; Florianópolis (UFSC). 2008. Disponível em:  
[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Diego\\_Rocha\\_Medeiros\\_Cavalcanti\\_64.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Diego_Rocha_Medeiros_Cavalcanti_64.pdf). Acesso em: 05.05.2011.

COSTA, A.F. A pesquisa de terreno em sociologia. In: SILVA, A.S.; PINTO, J. M.

(Orgs.) Metodologia das ciências sociais. 12 ed. Porto: Edições Afrontamento, 2003. p.129-148.

COSTA- NETO, E. M. Restrições e preferências alimentares em comunidades de pescadores do município de Conde, estado da Bahia, Brasil. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.13, n.2, p. 117-126, 2000.

DA MATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthopological Blues”. In: NUNES, Edson de oliveira (Org.). **A aventura sociológica** (Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social). 2 ed. Rio de janeiro: Zahar, 1978. p.23-35.

DA MATTA, R. Sobre comidas e mulheres. In: DA MATTA, R. **O que faz o Brasil Brasil**. Rio de Janeiro: Roco, 1986, p. 49- 64.

DIEGUES, A.C. A Sócio-Antropologia das Comunidades de Pescadores Marítimos no Brasil. **Etnográfica**, vol. 3, n.2, p. 361-375, 1999.

DIEZ GARCIA, R. W. Alimentação e saúde nas representações e práticas alimentares do comensal urbano. In: CANESQUI, A. M.; DIEZ GARCIA, R. W. (Org.) **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível**. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 211-226 p.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. 232p.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993. v.2.

FOUCAULT, M. Nós vitorianos. IN: FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985, 6ª. Edição. p.9-18

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FREITAS, M. C. S.; MINAYO, M. C. S.; FONTES, G. A. V. Sobre o campo da Alimentação e Nutrição na perspectiva das teorias compreensivas. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 31-38, jan. 2011.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria das culturas. In: GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**.4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989. 13-41 p.

\_\_\_\_\_. **O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOMES, R.; NASCIMENTO, E. F.; ARAÚJO, F. C. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.23, n.3, p. 565-574, 2007.

GUGELMIN, S. A. Projeto de pesquisa: **Cultura e práticas alimentares em comunidades tradicionais das regiões sudeste e centro-oeste do Brasil**. 2010.

IBGE. *Cidades @*. [acesso em 2012 jul 03]. Macaé- RJ. [aproximadamente 5 telas]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

JOMORI, M. M.; PROENÇA, R. P. C.; CALVO, M. C. M. Determinantes de escolha alimentar. **Revista Nutrição**, Campinas, v.21, n 1, p.63-73, jan./fev. 2008.

LANG, T; BARLING, D; CARAHER, M. **Food policy: integrating health, environment and society**. Oxford: Oxford University Press., 2009. 307p.

LAURENTI, R.; JORGE, M. H. P. M.; GOLTLIEB, S. L. D. Perfil epidemiológico da morbi-mortalidade masculina. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 35-46, 2005.

LEITÃO, M. R. F. A. **Gênero e pesca: 30 anos de registro geral da pesca**. Fazendo gênero 9– Diásporas, diversidades, deslocamentos; 23-26/08; Florianópolis (UFSC). 2010. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278250506\\_ARQUIVO\\_ROSA\\_RIO\\_Texto\\_Competo\\_FG9.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278250506_ARQUIVO_ROSA_RIO_Texto_Competo_FG9.pdf)

LÉVI-STRAUSS, C. **O triângulo culinário**. In: Cordier S, organizador. *Lévi-Strauss*. São Paulo: [s.n.]; 1968.

LOPES, V.F.M. *et al.* Dinâmicas territoriais e organização dos Pescadores: A experiência da rede solidária da pesca no Brasil. **Revista da Gestão Integrada**, Santa Catarina , v.11, n.2, p.187-196, 2011.

MACAÉ. Prefeitura. [atualizada em 2011 dez 01; acesso em 2011 dez 12] Futuro com qualidade de vida; [aproximadamente 2 telas]. Disponível em: <http://www.macaerj.gov.br>.

\_\_\_\_\_. Prefeitura. [atualizada em 2012, a. mar 01; acesso em 2012 mar 03] Futuro com qualidade de vida; [aproximadamente 2 telas]. Disponível em: <http://www.macaerj.gov.br>.

\_\_\_\_\_. Prefeitura. **Futuro com qualidade de vida**. Macaé: Prefeitura, 2012b. (Anexo D).

MACAENEWS. MP investiga irregularidades administrativas do Mercado de Peixe. [acesso em 2012 abril 04] Últimas notícias [aproximadamente 1 tela]. Disponível em: [http://macaenews.com.br/ver\\_not.php?id=81711&ed=Geral&cat=Not%EDcias](http://macaenews.com.br/ver_not.php?id=81711&ed=Geral&cat=Not%EDcias)

\_\_\_\_\_. Frente de trabalho nas lagoas e rios de Quissamã. [acesso em 2010 jul 08] Últimas notícias [aproximadamente 1 tela]. Disponível em: [http://www.macaenews.com.br/ver\\_not.php?id=62532&ed=Geral&cat=Not%EDcias](http://www.macaenews.com.br/ver_not.php?id=62532&ed=Geral&cat=Not%EDcias)

MACIEL, M. E. Identidade cultural e alimentação. In: CANESQUI, A.M.; DIEZ GARCIA, R. W. (Org.) **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível**. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p.49-56

MACIEL, M. E. Churrasco à Gaúcha. In: MONTEBELLO, N. P.; COLLAÇO, J. H.L. (Org.). **Gastronomia: Cortes e Recortes II**. Brasília, 2008, v. 2, p. 97-118.

MOTTA-MAUÉS, M. A. pesca de homem - peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. **Etnográfica**, Portugal, v.3, n. 2, p. 377-399, 1999.

NARDI, H. C. O *ethos* masculino e o adoecimento relacionado ao trabalho. In: DUARTE, L. F.D; LEAL, O. F.(Org.). **Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998. p.104.

PAGANOTO, F. Para quem Macaé cresceu? Mobilidade e trabalho na “Capital do Petróleo”. Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu, Brasil. 2008 set 29- out 03 out.

PETROBRÁS. Projeto de comunicação social das atividades e dos empreendimentos da Petrobrás na Bacia de Campos. **Rede Comunidade**, ano 0, vol.2, 2009.

\_\_\_\_\_. Nossa História. [acesso em 2012 mai 08] Viagem no tempo e conheça a Petrobrás; [aproximadamente 7 telas]. Disponível em:  
<http://www.petrobras.com.br/pt/quem-somos/nossa-historia/>

PINHEIRO, L. Gênero e divisão do trabalho na pesca artesanal de arrastão de praia, litoral do Paraná. Fazendo gênero 8 – Corpo, Violência e Poder; 25 – 28/08; Florianópolis (UFSC). 2008. Disponível em:  
[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Luciana\\_Pinheiro\\_64.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Luciana_Pinheiro_64.pdf)

ROMANELLI, G. O significado da alimentação na família: uma visão antropológica. **Revista Medicina**, Ribeirão Preto, v.39, n. 3, p. 333-339, 2006.

RUFINO, D. M. **Estratégias de organização das mulheres e dos homens pescadores do Careiro de Várzea/AM**. Fazendo gênero – Corpo, Violência e Poder; 25 – 28/08; Florianópolis (UFSC). 2008. Disponível em:  
[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Dilton\\_Mota\\_Rufino\\_64.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Dilton_Mota_Rufino_64.pdf)

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto alegre, v.16, n. 2, p. 5-22, 1995.

SCHRAIBER, L. B; GOMES, R.; COUTO, M. T. Homens e saúde na pauta da saúde coletiva. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 7-17, 2005.

SERRAMACAENSE. A descoberta de Macaé [acesso em 2011 ago 08] História de Macaé; [aproximadamente 3 telas]. Disponível em:  
<http://www.serramacaense.com.br>

SILIPRANDI, E. Políticas de segurança alimentar e reações de gênero. **Cadernos de Debate**, Local, v.11, [s/n], p. 38-57, 2004.

SILVA, J. M. C. *et al.* **Impactos ambientais da exploração e produção de petróleo na Bacia de Campos**, RJ. IV Encontro Nacional da Anppas; 4-6/07; Brasília – DF.

2008. Disponível em:

<http://www.projetopolen.com.br/materiais/artigos/Impactos%20Ambientais%20da%20Exploracao%20e%20Producao%20de%20Petroleo%20na%20Bacia%20de%20Campos,%20RJ..pdf>. Acesso em: 05.05.2011.

VERA, P. S. *Gênero, classe y gusto alimentario. Uma aproximación teórica*. Caderno Espaço Feminino, v.19, n.01, 2008. p.175-196.

WEDIG, J. C.; MARTINS, V. S.; MENASCHE, R. **Plantar, criar, comer:**

**classificações da comida e das pessoas no interior de famílias rurais.**

Fazendo gênero 9– Diásporas, diversidades, deslocamentos; 23-26/08; Florianópolis (UFSC). 2010. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST6/Wedig-Martins-Menasche\\_06.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST6/Wedig-Martins-Menasche_06.pdf)

WOORTMANN, E. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades “pesqueiras”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 7, n.18, p.41-60, 1992.

WOORTMANN, K. Quente, frio e reimoso: alimentos, corpo humano e pessoas.

**Revista Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 19, n.01, p.17-30, jan./jul. 2008.

## APÊNDICE A - ROTEIRO PARA DOMICÍLIO COMUNIDADE PESQUEIRA

Este roteiro é um guia para ser utilizado durante as visitas nos domicílios. O pesquisador treinado para o trabalho etnográfico fará um levantamento destas informações por meio de observação e entrevista com o chefe ou responsável da família das comunidades pesqueiras. Este roteiro poderá ser alterado conforme as observações realizadas durante a primeira etapa de trabalho de campo, principalmente no que tange às práticas e à segurança alimentar.

PESQUISADOR: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

### *Caracterização do Domicílio*

- Casa (própria, alugada, cedida, outro)
- Estrutura do domicílio (número de pessoas no domicílio, número de cômodos na casa e número de banheiros)
- Saneamento básico (Abastecimento e tratamento de água e esgoto, coleta de lixo)
- Tipo de fornecimento de energia.

### *Caracterização social e econômica*

- Naturalidade
- Estado civil
- Participação em algum grupo social (associação, cooperativa, sindicato, ONG)
- Renda per capita domicílio
- Atividade laboral (proprietário de barco, prestador de serviços, tipo de atividade, atravessador)
- Benefícios sociais (aposentadoria, pensão, PBF, auxílio moradia, defeso, cesta de alimentos)

### *Caracterização das práticas alimentares*

Serão abordados temas relativos às refeições, à compra de alimentos, à seleção de preparações, às receitas, às ideologias alimentares, às percepções sobre o comer e o cozinhar. Algumas questões:

Como é a alimentação em sua casa (café da manhã, almoço, jantar, lanches, festas, fim de semana)?

Onde e com quem você come? Quem prepara? A que horas acontece as refeições? Algo muda nos finais de semana?

Existem preparações alimentares especiais? Por quê? Com quem aprendeu? Para quem?

A alimentação hoje é diferente da alimentação de sua infância? O que mudou?

Como você vê sua alimentação hoje?

*Observar e perguntar questões relacionadas a:*

#### *Preparo e consumo da comida*

- Utensílios
- Técnicas de preparo e receitas
- Atores responsáveis pela preparação
- Local de preparo e distribuição
- Como os alimentos são servidos (quem serve, como serve, utensílios)
- Relações sociais na distribuição dos alimentos (prioridade, seleção dos alimentos, comer junto – separado)
- Estrutura das refeições (tipo e sequência de alimentos ou preparações em cada refeição)



- Destino das sobras da comida

#### *Atitudes gerais no modo de comer*

- Restrições alimentares
- Proibições (fases da vida, estado fisiológico)
- Restrições religiosas
- Festividades (momentos de comensalidade)
- Utilização de alimentos como medicamentos (quem detém o conhecimento?)
- Relações entre práticas alimentares e saúde

#### *Segurança Alimentar e Nutricional*

- Horticultura (produtos; recursos e técnicas usados no plantio)
- Caça e Pesca
- Aquisição de alimentos (acesso ao mercado, locais de compra, distância, preços)
- Itens produzidos
- Divisão do trabalho em cada atividade de produção
- Relação entre produção para consumo e produção para venda
- Responsável pelas atividades acima
- Recebe ajuda para sobrevivência (de quem, tipo de ajuda, tempo)
- Recebe algum benefício social (regularidade, quanto, destino do benefício)
- Frequenta cozinha comunitária, restaurante popular, banco de alimentos, feira e mercado popular; creche, escola
- Acesso a serviços e práticas de saúde.

## ROTEIRO PARA PESCADORES DA COMUNIDADE Z3 EM MACAÉ

Este roteiro é um guia para ser utilizado durante as entrevistas com os pescadores. O pesquisador treinado para o trabalho etnográfico fará um levantamento destas informações por meio de observação e entrevista com o pescador. Este roteiro poderá ser alterado conforme as observações realizadas durante a primeira etapa de trabalho de campo, principalmente no que tange às práticas e à segurança alimentar.

PESQUISADOR: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

### *Caracterização do Entrevistado*

- Nome
- Idade
- Estado civil
- Número de filhos
- Naturalidade

### *Atividade pesqueira*

- Modalidade de pesca
- Tempo de pesca
- Tempo que passa em média no mar em cada pescaria
- Função exercida na pesca

### *Caracterização das práticas alimentares*

Serão abordados temas relativos às refeições, à compra de alimentos, à seleção de preparações, às receitas, às ideologias alimentares, às percepções sobre o comer e o cozinhar. Algumas questões:

Como é a alimentação no mar e em sua casa (café da manhã, almoço, jantar, lanches, festas, fim de semana)?

Onde e com quem você come? Quem prepara? A que horas acontece as refeições? Algo muda nos finais de semana? (No mar e em casa)

Existem preparações alimentares especiais? Por quê? Com quem aprendeu? Para quem?

A alimentação hoje é diferente da alimentação de sua infância? O que mudou?

Como você vê sua alimentação hoje?

*Observar e perguntar questões relacionadas a:*

*Preparo e consumo da comida no mar e em casa*

- Utensílios
- Técnicas de preparo e receitas
- Atores responsáveis pela preparação
- Local de preparo e distribuição
- Como os alimentos são servidos (quem serve, como serve, utensílios)
- Relações sociais na distribuição dos alimentos (prioridade, seleção dos alimentos, comer junto – separado)
- Estrutura das refeições (tipo e sequência de alimentos ou preparações em cada refeição)
- Destino das sobras da comida

*Atitudes gerais no modo de comer no mar e em casa*

- Restrições alimentares
- Proibições (fases da vida, estado fisiológico)
- Restrições religiosas

- Festividades (momentos de comensalidade)
- Utilização de alimentos como medicamentos (quem detém o conhecimento?)
- Relações entre práticas alimentares e saúde

### *Segurança Alimentar e Nutricional*

- Horticultura (produtos; recursos e técnicas usados no plantio)
- Caça e Pesca
- Aquisição de alimentos (acesso ao mercado, locais de compra, distância, preços)
- Itens produzidos
- Divisão do trabalho em cada atividade de produção
- Relação entre produção para consumo e produção para venda
- Responsável pelas atividades acima
- Recebe ajuda para sobrevivência (de quem, tipo de ajuda, tempo)
- Recebe algum benefício social (regularidade, quanto, destino do benefício)
- Frequenta cozinha comunitária, restaurante popular, banco de alimentos, feira e mercado popular; creche, escola
- Acesso a serviços e práticas de saúde.

## APÊNDICE B



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento me informa sobre a pesquisa “*Cultura e práticas alimentares em comunidades tradicionais das regiões sudeste e centro-oeste do Brasil*” realizada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em conjunto com as universidades federais do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Mato Grosso (UFMT) e pede a minha autorização para a sua realização.

Após a leitura deste documento e explicação do pesquisador entendo que esta pesquisa quer conhecer a situação alimentar de minha comunidade. Entendo também que conhecendo melhor esta realidade, o trabalho dos professores, agentes de saúde, nutricionistas, médicos e enfermeiros será facilitado.

Entendo que o pesquisador fará entrevistas e encontros com algumas pessoas perguntando sobre: as condições de vida na comunidade, o plantio de alimentos nas roças e no quintal, a compra, a coleta, a caça e pesca, como preparam e comem os alimentos, o que pensam sobre segurança alimentar, alimentos e receitas tradicionais. Além disso, o pesquisador ficará observando o dia-a-dia da comunidade e em alguns momentos fará o registro fotográfico e filmará situações que envolvam alimentação.

Entendo que as minhas dúvidas ou de outras pessoas serão respondidas, sempre que for pedido. A participação nesta pesquisa é livre e espontânea, ou seja, posso desistir a qualquer momento, sem que isso traga problemas para mim ou minha família e comunidade. O pesquisador também explicou que toda informação fornecida será guardada em segredo e utilizada apenas para pesquisa. O nome das pessoas não será divulgado em nenhum momento e que não receberei nenhum pagamento para participar desta pesquisa. Os resultados desta pesquisa serão entregues às lideranças e equipe de saúde e educação, e serão divulgados em revistas e livros.

Assim após a leitura e tendo concordando com a realização do estudo, declaro que recebi uma cópia deste documento.

Nome completo: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Comunidade: \_\_\_\_\_

Nome do pesquisador: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

Qualquer dúvida entre em contato com a professora Silvia Ângela Gugelmin no:

**Instituto de Nutrição/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
**Rua São Francisco Xavier, 524 – 12º andar – Bloco D – Sala 12.007.**  
 Rio de Janeiro – RJ CEP: 22.550-013 Tel.: (21) 2334-0063 Ramal 220

Caso não consiga encontrar a professora, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa/UERJ. Rua São Francisco Xavier, 524, bloco E, sala 3020. Maracanã - Rio de Janeiro. Tel. (21) 2569-3490.

**ANEXO A - Documento de registro de doação de cestas básicas e material de pesca para os pescadores pela Associação Mista de Pescadores e pela Colônia de pescadores Z3.**

Ministério da Agricultura  
ASSOCIAÇÃO MISTA DE PESCADORES DE MACAÉ  
Rua Marlon Nº 47  
Barra de Macaé - Macaé-RJ-Cep: 279000-00  
CNPJ: 075162251/0001-72

**DECLARAÇÃO DE APOIO AO PESCADOR(A) E QUEM VIVE DA PESCA**

Eu \_\_\_\_\_, portador  
do CPF \_\_\_\_\_, residente na \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ bairro \_\_\_\_\_ cidade \_\_\_\_\_  
Declaro para os devidos fins que recebi da Associação Mista de  
Pescadores da Barra de Macaé-RJ, no dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Macaé-RJ: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



Ministério da Agricultura  
COLÔNIA DE PESCADORES Z-3  
Rua Dr. Julio Olivier, nº 148 – Tel/ Fax: (22) 2772-1700.  
Centro-Macaé-RJ-CEP: 27-913-162  
CNPJ: 30.405.179/0001-28  
E-mail coloniadespesca@bol.com.br

**DECLARAÇÃO DE APOIO AO PESCADOR (A) E QUEM VIVE DA PESCA**

Eu, \_\_\_\_\_, portador  
do CPF \_\_\_\_\_, residente na \_\_\_\_\_  
bairro \_\_\_\_\_ cidade \_\_\_\_\_

Declaro para os devidos fins que recebi da Colônia de Pescadores Z-3 de  
Macaé-RJ, no dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Macaé-RJ: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## ANEXO B- Rota de embarcadores, grandes embarcações e atividade sísmica realizada no mar pelas petrolíferas

### A PESQUISA SÍSMICA MARÍTIMA

O objetivo desta pesquisa sísmica marítima é avaliar as características dos reservatórios de petróleo para otimização da produção.

A pesquisa sísmica baseia-se em um método acústico. As ondas sonoras são geradas por uma fonte que libera ar comprimido, diretamente na água. Essas ondas sonoras atingem o fundo do mar, penetram nas camadas rochosas do subsolo marinho e são refletidas de volta. As ondas sonoras refletidas são registradas pelos sensores (hidrofones) presentes nos cabos sísmicos, sendo convertidas em sinais digitais que serão posteriormente processados e interpretados por especialistas

#### Coordenadas dos Vértices das Áreas de Aquisição Sísmica

PAMPO BADEJO/LINGUADO		
VÉRTICE	LATITUDE - S	LONGITUDE - W
1	22°50'28,03"	40°39'18,40"
2	22°53'41,10"	40°47'38,02"
3	22°51'56,61"	40°48'25,08"
4	22°53'30,54"	40°52'38,78"
5	22°49'38,61"	40°59'41,21"
6	22°38'44,35"	40°52'57,19"
7	22°37'07,97"	40°46'49,03"
8	22°51'01,01"	40°51'01,01"
9	22°43'00,51"	40°42'35,47"

ATIVO NORTE		
VÉRTICE	LATITUDE - S	LONGITUDE - W
1	22°33'20,33"	40°37'30,53"
2	22°20'05,94"	40°28'24,19"
3	22°21'24,18"	40°26'12,63"
4	22°20'05,18"	40°25'18,41"
5	22°22'19,83"	40°21'31,49"
6	22°23'38,97"	40°22'55,52"
7	22°26'56,74"	40°16'51,41"
8	22°40'11,62"	40°28'57,16"

VIOLA		
VÉRTICE	LATITUDE - S	LONGITUDE - W
1	22°25'00,76"	40°22'56,09"
2	22°15'52,33"	40°16'40,43"
3	22°20'54,66"	40°07'54,02"
4	22°30'09,97"	40°14'13,88"

MARIMBÁ/PIRAÚNA		
VÉRTICE	LATITUDE - S	LONGITUDE - W
1	40°33'24,09"	40°33'24,09"
2	40°33'58,26"	40°33'58,26"
3	40°45'44,568"	40°45'44,568"
4	40°50'46,40"	40°50'46,40"
5	22°56'15,49"	40°46'56,44"
6	22°55'00,94"	40°49'05,89"
7	22°46'33,33"	40°43'03,85"
8	22°47'30,51"	40°41'26,72"
9	22°41'15,01"	40°37'28,09"
10	22°40'54,41"	40°39'04,64"
11	40°35'35,74"	40°37'28,45"
12	40°35'35,74"	40°35'35,74"
13	22°34'28,12"	40°36'09,68"
14	22°35'33,47"	40°34'19,98"

#### Coordenadas dos Vértices das Áreas de Atividade (Área de Manobras + Área de Aquisição)

PAMPO BADEJO/LINGUADO		
VÉRTICE	LATITUDE - S	LONGITUDE - W
PM1	23°09'40,06"	40°50'48,38"
PM2	22°59'51,23"	40°51'37,44"
PM3	22°59'25,35"	40°53'09,69"
PM4	22°51'31,22"	41°07'32,88"
PM5	22°34'34,48"	40°57'04,24"
PM6	22°30'08,07"	40°45'37,95"
PM7	22°37'13,78"	40°42'28,74"
PM8	22°36'03,09"	40°39'21,72"
PM9	22°53'18,00"	40°31'45,36"

ATIVO NORTE		
VÉRTICE	LATITUDE - S	LONGITUDE - W
AN1	22°42'35,02"	40°24'08,95"
AN2	22°34'55,60"	40°45'28,84"
AN3	22°12'42,80"	40°30'11,10"
AN4	22°14'00,77"	40°27'59,82"
AN5	22°12'41,92"	40°27'05,67"
AN6	22°20'43,30"	40°13'34,558"
AN7	22°22'02,40"	40°14'28,56"
AN8	22°25'20,27"	40°08'53,62"

VIOLA		
VÉRTICE	LATITUDE - S	LONGITUDE - W
VL1	22°37'32,86"	40°12'25,18"
VL2	22°26'36,64"	40°30'53,63"
VL3	22°08'33,01"	40°18'30,66"
VL4	22°19'14,27"	39°59'54,42"

MARIMBÁ/PIRAÚNA		
VÉRTICE	LATITUDE - S	LONGITUDE - W
MPI1	22°36'32,69"	40°19'41,20"
MPI2	23°02'16,59"	40°43'53,03"
MPI3	22°42'27,22"	40°56'06,27"
MPI4	22°57'57,22"	40°55'04,27"
MPI5	22°56'40,14"	40°52'17,65"
MPI6	22°40'17,06"	40°45'32,57"
MPI7	22°39'41,99"	40°46'34,71"
MPI8	22°27'03,17"	40°37'58,18"
MPI9	22°28'09,32"	40°36'07,39"
MPI10	22°27'14,25"	40°35'29,61"





**Material coletado na subsecretaria da pesca, Macaé, 2011.**

**ANEXO C- Lista de espécies de pescados capturados no mar e desembarcados no cais do Mercado Municipal de Peixes de Macaé.**

PLANILHA DE PRODUÇÃO PESCADO MACAÉ - RJ			
MÊS:		2009	
Nº	ESPECIE	QUANTIDADE	QUANTIDADE
1	Abroeta		48 Namorado
2	Albacora		49 Olhete
3	Anchova		50 Olho de boi
4	Arraia		51 Olho de cão
5	Atum		52 Palombeta
6	Avaquara		53 Pampo
7	Badejo		54 Pargo
8	Bagre		55 Pegereba
9	Baiacu		56 Peruá
10	Bonito serra		57 Pescadinha Bicuda
11	Batata		58 Pescada Grande
12	Bijuripa		59 Pescada Guambaço
13	Camarão sete barba		60 Pescada Pequena
14	Cação		61 Pescadinha
15	Cação anjo		62 Piragica
16	Cação viola		63 Pintangola
17	Camarão barba ruça		64 Polvo
18	Camarão Rosa		65 Queimado
19	Cangurupi		66 Robalo
20	Carapeba		67 Roncador
21	Caratinga		68 Sapo
22	Castanha		69 Sarda
23	Cavala		70 Sardinha da Boca Torta
24	Cavalinha		71 Sardinha Lage
25	Cherne		72 Sardinha Maromba
26	Congro Rosa		73 Sargo
27	Corvina		74 Siri
28	Corvinota		75 Solteira
29	Dourado		76 Tainha
30	Espada		77 Tira Vira
31	Faneca		78 Ubarana
32	Galo		79 Vermelho Caranha
33	Garoupa		80 Xareu
34	Goete V		81 Xarelete
35	Gordinho		82 Folha de Sangue
36	Graçaira		83 Trombeta
37	Guaibira		84 Cocoroca
38	Lagosta		85 Carapicu
39	Linguado		86 Camarão VG
40	Linguado pequeno		87 V.Cabrinha
41	Lírio		88 Papa Terra
42	Lula		89 Enxada
43	Marimba		90 Moracel
44	Marlin		91 Trilha
45	Meca		92 Peroá Leste
46	Mistura		93 Bonito Serra
47	Maria mole		94 Sicharro

**Material doado por um informante da pesquisa, Macaé, 2011.**

**PLANEJANDO MACAÉ.  
CRESCER SEM PERDER  
QUALIDADE DE VIDA.**

Quando a gente olha em volta vê que tudo ou quase tudo pode ser melhor. Na nossa casa, na nossa rua, no nosso bairro, na nossa cidade toda. É por isso que Macaé está sendo planejada. Mas enquanto o futuro não chega, já temos muita coisa ao redor para mostrar que estamos no caminho certo.

Macaé tem o melhor Hospital Público da região, o Pronto Socorro Infantil, o Hospital da Serra e a UPA 24 Horas da Barra. E vem aí a UPA do Lagomar, numa parceria com o Governo do Estado, e mais uma UPA pelo PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento do Governo Federal.

Tem a Cidade Universitária, nenhuma criança fora da escola e a melhor merenda do Brasil. E uma das cidades que mais crescem no País. A que gera mais emprego e renda em todo o estado. E a nossa qualidade de vida é a melhor do estado, segundo a Firjan – Federação das Indústrias do Rio de Janeiro. Para nos colocar em primeiro lugar, a Firjan pesquisou os bons resultados que nós alcançamos em Educação, Saúde, Emprego e Renda. Mas é claro que ainda não estamos satisfeitos com isso, porque há muito mais a fazer. O que nós queremos é melhorar o que já está bom. E aprimorar tudo aquilo que ainda não está como nós desejamos.





O maior projeto de planejamento feito na história da cidade quer transformar em soluções os desafios do nosso crescimento. Daqui para a frente nós vamos mostrar a você o projeto em todos os detalhes. O que nós vamos dar aqui é só uma pequena amostra:



**Programa Água Limpa.**  
O fim das inundações, com as ruas sendo apenas ruas e os rios de chuva indo para o rio.



**Reforma da Orla da Imbetiba.**  
Com uma Plataforma Cultural, campo de areia, abrigos novos de ônibus, ciclovia e estacionamento.



**Mercado de Peixes.**  
Os frutos da pesca e da cultura reunidos no mesmo projeto.



**Metrô Macaé.**  
Quarenta minutos a menos na ida ao trabalho e na volta para casa.



**Reurbanização do Calçadão da Rui Barbosa.**  
Vai ser mais prazeroso circular por aqui.



**Plataforma Cultural.**  
Intervenções no Parque da Cidade e muitas outras obras que vão proporcionar uma vida melhor aos macaenses.

**Material coletado nas ruas da cidade, Macaé, 2011.**